

8

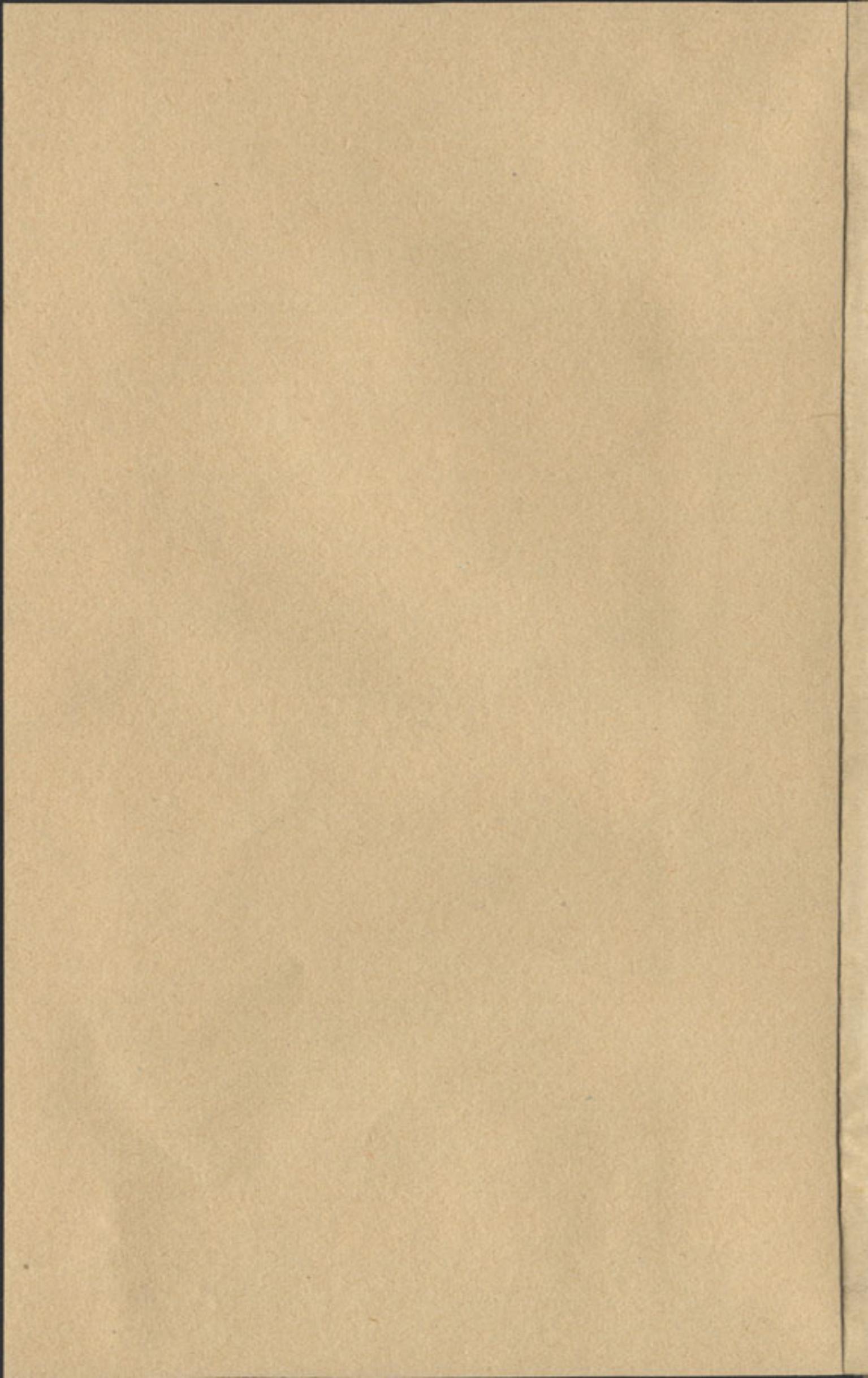
118

2

8

118

2



ANUÁRIO

DE

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

—•—
1912-1913

ANUARIO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANUARIO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1913-1914



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



ANUÁRIO

DA

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

Ano lectivo de 1912-1913



23 JUN 20

COÍMBRA

Imprensa da Universidade

1913

ANUÁRIO

40

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ano lectivo de 1912-1913



COIMBRA

Imprensa da Universidade

1913

CALENDARIO

ALBERT DARRIO

Faint, illegible text visible on the right side of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

ANO LECTIVO DE 1912-1913

OUTUBRO

1 Terça feira. 2 Quarta feira. 3 Quinta feira. 4 Sexta feira. 5 Sábado. — 2. ^o <i>aniversário da</i> <i>proclamação</i> <i>da República</i> <i>portuguesa.</i> 6 Domingo. 7 Segunda feira. 8 Terça feira. 9 Quarta feira.	10 Quinta feira. 11 Sexta feira. 12 Sábado. 13 Domingo. 14 Segunda feira. 15 Terça feira. 16 Quarta feira. — <i>Principiam os</i> <i>exercícios es-</i> <i>colares.</i> 17 Quinta feira. 18 Sexta feira. 19 Sábado.	20 Domingo. 21 Segunda feira. 22 Terça feira. 23 Quarta feira. 24 Quinta feira. 25 Sexta feira. 26 Sábado. 27 Domingo. 28 Segunda feira. 29 Terça feira. 30 Quarta feira. 31 Quinta feira.
--	---	---

NOVEMBRO

1 Sexta feira. 2 Sábado. 3 Domingo. 4 Segunda feira. 5 Terça feira. 6 Quarta feira. 7 Quinta feira. 8 Sexta feira. 9 Sábado. 10 Domingo.	11 Segunda feira. 12 Terça feira. 13 Quarta feira. 14 Quinta feira. 15 Sexta feira. 16 Sábado. 17 Domingo. 18 Segunda feira. 19 Terça feira. 20 Quarta feira. 21 Quinta feira.	22 Sexta feira. 23 Sábado. 24 Domingo. 25 Segunda feira. 26 Terça feira. 27 Quarta feira. 28 Quinta feira. 29 Sexta feira. 30 Sábado.
---	--	---

DEZEMBRO

1 Domingo.— <i>Con-</i> <i>sagrado à au-</i> <i>tonomia da</i> <i>Pátria portu-</i> <i>guesa.</i> 2 Segunda feira. 3 Terça feira. 4 Quarta feira.	5 Quinta feira. 6 Sexta feira. 7 Sábado. 8 Domingo. 9 Segunda feira. 10 Terça feira. 11 Quarta feira.	12 Quinta feira. 13 Sexta feira. 14 Sábado. 15 Domingo. 16 Segunda feira. 17 Terça feira. 18 Quarta feira.
--	---	--

19 Quinta feira.	24 Terça feira.	28 Sábado.
20 Sexta feira.	25 Quarta feira. —	
21 Sábado.	<i>Consagrado à</i>	29 Domingo.
	<i>família.</i>	30 Segunda feira.
22 Domingo.	26 Quinta feira.	31 Terça feira.
23 Segunda feira.	27 Sexta feira.	

JANEIRO

1 Quarta feira. —	12 Domingo.	26 Domingo.
<i>Consagrado à</i>	13 Segunda feira.	27 Segunda feira.
<i>fraternidade</i>	14 Terça feira.	28 Terça feira.
<i>universal.</i>	15 Quarta feira.	29 Quarta feira.
2 Quinta feira.	16 Quinta feira.	30 Quinta feira.
3 Sexta feira.	17 Sexta feira.	31 Sexta feira. —
4 Sábado.	18 Sábado.	<i>Consagrado</i>
		<i>aos percurso-</i>
5 Domingo.	19 Domingo.	<i>res e aos már-</i>
6 Segunda feira.	20 Segunda feira.	<i>tires da Repú-</i>
7 Terça feira.	21 Terça feira.	<i>blica.</i>
8 Quarta feira.	22 Quarta feira.	
9 Quinta feira.	23 Quinta feira.	
10 Sexta feira.	24 Sexta feira.	
11 Sábado.	25 Sábado.	

FEVEREIRO

1 Sábado.	10 Segunda feira.	20 Quinta feira.
2 Domingo.	11 Terça feira.	21 Sexta feira.
3 Segunda feira.	12 Quarta feira.	22 Sábado.
4 Terça feira.	13 Quinta feira.	
5 Quarta feira.	14 Sexta feira.	23 Domingo.
6 Quinta feira.	15 Sábado.	24 Segunda feira.
7 Sexta feira.	16 Domingo.	25 Terça feira.
8 Sábado.	17 Segunda feira.	26 Quarta feira.
	18 Terça feira.	27 Quinta feira.
9 Domingo.	19 Quarta feira.	28 Sexta feira.

MARÇO

1 Sábado.	4 Terça feira.	8 Sábado.
	5 Quarta feira.	
2 Domingo.	6 Quinta feira.	9 Domingo.
3 Segunda feira.	7 Sexta feira.	10 Segunda feira.

11 Terça feira.	18 Terça feira.	25 Terça feira.
12 Quarta feira.	19 Quarta feira.	26 Quarta feira.
13 Quinta feira.	20 Quinta feira.	27 Quinta feira.
14 Sexta feira.	21 Sexta feira.	28 Sexta feira.
15 Sábado.	22 Sábado.	29 Sábado.
16 Domingo.	23 Domingo.	30 Domingo.
17 Segunda feira.	24 Segunda feira.	31 Segunda feira.

ABRIL

1 Terça feira.	12 Sábado.	22 Terça feira.
2 Quarta feira.	13 Domingo.	23 Quarta feira.
3 Quinta feira.	14 Segunda feira.	24 Quinta feira.
4 Sexta feira.	15 Terça feira.	25 Sexta feira.
5 Sábado.	16 Quarta feira.	26 Sábado.
6 Domingo.	17 Quinta feira.	27 Domingo.
7 Segunda feira.	18 Sexta feira.	28 Segunda feira.
8 Terça feira.	19 Sábado.	29 Terça feira.
9 Quarta feira.	20 Domingo.	30 Quarta feira.
10 Quinta feira.	21 Segunda feira.	
11 Sexta feira.		

MAIO

1 Quinta feira. — <i>Feriado escolhido pelo Município de Coimbra.</i>	7 Quarta feira.	19 Segunda feira.
2 Sexta feira.	8 Quinta feira.	20 Terça feira.
3 Sábado. — <i>Aniversário da descoberta do Brasil.</i>	9 Sexta feira.	21 Quarta feira.
4 Domingo.	10 Sábado.	22 Quinta feira.
5 Segunda feira.	11 Domingo.	23 Sexta feira.
6 Terça feira.	12 Segunda feira.	24 Sábado.
	13 Terça feira.	25 Domingo.
	14 Quarta feira.	26 Segunda feira.
	15 Quinta feira.	27 Terça feira.
	16 Sexta feira.	28 Quarta feira.
	17 Sábado.	29 Quinta feira.
	18 Domingo.	30 Sexta feira.
		31 Sábado.

JUNHO

1 Domingo.	5 Quinta feira.	8 Domingo.
2 Segunda feira.	6 Sexta feira.	9 Segunda feira.
3 Terça feira.	7 Sábado.	10 Terça feira.
4 Quarta feira.		11 Quarta feira.

12 Quinta feira.	19 Quinta feira.	26 Quinta feira.
13 Sexta feira.	20 Sexta feira.	27 Sexta feira.
14 Sábado.	21 Sábado.	28 Sábado.
15 Domingo.	22 Domingo.	29 Domingo.
16 Segunda feira.	23 Segunda feira.	30 Segunda feira.—
17 Terça feira.	24 Terça feira.	<i>Terminam as</i>
18 Quarta feira.	25 Quarta feira.	<i>aulas.</i>

JULHO

1 Terça feira.	12 Sábado.	22 Terça feira.
2 Quarta feira.	13 Domingo.	23 Quarta feira.
3 Quinta feira.	14 Segunda feira.	24 Quinta feira.
4 Sexta feira.	15 Terça feira.	25 Sexta feira.
5 Sábado.	16 Quarta feira.	26 Sábado.
6 Domingo.	17 Quinta feira.	27 Domingo.
7 Segunda feira.	18 Sexta feira.	28 Segunda feira.
8 Terça feira.	19 Sábado.	29 Terça feira.
9 Quarta feira.	20 Domingo.	30 Quarta feira.
10 Quinta feira.	21 Segunda feira.	31 Quinta feira.

AGOSTO

1 Sexta feira.	11 Segunda feira.	22 Sexta feira.
2 Sábado.	12 Terça feira.	23 Sábado.
3 Domingo.	13 Quarta feira.	24 Domingo.
4 Segunda feira.	14 Quinta feira.	25 Segunda feira.
5 Terça feira.	15 Sexta feira.	26 Terça feira.
6 Quarta feira.	16 Sábado.	27 Quarta feira.
7 Quinta feira.	17 Domingo.	28 Quinta feira.
8 Sexta feira.	18 Segunda feira.	29 Sexta feira.
9 Sábado.	19 Terça feira.	30 Sábado.
10 Domingo.	20 Quarta feira.	31 Domingo.
	21 Quinta feira.	

SETEMBRO

1 Segunda feira.	7 Domingo.	13 Sábado.
2 Terça feira.	8 Segunda feira.	14 Domingo.
3 Quarta feira.	9 Terça feira.	15 Segunda feira.
4 Quinta feira.	10 Quarta feira.	16 Terça feira.
5 Sexta feira.	11 Quinta feira.	17 Quarta feira.
6 Sábado.	12 Sexta feira.	

18 Quinta feira.	22 Segunda feira.	27 Sábado.
19 Sexta feira.	23 Terça feira.	
20 Sábado.	24 Quarta feira.	23 Domingo.
	25 Quinta feira.	29 Segunda feira.
21 Domingo.	26 Sexta feira.	30 Terça feira.

ANO LECTIVO DE 1913-1914

OUTUBRO

1 Quarta feira.	10 Sexta feira.	19 Domingo.
2 Quinta feira.	11 Sábado.	20 Segunda feira.
3 Sexta feira.		21 Terça feira.
4 Sábado.	12 Domingo.	22 Quarta feira.
	13 Segunda feira.	23 Quinta feira.
5 Domingo. — 3. ^o <i>aniversário da</i> <i>proclamação</i> <i>da República</i> <i>portuguesa.</i>	14 Terça feira.	24 Sexta feira.
	15 Quarta feira.	25 Sábado.
6 Segunda feira.	16 Quinta feira. — <i>Principiam os</i> <i>exercícios es-</i> <i>colares.</i>	26 Domingo.
7 Terça feira.	17 Sexta feira.	27 Segunda feira.
8 Quarta feira.	18 Sábado.	28 Terça feira.
9 Quinta feira.		29 Quarta feira.
		30 Quinta feira.
		31 Sexta feira.

NOVEMBRO

1 Sábado.	11 Terça feira.	22 Sábado.
2 Domingo.	12 Quarta feira.	
3 Segunda feira.	13 Quinta feira.	23 Domingo.
4 Terça feira.	14 Sexta feira.	24 Segunda feira.
5 Quarta feira.	15 Sábado.	25 Terça feira.
6 Quinta feira.		26 Quarta feira.
7 Sexta feira.	16 Domingo.	27 Quinta feira.
8 Sábado.	17 Segunda feira.	28 Sexta feira.
	18 Terça feira.	29 Sábado.
	19 Quarta feira.	
9 Domingo.	20 Quinta feira.	30 Domingo.
10 Segunda feira.	21 Sexta feira.	

DEZEMBRO

1 Segunda feira.— <i>Consagrado à autonomia da Pátria portu- guesa.</i>	10 Quarta feira.	22 Segunda feira.
2 Terça feira.	11 Quinta feira.	23 Terça feira.
3 Quarta feira.	12 Sexta feira.	24 Quarta feira.
4 Quinta feira.	13 Sábado.	25 Quinta feira. — <i>Consagrado à família.</i>
5 Sexta feira.	14 Domingo.	26 Sexta feira.
6 Sábado.	15 Segunda feira.	27 Sábado.
7 Domingo.	16 Terça feira.	28 Domingo.
8 Segunda feira.	17 Quarta feira.	29 Segunda feira.
9 Terça feira.	18 Quinta feira.	30 Terça feira.
	19 Sexta feira.	31 Quarta feira.
	20 Sábado.	
	21 Domingo.	



A UNIVERSIDADE DE COÍMBRA
PERANTE A NOVA REFORMA DOS ESTUDOS

ALOCUÇÃO DO REITOR DA UNIVERSIDADE NA INAUGURAÇÃO DO ANO LECTIVO
A 15 DE OUTUBRO DE 1912

PLEASE PRINT NAME AND ADDRESS

PLEASE PRINT NAME OF INSTITUTION TO WHICH SENT BY THE EDITOR

PLEASE PRINT NAME OF INSTITUTION TO WHICH SENT BY THE EDITOR

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PERANTE A

NOVA REFÓRMA DOS ESTUDOS

As minhas primeiras palavras serão de leal e sincera saudação à República Portuguesa. Sendo esta a primeira vez que se realiza tão solene festividade depois da implantação do novo regime, êste se me afigura o primeiro dever a cumprir, do qual gostosamente me desempenho. E assumindo o alto cargo de supremo magistrado da Nação o homem honesto e bom, tolerante e afável, que transitou por êste mesmo logar e aqui, nesta mesma sala, deixou vibrar a eloquência da sua voz na apologia desta Universidade, que formou o seu espírito, e desta linda terra, que êle ama como a sua própria, para êle também, encarnação duma pátria que é de nós todos, triunfador pela honestidade, pelo trabalho, pelo carácter, as minhas homenagens de veneração e respeito.

MINHAS SENHORAS E
MEUS SENHORES:

O art. 69.º da «*Constituição Universitária*» impõe-me o dever de traçar a «crónica» do ano lectivo findo, não decerto a exposição minuciosa e individual de todos aqueles factos que necessariamente transitam por um Estabelecimento da vida, importância e complexidade

dêste, mas tão sòmente dos que na sua linha evolutiva, no perpassar constante e agitado do meio académico, se vinculam por algum aspecto interessante, digno de comemoração ou simplesmente de impressiva nota.

Um ano de aplicação duma reforma que assentou em bases diametralmente opostas às que tínhamos; affectou toda a organização dos cursos, cadeiras e disciplinas, das diversas Faculdades; alterou, suprimiu ou modificou o regime de frequência, de provas e de actos, e que, desde o professor até o estudante, desde a economia até à disciplina, em tudo, enfim, que respeita à vida, o teor, a marcha do mais alto ensino, fez sentir mais ou menos a sua acção, está bem longe e simultaneamente bem perto de nós para poder ser avaliada e apreciada com inteira justiça.

Claro que algumas das medidas agora publicadas constituíam desde muito vagas aspirações da parte de todos quantos em Portugal, e nomeadamente na Universidade ou a propósito dela, se interessavam pelas questões vitais da pedagogia geral, e muito particularmente pelas do ensino superior. As reformas recentes, de 1901 e de 1907, satisfizeram indubitavelmente parte dessas aspirações, trazendo ao ensino vantagens apreciáveis. Mas só uma iniciativa revolucionária podia ter introduzido rápidamente e duma vez tais, tantas e tão extensas modificações, como as que começaram a ser postas em prática há um ano a esta parte.

Como é natural, há bastante a modificar e a corrigir nesta obra, mas ninguém em boa razão poderia exigir que ela fôsse como a Minerva da fábula saíndo perfeita da cabeça de Júpiter. Quando o Ministro do Interior do Governo Provisório entregou essa reforma às Escolas podia dizer como o seu colega da grande República Brasileira, o Dr. Rivadavia da Cunha Correia: «Eis em escorço o meu plano concretizado na trama da lei orgânica e nos regulamentos anexos. Entrego a ossatura dum organismo complexo a mãos hábeis que a saberão vestir, distribuindo com esmero as partes plásticas de forma que, dos relevos e contornos da figura, resalte uma impressão de fôrça e de beleza».

E é assim, Senhores. O que nós podíamos pedir ao Estado, o que nós quereríamos ver realizado, essa aspiração, êsse desejo, êsse sonho — como todos os sonhos, inconsistente e fugaz —, aí o temos, mais e além do que esperávamos. A visão corporalizou-se. Melhor do que a *Galatêa* de Pigmalião, esta estátua tem realidade e não é o produto duma mentalidade febril e doentia.

Está, pois, feita a reforma — de fóra para dentro, se assim posso dizê-lo; é necessário agora fazê-la de dentro para fóra. Não desconheço, Senhores, que isto é o essencial, que o *punctum saliens* de toda a evolução científica reside no Professor, mas tenho fé de que à voz do legislador há de responder a dele — serena, persistente, conscienciosa, fecunda, para a realização duma obra que envolve a grandeza, o prestígio, a independência da Pátria Portuguesa.

Para basear esta convicção basta lançar os olhos para a obra que começou a executar-se no passado ano lectivo e na qual os Professores de todas as Faculdades e da Escola de Farmácia puseram o melhor do seu esforço e da sua actividade em resolver dificuldades, em desfazer obstáculos, em pôr a funcionar suavemente, sem atritos nem solavancos, a engrenagem da refôrma, tal como um hábil mecânico em frente dum maquinismo delicado e complexo.

A Faculdade de Letras teve o seu primeiro ano de existência. Não pode dizer-se que não abrisse com chave de ouro, ela que, com excepção da minha insignificante pessoa, ao seu professorado distinto teve a felicidade de reúnir as individualidades prestigiosas da Sr.^a Dr.^a D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS, que em 19 de janeiro entrava nesta Universidade no meio dum círculo fervoroso de admiradores, e que regeu durante todo o ano, com assiduidade mais do que notável para o que lhe permitiam as suas tão minguadas fôrças, a cadeira de «*Filologia Portuguesa*», e o Sr. Dr. CARLOS DE MESQUITA, que tomou posse do seu lugar em 11 de dezembro, entre os carinhosos

cumprimentos dos seus Colegas, a que me associei com palavras da minha muita admiração pelo saber, talento e cultura de tão formoso espírito, na Congregação a que tive a subida honra de presidir.

A Faculdade de Letras está destinada a ser, como é em todos os países, um poderoso foco de desenvolvimento científico na província de estudos que cultiva.

O que é preciso é robustecer o organismo que começa a desenvolver-se, é encaminhá-lo com passos seguros e firmes pela estrada que se lhe abre em frente, não direi, como a selva do Dante, *selva selvaggia, aspra e forte...*, mas dalgum modo perigosa e difícil. E o que ela tem a fazer é muito, é, pode dizer-se, tudo. Já a sua Biblioteca começa a formar-se. Há mais de meio século que a Livraria do antigo Colégio de S. Pedro estava encerrada. Tendo sido encorporada pelo decreto de 24 de dezembro de 1911 na Biblioteca Central, mas não tendo sido possível até agora dar vida a êsse como que cadáver, a Faculdade de Letras tomou conta dela e a longa hibernação terminou. Uma nova seiva circula naquela casa; livros novos começam a juntar-se aos antigos; revistas de filologia, de história, de filosofia, de arte, vão surgindo dia a dia, prepara-se mobiliário adequado para as colleções pedagógicas e para o instrumental de ensino, e, cheia de entusiasmo, confiada no futuro, a Faculdade de Letras olha para o edifício que o Governo em 24 de julho passado lhe cedeu para sua séde e onde poderá instalar-se otimamente. ¿Quando? ¿Que diz a «esfinge» que escolheu para suas armas?

¿Que direi agora da Faculdade de Direito? Ela tem cumprido a série das refórmas que a si mesma se impôs com uma nobreza, uma dignidade e uma correcção inexcedíveis. Se a reforma científica nos seus métodos e processos, no seu sistema de ensino e nos seus programas, foi enorme e profunda, e simultaneamente tão ponderada e tão sensata, que os seus próprios inimigos se viram obrigados a reconhecê-lo, a reforma material não lhe fica atrás. Casas amplas e belas, mobiliário excelente, uma instalação para a sua

Biblioteca que convida à leitura das suas numerosas e magníficas revistas, mesas de trabalho esplêndidas, quadros, etc., tudo indica o intenso movimento de progresso, a ânsia constante de se aperfeiçoar, que domina o distinto Professorado desta Faculdade.

O mesmo fenómeno de febril entusiasmo e actividade se manifesta na Faculdade de Medicina. Basta olhar quer para o desenvolvimento das suas instalações, quer para o alargamento do seu ensino.

Num anexo inteiramente desaproveitado até há pouco no nôvo bairro do Penedo da Saùdade montou os seus Laboratórios de histologia e de fisiologia, bem como terá bem depressa a funcionar no primeiro andar dessa casa os serviços de genecologia.

A maior independência, pôde dizer-se, a completa autonomia daqueles estudos deu em resultado o poder-se alargar consideravelmente a instalação dos gabinetes de anatomia descritiva e de anatomia patológica, com reconhecida vantagem para ambos, especialmente para o último, que dispunha de espaço limitadíssimo. O grande desenvolvimento que sob a direcção do nôvo titular desta cadeira, Dr. LUÍS DOS SANTOS VIÉGAS, tem tido o estudo microscópico das lesões prova bem a necessidade deste alargamento.

De uma nota fornecida pelo ilustre Director da Faculdade vejo aĩnda que no 2.º ano a *Patologia geral*, na verdade reduzida a um curso de bacteriologia, foi, pela nova reforma, substituída vantajosamente para a educação prática dos alunos pela cadeira de *Bacteriologia* e *Parasitologia*. A cadeira de *Anatomia topográfica* e *Medicina operatória* foi racionalmente desdobrada nas cadeiras de *Anatomia topográfica* e de *Terapêutica* e *Técnica cirúrgicas*. No 3.º ano idênticamente a cadeira de *Matéria médica*, *Farmacologia* e *Farmácia* foi desdobrada, pela natureza complexa dos conhecimentos nela ministrados, em *Farmacologia* (*Matéria médica* e *Fármaco-dinâmia*) e *Terapêutica*. Finalmente em vez das cadeiras de *Patologia interna* no 3.º e 4.º anos criaram-se as de *1.ª Clínica médica* e

1.^a *Clínica cirúrgica* completada cada uma delas com mais duas *clínicas*.

Póde dizer-se que com a autonomia universitária nenhuma cadeira ou curso desta Faculdade, nenhum gabinete, laboratório, ou qualquer instalação, por modesta que seja, deixou de sentir os mais benéficos efeitos. Dêem mais seis anos a esta Faculdade e ver-se há o que póde o arrôjo, a boa vontade, o sacrifício, até, pela causa do ensino, quando lhes não falta o auxílio pecuniário, que é, afinal, o propulsor de todos os progressos científicos, como dos materiais de qualquer ordem.

A Faculdade de Medicina espera agora, póde dizer-se, com verdadeira ansiedade, o serviço da luz eléctrica fornecido pela Câmara de Coímbra. Os seus gabinetes de radioscopia e eletroterapia nunca poderão ser montados e funcionar na devida altura sem a utilização dessa luz.

A boa vontade de todos ha de também congregar-se para se conseguir a construção do Manicómio.

A cidade de Coímbra, como o govêrno, póde confiar nos homens escolhidos para dar os primeiros passos para a consecução dêsse importantíssimo melhoramento, certos uma e outro de que êles se desempenharão dêsse ónus com o saber que caracteriza verdadeiros homens de sciência, a honestidade, que é o apanágio dos homens de bem, e o bom senso prático, indispensável para se poder marchar para a frente, para avançar e progredir na senda da civilização e do bem estar geral.

Das diversas Faculdades universitárias, uma das mais beneficiadas com o regime da autonomia foi, sem dúvida alguma, a de Ciências.

E compreende-se. A natureza e complexidade dos seus estudos, a necessidade da educação técnica, a multiplicidade dos seus gabinetes, museus e laboratórios, exigem para a sua manutenção as mais quantiosas verbas, que são cada dia mais exigentes porque a evolução científica não é, como a esfinge egípcia,

imóvel e parada; continuamente progride e se transforma, servindo-lhe os detritos de ontem para alicerçar as construções de amanhã. Se assim não fôsse, essas vastas salas repletas de aparelhos, que procuram roubar à Natureza os seus segredos, como Prometeu roubou o fogo aos deuses, assemelhar-se hiam a uma extensa necrópole, em vez de ser, como nós queremos que sejam, oficinas sempre novas, sempre em acção, prontas a corresponder aos desejos dos mais exigentes. Bastante se tem feito nos diversos estabelecimentos anexos desta Faculdade — prepara-se no Observatório astronómico a instalação duma Pêndula sideral, como no Observatório meteorológico a dum nôvo sismógrafo. Alargam-se em novas salas para trabalhos práticos os Laboratórios de Botânica, Física e Química, estando os respectivos Directores, Drs. JÚLIO HENRIQUES, TEIXEIRA BASTOS e ÁLVARO BASTOS, sinceramente empenhados nesses melhoramentos. O Museu e Laboratório mineralógico é, de há muito, sob a direcção do illustre Prof. Dr. GONÇALVES GUIMARÃES, pedagogicamente modelar. O Museu e Laboratório geológico, criado pela última organização dos estudos, merece agora todos os cuidados da incansável actividade do Dr. ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO.

Iniciam-se os trabalhos de restauração do edifício dos Loios destinado ao Museu e Laboratório antropológicos, e o que poderá vir a ser essa por enquanto estúpida mole de pequenas célas carunchosas e de corredores enegrecidos mal a minha imaginação o fantasía quando vê à frente dessas obras o espírito empreendedor do Dr. TAMAGNINI. É verdadeiramente o caso de repetir o *mens agitat molem*. Já a êste distinto Professor nós devemos o funcionamento do posto antropométrico, que tão grandes serviços póde prestar à antropologia criminal⁽¹⁾, e que é um modelo de

(1) O Decreto de 9 de dezembro de 1911 obrigou todos os detidos nas prisões e cadeias de Coimbra a passarem pelo Laboratório Antropológico da Universidade a fim de serem mensurados

exatidão científica pelo rigor e pela minúcia, e até pela arte, com que produz os seus trabalhos.

Todos sabem o desenvolvimento que nos últimos anos tem tido o Museu de Zoologia, sob a dedicada competência do Prof. Dr. BERNARDO AIRES. O engrandecimento dêste Museu, bem como do Laboratório de Física, do Museu e Laboratório mineralógicos, a instalação em nova sala dos estudos do desenho, serão executados dentro em breve.

¿E quando teremos nós um «Parque Zoológico» em Coímbra e uma «Estação Zoológica» marítima na Figueira da Foz? É o art. 47.º da reforma da Faculdade que cria êsses interessantíssimos Estabelecimentos, que oxalá possam ser muito brevemente uma realidade. Alguns hectares de terreno, um decidido apoio da Câmara, um pouco de tenacidade, e a Universidade conseguirá mais êsse melhoramento.

Falo agora da *Escola de Farmácia* com a simpatia que nos merece quem, por assim dizer, vimos nascer e acompanhamos nos primeiros passos. Não que a Escola seja de ontem. Mas, embora criada há muitos anos, tem vivido numa certa obscuridade, mercê de causas várias. O primeiro passo — na fase de ampla vida em que é preciso que ela se desenvolva — está dado. A Escola de Farmácia estará dentro de alguns meses instalada em edifício próprio, a que não falta o realce e pintoresco da architectura para lhe dar merecimento. A velha «Casa dos Melos» da rua do Norte com a sua pequenina mas interessante arcaria, com os seus tectos de madeira emoldurados, a sua janela bipartida, os seus brasões heráldicos principescos, os seus esgrafitos semi-apagados, vai dar como que individualidade à benemérita Escola, que até hoje tem vivido de e à sombra de empréstimos que, aliás, ela tem sabido gentilmente agradecer.

*

A estas obras por assim dizer peculiares às diversas Faculdades e à Escola de Farmácia há a juntar as que,

não sendo directamente de nenhuma, a todas interessam e a todas respeitam. Não falando já nas restaurações patentes aos olhos de todos, deve especializar-se a casa-anexo da Biblioteca e que a Universidade manda construir não sómente para depósito de livros, como também para montar, mais tarde, uma oficina de encadernação, adequada às vantagens e necessidades actuaes e futuras, sempre crescentes, das diversas Faculdades. A construção dessa casa pôs a descoberto uma relíquia interessantíssima dos velhos paços da Universidade — uma arcada renascença formada de 8 arcos completos, dos quais apenas 3 se encontravam, e só em parte, descobertos. Ligando por um lado ao cunhal da Biblioteca, por outro ao da Universidade, essa arcada é tudo que temos do, por ventura, primitivo paço real, há séculos desaparecido.

Quem descer as escadas Minerva, aproveitando assim o formoso panorama que dali se descobre, agora mais ampla e livremente pela reforma que na gradaria se fez, e tornejar à sua direita, para o norte, encontrará êsse bello exemplar architectónico cuidadosamente conservado e, agora, pôde dizer-se, definitivamente salvo da acção nociva dos tempos, e penso também que da dos homens.

Se êsse visitante continuar o seu caminho para a frente, encontrará à sua direita o início dos trabalhos para ampliação do riquíssimo Arquivo da nossa Universidade.

Por toda a parte o martelo, o alvião, a serra, o pincel, quer dizer, por toda a parte, a acção, a vida, o progresso, a luta. É assim que as instituições vivem — quando não são corpos galvanizados. Assim é que elas se afirmam — quando não são ficções que iludem.

Mas onde está, Senhores, o segredo de toda esta labuta? Dende deriva e em que se concentra o fóco que irradia a fôrça para acionar toda a engrenagem tão extensa, tão complicada, tão vária, como a que temos examinado?

Senhores: o «*deus-ex-machina*» desta vida é o reconhecimento da personificação civil universitária, iniciada entre nós pelo decreto de 19 de agosto de 1907 que permitiu, entre outras vantagens, poder a Universidade beneficiar «da 4.^a parte do rendimento das propinas» (n.º 3.º do art. 39.º), decreto agora amplamente confirmado pelo n.º 1.º do art. 11.º da «*Constituição universitária*», que assegura a totalidade das inscrições.

A autonomia universitária!

O que isso representa! O triunfo que estas disposições legais traduzem, quando se vê o que se passou ou passa ainda em outros países!

Em Espanha vi eu há pouco nos jornais que o princípio da autonomia das Universidades fazia parte do programa do Sr. CANALEJAS. Ora em 1902 occupava-se pela primeira vez do assunto na «*Assembléa universitária de Valencia*» o ilustre Prof. de Oviedo Sr. ANICETO SELA; em 1905 era o Sr. AZCÁRATE, da Universidade de Madrid, quem em Barcelona defendia, entre aplausos gerais, o mesmo tema, que se supunha resolvido «tão depressa se reuníssem as Côrtes» (1).

¿Chegar-se há desta vez a obter o *desideratum* tantas vezes e tão eloquentemente formulado, e em que tantas esperanças estão depositadas? (2).

O que se passou na Bélgica é assás elucidativo. O direito de personificação civil só foi reconhecido às duas Universidades livres de Bruxelas e de Lovaina por um decreto aprovado por unanimidade na sessão das Câmaras de 14 de julho passado. Gand e Liège não gozam dessa regalia. Para dar uma ideia do princípio centralizador nestas Universidades do Estado e da forma como êle se exerce notarei apenas o que succedeu com o Prof. da Faculdade de Filosofia e Letras, Sr. FRANZ CUMONT, orientalista eminente, cujos

(1) *La Education Nacional. Hechos é ideas* por ANICETO SELA. Madrid, 1910, p. 212.

(2) *Rev. internat. de l'enseignement*, de 15 de setembro de 1912, p. 273.

trabalhos, como os *Mystères de Mithra*, são universalmente conhecidos.

O Ministro recusou-se a confiar ao SR. CUMONT o curso, então vago, de história romana, contrariamente ao voto da Faculdade, e encarregou dêsse curso um outro professor. CUMONT apresentou imediatamente o seu pedido de demissão de Prof., declarando, porém, que o retiraria se o Ministro se compromettesse, de futuro, a respeitar os votos das Faculdades. Nada conseguiu (1).

A França goza da autonomia e da independência compatíveis com a fiscalização oficial (2), desde 1896, não duvidando, ainda recentemente, o Reitor da Universidade de Grenoble afirmar que a Constituição das Universidades, providas de orçamento autónomo, governadas por um Conselho por elas eleito, deu imediatamente ao ensino superior um impulso que, sem contestação, será considerado pelos historiadores futuros como um dos maiores eventos da vida francesa no princípio do século XX (3).

O exemplo da Inglaterra, da Alemanha, da Suécia, dos Estados Unidos da América do Norte, do Brasil, mostram até à evidência o que representa sob o ponto de vista do progresso do ensino o reconhecimento da doutrina da personalidade jurídica.

Mercê dêsse importantíssimo factor é que a Universidade de Coímbra em menos de cinco anos pôde dispôr de soma superior a 100 contos de réis! Com efeito no ano económico de 1908-1909 coube à Faculdade de Teologia, na distribuição relativa à 4.ª parte das receitas, a quantia de 897\$030 réis, à de Direito 1.435\$245 réis, à de Medicina 2.960\$190 réis, à de Matemática 1.614\$650 réis, à de Filosofia 2.063\$165 réis, perfazendo as cinco Faculdades um total de 8.970\$280 réis.

(1) *Rev. internat. de l'enseignement*, de 15 de setembro de 1911.

(2) Vid. artigo do Sr. GEORGES RADET na *Rev. internat. l'enseignement*, de 15 de fevereiro de 1912.

(3) Discurso do Sr. PETIT DUTAILLIS por ocasião do centenário da Faculdade de Ciências de Grenoble, in — *Rev. internat. l'enseignement*, de 15 de março de 1912.

Esta receita elevou-se sucessivamente nos anos immediatos, até atingir no passado ano lectivo no primeiro semestre 28.496\$460 e no segundo 42.041\$332 ou seja 70.537\$797 réis no total ⁽¹⁾.

¿Qual é a aplicação que a Universidade tem dado e está dando a estas sômas? Que o digam os orçamentos de cada uma das Faculdades, escrupulosamente redigidos, devidamente fundamentados, que amanhã, quando assim se entenda ou se repute oportuno, poderão ser impressos e largamente difundidos por todos os cantos do país, para que todos, também, fiquem sabendo como se administra um quinhão do património que é de todos e todos têm portanto o direito de querer saber como se gasta.

A aplicação de quaisquer receitas tem de obedecer ao disposto no art. 12.º da «*Constituição universitária*», que manda que «as receitas... serão applicadas em conformidade com os actos que as criarem, e, na falta de designação especial dos mesmos fins, na razão das necessidades dos estudos, aos cursos de applicação e investigação scientifica, aos museus, bibliotecas, laboratórios, jardins, construção e melhoramento dos estabelecimentos, material escolar, missões de estudo em Portugal, colónias e estrangeiro, expediente, pessoal contratado e assalariado, etc., enfim, ao serviço ou destinos que acudam às exigências do ensino e ao progresso da sciência».

Evidentemente que uma das principais applicações da receita universitária é a relativa às missões de estudo. Todas as Faculdades têm destinado receitas para esse fim. Logo no primeiro ano saíram: para a Holanda em investigações aos arquivos israelitas de Amsterdam quem estas palavras está proferindo ⁽²⁾; os Profs. MARNOÇO E SOUSA e ALBERTO DOS REIS para a Italia e

(1) Cf. *Documentos* — Mapas n.ºs 1 a 3.

(2) Fruto desta viagem foram os volumes — *Os judeus portuguezes em Amsterdam*. Coimbra, 1911, e a *Chronica do Infante Santo D. Fernando*, edição critica da obra de D. Fr. João Alcaez, segundo um *Códice Ms. do seculo XV*. Coimbra, 1911. É o vol. XIII da minha coleção «*Subsidios para o estudo da historia da literatura portuguesa*».

França, resultando dessa viagem o belo trabalho que fizeram publicar — *O ensino jurídico em França e na Italia*; para França os Profs. SOBRAL CID, ANGELO DA FONSECA, HENRIQUE DE FIGUEIREDO e SIDÓNIO; e para Inglaterra, numa missão especial, o Prof. EGAS PINTO BASTO.

No ano imediato houve mais 5 missões, em 1910-1911 mais 4, em 1911-1912 mais 7, em 1912-1913 mais 6. Algumas destas missões estão em via de realização, outras não de realizar-se quando os encargos dos comissionados se puderem harmonizar com as exigências do serviço das respectivas Faculdades. Mas o futuro há de demonstrar aos que pouco simpatizam com estas missões o fruto que delas se pode colher para a eficácia do ensino, em geral, e para o prestígio e valorização do Estabelecimento em particular. O que é preciso é que os professores publiquem os relatórios das suas viagens, não se limitando só aos que verbalmente fazem perante os Conselhos das suas Faculdades. Pequenos ou grandes, conforme a natureza e as exigências da missão, êsses relatórios serão como o dos ilustres Profs. de Direito e o do Dr. ÁLVARO BASTOS sobre *A organização das Faculdades de Ciências em Portugal* (Coimbra, 1912) documentos comprovativos de alto interesse científico ou pedagógico, não só para a Universidade, mas para os que de longe lhe espiam os passos.

Até hoje a Universidade gastou 17 contos em cêrca de trinta missões (1). Não é pelos relatórios que se há de avaliar o verdadeiro alcance duma viagem científica. Bem sei que é na aula ou no gabinete de trabalhos práticos que o professor perante os seus alunos mostra o verdadeiro valor que tem e quanto o seu cérebro ganhou em contacto com as melhores escolas estrangeiras. Mas o relatório é um documento que fica e perdura e se estende para além dos círculos universitários e académicos.

Os que supõem que os Professores aceitam sempre

(1) Cf. *Documentos* — Mapa n.º 4.

o encargo duma missão com prazer, enganam-se. Quantos prefeririam sair para o estrangeiro, sim, mas sem incumbências officiais, ser ter que dar contas a ninguêm da fôrma como empregaram o seu tempo!

Uma das conseqüências immediatas destas missões tem sido ver o professor directamente e por seus próprios olhos como funcionam os estabelecimentos de ensino dos grandes centros — Paris, Roma, Turim, Viena de Austria, Londres, Oxford, Cambridge, Berlim, etc., como estão montados e equipados os seus gabinetes, museus, observatórios, como se trabalha nos *Seminários* de estudo, numa palavra *como vive* êste poderoso órgão da vida intellectual das modernas sociedades, que se chama «Universidade». Todos os dias os nossos Museus e Gabinetes se vão enriquecendo com instrumentos magníficos de estudo e de observação — balanças, microscópios, máquinas fotogrâficas, máquinas de projecções, quadros, exemplares para as sciências naturais, parecendo, Senhores, que a liberalidade dum Carnegie roçou com a sua asa as paredes seculares do nosso Instituto. Mais alguns anos e a Universidade estará transformada, e o crocitar dos corvos, cujo bater de asas, por vezes, chega aos nossos ouvidos, há de ir desaparecendo e sumindo-se nas trevas, donde veio, e cujo símbolo é.

*

Não vá pensar-se por tudo quanto tenho dito até aqui que sou um cego apologista da nova reforma. Há nela muita cousa a modificar, a suprimir, a emendar. Um ano de execução bastou para revelar muitos dêsses defeitos, que as Faculdades irão pouco a pouco anotando, para se fazerem desaparecer quando for oportuno e por quem de direito.

Uma medida se impõe desde já, ou melhor, uma medida se impunha desde o dia em que se pensou na reforma do ensino superior — é a reforma do ensino secundário e por conseqüência a do ensino primário.

É inegável que o estudante não traz dos Liceus a

preparação bastante para começar a sua educação superior. Supondo mesmo que havia uma tal ou qual equação de programas de forma a permitir a passagem sem grandes solavancos, não sei se seria melhor estabelecer o exame de entrada nas Faculdades, como o fez recentemente ainda o Brasil na sua esplêndida e sensata remodelação de estudos.

O que é um facto indiscutível é que nem a preparação em letras, nem a preparação em sciências é suficiente para o estudante levar para os Cursos superiores a bagagem de que necessita ir munido.

A consequência forçada é que, se o discípulo não pode subir até onde está o mestre, tem o mestre de descer até onde está o discípulo. E eu digo que este método é de aplaudir, mas que melhor seria que se dessem as mãos sem perigo de se desequilibrarem.

O Professor de ensino superior tem uma dupla missão — cultiva a sciência, faz mais — trabalha para a criar; e transmite-a, isto é, educa o profissional. Para isso tem dois campos de acção principais — a cátedra, o anfiteatro, e as salas de trabalho, os seminários de estudo, os laboratórios, ou como queiram chamar-lhes. Na cátedra o Professor expõe os resultados obtidos anteriormente sob o ponto de vista científico e, sobretudo nas Faculdades de Letras e de Sciências, e num ponto de vista pedagógico e profissional, mostra como é preciso compor, falar, aprender, para ensinar aos outros o que se sabe. Nas aulas práticas encaminha a iniciativa do estudante, facilita-lhe as investigações pessoais, esforça-o para que êle pelos próprios olhos veja e aprenda como se adquire um facto, como se reproduz um fenómeno, como se verifica uma lei. Esta é, como diz BOVASSE (1), a verdadeira, a sã, a autêntica cultura. E para esta *Sirius* talvez, por agora, alta de mais, manda a reforma erguer os olhos.

Este aspecto prático para que a nova organização

(1) H. BOVASSE, *Bachot et bachotage, étude sur l'enseignement en France*. Paris, 1912, 1 vol.

encaminha os estudos em todas as Faculdades sem excepção é digna dos maiores elogios. Os elementos de ordem puramente científica não podem suprir as demonstrações de ordem puramente experimental. Por isso ao lado da cátedra em que se aguça o engenho e educa o cérebro, a aula prática, em que se afinam os sentidos — preparando-os para saber analisar o que parece morto, mas tem segredos de vida, o que se afigura parado, mas tem sômas incalculáveis de energia. Aí é que se educa a *mão*, que é a melhor escrava do cérebro. Não é memorializando a sciência que se conquista a educação, é exercendo-a, é praticando-a junto do cadinho, da balança, do termómetro, etc. Educando a vista, afinando o ouvido e o olfato, e sabendo inteligentemente servir-se do método experimental é que os únicos, os verdadeiros progressos da humanidade se pôdem conseguir.

Veja-se a agricultura para exemplo. Quási todas as grandes transformações por que os seus progressos teem últimamente passado são devidos à química, à fisiologia vegetal, à mecânica, à zootecnia. E os progressos da navegação não foram devidos à astronomia e à física, e os progressos ainda os mais surpreendentes e imprevisos da medicina e da cirurgia não partiram de um homem que não era nem cirurgião, nem médico, mas que foi conduzido à descoberta dos micróbios por investigações em que não pareciam a princípio estar interessadas senão as controvérsias filosóficas prò ou contra a geração espontânea? Toda a descoberta duma lei natural, diz W. OSTWALD, corresponde a uma limitação das possibilidades dos enganos e erros nos nossos esforços para organizar a nossa vida ⁽¹⁾.

É preciso que todos se convençam disto — o futuro das sociedades depende mais da mão que executa do que do cérebro que raciocina. Já hoje nos Estados Unidos da America do Norte um pedreiro, um marceneiro ganham 24\$000 réis por semana, ao passo que

(1) W. OSTWALD, *Les grands hommes*. Paris, 1912, p. 207.

um empregado de escritório tem de contentar-se, no máximo, com 10 ou 15 mil réis.

Dêsse aspecto económico da vida social contemporânea nós precisamos, para alcançar os tantos anos de atraso que mantemos em relação a outros povos, de tirar esta lição — que a educação dos estudantes actuais tem de enveredar por caminho diferente.

Toda a nossa máquina, dizia o «príncipe da democracia» e uma das maiores figuras da Universidade contemporânea ⁽¹⁾, o Sr. LAVISSE, está organizada para fabricar diplomados desde a criança a quem oferecemos certificados de estudos primários até ao mancebo de vinte e cinco, vinte e oito e mesmo trinta anos, que procura conquistar os nossos títulos de agregado e de doutor ... ⁽²⁾.

Podemos dizer o mesmo em Portugal, certamente.

Ora é preciso que nós, Professores, sigamos com interesse e acompanhemos a transformação que, lenta mas seguramente, se opera à nossa vista. E em primeiro lugar o Professor-professor, isto é, vivendo para o seu mistér, para a sua cadeira, para o seu laboratório, para o seu gabinete, para o seu museu — eis o ideal.

Quando há perto de dois anos tive o prazer de trabalhar no escorço da reforma com que sonhávamos, ao lado dos Professores DANIEL DE MATOS, então Reitor; GONÇALVES GUIMARÃES, VILELA, SIDÓNIO, CID, e dos estudantes LOPO DE CARVALHO e NOGUEIRA SOARES, logo numa das primeiras sessões exprimi êste mesmo pensamento concretizado pouco mais ou menos nos seguintes dizeres:

«Fora do tratamento gratuito dos doentes confiados aos seus cuidados nos hospitais ou recebidos em sua casa e das consultas médicas e jurídicas, é proibido aos Professores ordinários exercer a profissão de médico ou advogado».

⁽¹⁾ Vid. PIERRE LEGUAY, *Universitaires d'aujourd'hui*. Paris, 1912.

⁽²⁾ *A propos de nos Écoles*. Paris, 1895, p. 247.

Por amor de Deus não vejam nisto uma inovação! É quasi a tradução da disposição similar da reforma dos estudos superiores da Holanda recentemente promulgada.

A convicção de que o Professor precisa de viver principalmente para a sua cadeira colhe-se ainda do que se passou em França recentemente na Faculdade de Medicina de Paris. O Director desta Faculdade, DEBOVE, impôs officiosamente aos que aspirassem à cadeira de anatomia a condição de não exercerem a clínica, tendo-se oferecido para isso o Prof. NICOLAS, de Nancy, um dos primeiros, se não o primeiro anatomista francês. Todos sabem as perturbações que daí derivaram, cujas causas o Sr. LÉON PERRIER pôs bem em evidência na Câmara dos Deputados em 9 de fevereiro passado (1).

Bem sei que êsse princípio tem excepções, que êle não poderia generalizar-se a todas as cadeiras e que, se se viesse a estabelecer, teria de ser precedido de medidas económicas tendentes a colocar o professorado um pouco além das fronteiras da miséria, em que agora habita.

¿ Mas se o professor deve ser só professor, como não deverá ser o Estudante só estudante, e não Estudante-administrador do concelho, Estudante-deputado, ou, o que é peor, Estudante-cousa nenhuma?

Quando a nova reforma decretou e sancionou os cursos livres, conferiu aos estudantes a liberdade de aprender, mas não lhes deu a liberdade de não frequentar. ¿ Ora o que succedeu com êste regime há tanto desejado?

Tenho diante de mim estatísticas cuidadosamente organizadas. A sua linguagem, simples e eloquente,

(1) Áqueles a quem interesse o conhecimento destes factos que constituem, de resto, um episódio que mais ou menos se dá em todos as latitudes pôde citar-se a *Rev. internat. de l'enseignement*, de 15 de março de 1912. As discussões na Câmara dos Deputados revelam, através de todos as peripécias, aspectos do ensino médico fornecido na grande capital muito interessantes.

mostra que se algumas Faculdades foram regularmente frequentadas — tão regularmente como sob o regime da frequência obrigatória, e decerto com melhor aproveitamento — houve alguma em que esse facto se não deu, mais parecendo que tal ou tal aula havia sido, por vezes, abandonada de todo.

Na Faculdade de Letras a frequência foi a mais regular possível. Aulas com 15, 18, 20 alunos inscritos tiveram assistência média em 9 meses do período lectivo de mais de metade dos alunos (respectivamente 13,6; 11,7; 7,1) ⁽¹⁾.

As aulas de Medicina em que houve 16, 20, 24 inscrições também foram frequentadas por um número superior à média (respectivamente 10,5; 14,4; 15,5) ⁽²⁾.

Em Ciências fiz o cálculo para a 1.^a secção separada das duas outras, que constituem essa Faculdade. O resultado é o seguinte: nas matemáticas aulas com 59, 72, 81, 88 alunos mostram uma frequência média de 10, 16, 17 estudantes (respectivamente 10; 10,4; 16 e 8,17) muito abaixo do que seria regular, e devendo notar-se ainda que o quociente da divisão foi de 8 meses e não 9, como se fez para Letras e Medicina.

Nas outras duas secções de Ciências aulas de 49, 60, 85 alunos obtiveram uma frequência média de 16, 22 e 30 alunos (respectivamente 16; 22,5; 30,5) ⁽³⁾.

Note-se que estes números se referem às aulas teóricas. As práticas só tiveram execução regular no 2.^o semestre, pelo menos no que se refere a algumas cadeiras, porque em muitas não foi possível arranjar e dispôr a tempo os locais e o material conveniente. Isso não vai succeder no ano que agora se inaugura. O sistema da caderneta escolar deverá ser rigorosamente posto em uso, nem há escola estrangeira, funcionando devidamente, onde tal sistema se não siga.

A última reforma francesa de ensino superior, que é a de Medicina — 29 de novembro de 1911 — dispõe

⁽¹⁾ Cf. *Documentos* — Mapa n.º 5.

⁽²⁾ Cf. *Documentos* — Mapa n.º 6.

⁽³⁾ Cf. *Documentos* — Mapas n.ºs 7 e 8.

taxativamente no seu art. 16.^o que a *insuficiência de assiduidade pode arrastar a suspensão da inscrição seguinte* (1). E a própria *Escola livre das Ciências políticas*, de Paris, nas informações sôbre organização e programas para 1912-1913, que acabo de receber, estatue que nas *matérias fundamentais* o aluno não pode ser dispensado (2).

E assim deve ser. Na caderneta tem o estudante a prova da assiduidade do professor e a sua própria; aí tem a documentação do que faz e do que realiza durante a vida escolar; êsse deve ser o padrão a que se encoste quando tenha de fazer vingar os seus direitos; êsse o seu título de trabalho, que é o mesmo que dizer — o seu título de glória. A caderneta, que menciona o que cada estudante faz, encerra o seu diploma conquistado com ouro de lei, e não com liga falsificada e aparente.

Mas resta averiguar o que nos diz a voz insofismavel da estatística no que respeita à freqüência dos alunos da Faculdade de Direito.

Distingamos entre o período transitório e a nova reforma.

PERÍODO TRANSITÓRIO.

Dos números que vou citar o primeiro indica os alunos inscritos, o segundo a freqüência às aulas teóricas, e o terceiro, quando o indicar, a freqüência às aulas práticas. Teremos assim, por cadeiras, respectivamente:

Legislação comparada: 9 — 2.

Primeira cadeira de direito civil: 177 — 50 — 15.

Economia: 151 — 30 — 15.

Segunda cadeira de direito civil: 185 — 15 — 10.

(1) Vid. *Rec. internat. de l'enseignement*, de 15 de fevereiro de 1912, — *O Movimento Médico* de 15 de janeiro do ano corrente trouxe a tradução integral do decreto. Vejam-se na mesma *Rec. internat.*, de 15 de agosto passado algumas críticas a esta reforma.

(2) *École libre des sciences politiques. Année scolaire 1912-1913. Organisation & programme des cours. Renseignements*, etc. Paris, p. 23.

- Administrativo*: 221 — 30 — 6.
Finanças: 253 — 40 — 30.
Direito penal: 129 — 30 — 6.
Comercial: 202 — 25 — 8.
Colonial: 342 — 50.
Processo penal: 253 — 55.
Organização judiciária: 172 — 45 — 25.
Processos especiais: 251 — 60 — 75.
Prática extra-judicial: 230; prática — 16.
Medicina legal: 253 — 50.
Internacional: 246 — 50 — 40.

NOVA REFORMA.

Nas quatro cadeiras do 1.^o ano, único que funcionou, é claro, temos: na *História das instituições do direito romano* — 168 inscrições com frequência média de 43 alunos; em *Noções elementares das instituições do direito civil* — 183 inscrições e média de frequência 70; em *História do direito português* — 323 inscrições e frequência média de 50; enfim, na cadeira de *Direito político* tínhamos 298 inscrições com a frequência média de 48 alunos ⁽¹⁾.

¿Para onde vamos por êste caminhar? Percorrer, talvez, os passos que já andou o Brasil. A legislação escolar dêste belo país estabeleceu em 1879 os cursos livres. Era ainda o tempo do Império substituído em 1891 pela República. BENJAMIN CONSTANT reformou o ensino público, mas não tocou nessa garantia escolar. Passados dez anos, em 1901, reconheceu-se a necessidade de fazer nova reforma restabelecendo de maneira suave o regime obrigatório, agora definitivamente consagrado e regularizado pela *Lei Orgânica* já publicada neste ano. «O regimen foi livre, diz-me o SR. CONDE DE AFONSO CELSO, o ilustre publicista, Director da Faculdade livre de Ciências jurídicas e sociais do Rio de Janeiro, durante longo período... A prática, porém, demonstrou a inconveniência do sistema, pois

⁽¹⁾ Cf. *Documentos* — Mapa n.º 9.

acarretou não só o abandono das aulas por parte dos alunos, como o enfraquecimento do espírito de classe, tão necessário a qualquer nação».

Não se julgue que eu deseje a abolição do ensino livre, mas aqui repito o que escreveu em 29 de março de 1911 o ministro do Interior da República Brasileira, Sr. RIVADAVIA DA CUNHA CORREIA, no *Relatório* que precede a *Lei Orgânica*: «a liberdade de frequência (é) estabelecida como faculdade concedida ao aluno de frequentar o curso que lhe aprouver e não, como até agora se compreendeu, a liberdade de não frequentar curso algum...».

Todos conhecemos estudantes a quem altamente aproveita o regime dos cursos livres. As lições dos Professores servem-lhes de ponto de partida de investigações próprias, de trabalhos para que os chama a curiosidade do seu espírito ou a sua ânsia de saber, para leituras largas e profundas.

¿Mas a maioria estuda? ¿a maioria, ao menos, lê? Falem mais uma vez as estatísticas. Tenho presente um mapa curiosíssimo da frequência da Biblioteca da Universidade durante o período de doze anos, organizado mês a mês, e mais o número das obras consultadas nas categorias gerais do saber. ¿Que luz projectam êsses algarismos! Eu bem sei que não são números absolutos, mas o que êles dizem tem valor para quem os sabe ler, e forneceriam elementos para fim idêntico ao que se propôs o Sr. KANTOROWICKZ no seu folheto *Was die Berliner Studenten lesen* ⁽¹⁾ e o Sr. GASTON CHOISY no artigo do *Le Correspondant* ⁽²⁾ sob o título — *Étudiants français et Etudiants allemands. Ce qu'ils lisent*.

Não me proponho desdobrar êsses símbolos do mapa que tenho diante de mim, mas noto com tristeza que a frequência vai baixando sucessivamente, e sucessivamente vai baixando a consulta. Em 1909 frequentaram a Biblioteca 17:502 consulentes, em 1910 — 17:693, mas

⁽¹⁾ Leipzig, 1900.

⁽²⁾ Número de 10 de setembro último.

logo em 1911 temos apenas 13:886. As obras consultadas nesses três anos montam a um total, respectivamente, de 18:150, 18:394 e 14:158 (1).

Talvêz se suponha que êsse Estabelecimento não possui os pomos de ouro da nova sciência e da moderna literatura. Não. Não. Para só falar desta, o inquérito do Sr. CHOISY demonstra que os escritores modernos e actuais franceses mais lidos na sua pátria são, entre outros, V. HUGO, MAUPASSANT, ZOLA, NIETSCHÉ, LAVISSE, BERGSON, FOUILLÉE, e os tres novos MAURICE BARRÈS, ANATOLE FRANCE e MAETERLINCK, além de PAUL BOURGET e PIERRE LOTI... Pois bem! A maravilhosa obra dalguns dêstes grandes escritores existe na Biblioteca representada pelas obras reputadas mais notáveis, se não mesmo pela *obra* completa.

E deve além disto notar-se que no índice da frequência há a considerar os estudantes não ainda universitários, mas liceais, normalistas, etc. que começam cada vez mais a aparecer, e o não haver nas Bibliotecas privativas da Universidade certas espécies bibliográficas, como, precisamente, as que citei há pouco, da classe de literatura.

¿E as obras gerais — tratados, enciclopédias, etc., e as de carácter filosófico, as de instrução e pedagogia, as de história, as que versam questões religiosas?

Não ha dúvida de que a nossa mocidade não lê, ou lê pouco e mal, quase dando vontade de aplicar-lhe a frase do Sr. EMILE FAGUET «parece bem que a mocidade intelectual se dá como primeiro dever o não ser intelectual» (2).

E o livro não merece êste desprezo.

Não peçamos ao livro uma receita para ter génio, dizia JULIO TANNERY, mas peçamos-lhe que nos ponha na posse, sem grande fadiga, nalguns dias ou nalguns anos, duma sciência que se constituiu por séculos de

(1) Cf. *Documentos* — Mapa n.º 10.

(2) Vid. *L'enquête sur la jeunesse* na *Revue Hebdomadaire*, mars à juillet de 1912.

esfôrço das mais raras inteligências, peçamos-lhe, simplesmente, o saber» (1).

Eu bem sei que a Biblioteca da Universidade não é o estabelecimento de que precisamos hoje — funcionando de dia e de noite, cheio de luz, cómodo, convidativo, aprazível. E se a Universidade não tem a Biblioteca que precisa, o que já é mau, Coímbra, a cidade de Coímbra, não tem nenhuma, o que é peor.

Já há anos acentuei êste facto conseguindo que um distincto architecto erguesse a planta e fizesse os estudos indispensáveis duma nova casa. Mas as obras não puderam nem sequer iniciar-se.

¿É preciso esperar... até quando?

Nós não temos as riquezas de Cresco; nós não temos sequer a generosidade dalgum imitador de CARNEGIE que, há anos, e logo de uma vez, presenteou as quatro universidades escocesas com a bonita sôma de 50 milhões de francos. Só com parte dessa renda teve a de Edinburgo 1.437.500 frs.; a de Glasgow 1.375.000; a de St. Andrews 1.062.500; e a de Aberdeen 1.125.000! Pois cada uma destas Universidades destinou a quantia de 125.000 francos para as suas bibliotecas. *Cem contos de reis*, no total!

Em abôno da verdade devo declarar que não é esta perspectiva que me desola, mas sim a ideia de que podíamos ter tudo isto e não ter o que torna o individuo feliz e os povos grandes. Se saíssemos do Calvário não atingiríamos o Tabor.

É que todo o problema entre nós é, sobretudo, de educação social e não de orçamentos. Em cada um de nós é que reside o futuro de todos, como colectividade (2).

O grande sábio GUSTAVE LE BON escrevia há poucas semanas que a matéria é um reservatório de energia de tal modo colossal que uma moeda de 10 cêntimos,

(1) JULES TANNERY, *Science et Philosophie*, 1912, pag. 178.

(2) Isto dizia ha 74 anos o profundo pensador que foi A. HERCULANO. Vej. *Da educação e instrução das classes laboriosas*, pg. 55 do vol. *Composições varias*, Lisboa, s. d. (1911?).

se chegasse a ser dissociada inteiramente, libertaria uma quantidade de energia igual à produzida por muitos milhares de toneladas de carvão (1).

É um símile da fôrça social. O que explica a grandeza da Inglaterra e o ser ela a terra clássica da liberdade é que a educação inglesa, diz o Sr. DESCAMPS, desenvolve ao mesmo tempo a personalidade e o espírito de disciplina, o sentimento da responsabilidade individual e a capacidade para a acção conjunta. A responsabilidade individual é a autonomia dum indivíduo que se sente responsável em relação aos outros. Ela exalta não tanto o indivíduo em si, como os membros da sociedade.

A reforma das leis não é nada sem a reforma dos costumes e estes são, em grande parte, o resultado da educação. E termina êste eminente sociólogo a sua análise aos «Poderes públicos em Inglaterra» — um país não pode ser livre senão na medida em que cada um está pronto a assumir as responsabilidades que derivam dos seus proprios actos (2).

Convencido destas doutrinas, que não podem ser contestadas, porque os factos são os factos, — e ainda há pouco GAROFALO o evidenciou no seu estudo sôbre os «Métodos educativos das civilizações latina e britânica» (3), — é que eu me entristeço pensando como estamos longe do ideal que devemos procurar atingir. A ascensão faz-se, mas lentamente. Ora para essa marcha ascensional é preciso que o *Boy Scout's* seja o moço estudante.

E dirigindo-me especialmente aos que me fazem a honra de escutar eu direi que teem muito a fazer, muito, se não tudo.

Precisam em primeiro lugar de arranjar a séde da sua «Associação Académica», obter uma casa ampla, cheia de luz, repleta de movimento, onde se leia, se

(1) No curioso inquérito de JEAN FINOT — *Le monde sans l'or* de *La Révue*, de 15 set. 1912.

(2) Cfr. *La Science sociale*, maio de 1912.

(3) *La España moderna* do 1.º de setembro de 1912.

converse, se discuta, se joguem as armas, se façam conferências, se dêem festas, se arvore a bandeira que aponte e diga aos que passam: — esta é a casa da Mocidade.

Essa Associação deve criar desde já a sua «Filantrópica», «Caixa de socorros a estudantes pobres», ou qualquer outra, seja qual for a designação, com tanto que se crie, e exista ao lado da corporação e por ela vivificada e mantida. Simultaneamente temos os cuidados da educação física.

Já a Associação possui o seu *court* de *Law-Tennis*, mas falta-lhe um campo de *foot-ball*, que é uma grande escola de energia, de decisão, de arrojo e de serenidade.

Para as lides escolares o melhor derivativo são as lides desportivas, e umas e outras é que preparam os verdadeiros cidadãos indispensáveis a uma grande pátria.

Podemos pôr os olhos no Japão, país ultra-moderno. O Japão é grande e impôs-se à consideração mundial pelo grupo de homens que cercou o falecido Imperador Mutsuhito — Yamagata, e Okuma, e Nagaki, e Oyama, e Yamada... Quando em 1915 estiver concluído o canal de Panamá, quando a via-dupla do Transiberiano estiver pela mesma época realizada, esse país, que nós portugueses ajudámos a revelar ao mundo, será a chave das comunicações orientais e de toda a influência no Pacífico. Ora o Japão ultra-moderno, repito, é filho dos seus filhos — educados nas escolas inglesas e alemãs, sofredores, resistentes, bravos, dedicados e patriotas. ¿Como não estará a nossa esperança posta em vós, senhores académicos?

Só duas palavras mais para lembrar os nomes dos que pertenceram à Universidade e a honraram com os seus serviços: — os Profs. SOUSA GOMES, ARZILA DA FONSECA, LINO, o Assistente BARBOSA, o Oficial maior JOSÉ ALBINO. Cada qual na sua esfera cumpriu honestamente o seu dever e por isso recordar o seu nome é prestar homenagem ao mérito, ao trabalho, e à honestidade.

ANTES DA DISTRIBUIÇÃO DOS PRÊMIOS

Reatando a tradição duma das festas mais simpáticas da Universidade e em harmonia com as disposições do Decreto de 22 de março de 1911, que criou as «Bolsas de Estudo», passo a entregar os diplomas aos estudantes laureados segundo o voto das respectivas Faculdades universitárias.

O Decreto não está em plena execução, como o explicou a Portaria de 13 de setembro passado, e, porque o não está, não pôde apreender-se desde já todo o imenso benefício que a sua doutrina está destinada a prestar aos estudantes para quem foi legislado.

Basta acentuar que o auxílio das «Bolsas» acompanha o estudante desde a sua entrada no Liceu até além da conclusão da sua carreira na Universidade, e acompanha-o não só fornecendo-lhe o auxílio pecuniário de que êle careça, mas também a coadjuvação moral precisa para a formação do seu espírito e do seu carácter. Depois de lhe ter dado tudo quanto a sua inteligência ávida de saber lhe pedir, levá-lo há, concluída a sua formatura, até ao estrangeiro, até às Escolas mais reputadas e mais conformes com a natureza dos seus estudos. Em Oxford ou Cambridge, em Berlim ou Leipzig, ou Heidelberg, em Paris... , o aço do seu espírito adquirirá uma nova tèmpera. Imaginemos uma saída anual de vinte estudantes enviados pelas diversas Faculdades para estes grandes centros de saber, imaginemos que a sua maioria se dedicava, na volta, ao ensino livre ou oficial, secundário ou superior ou técnico.

Que revolução nos processos de ensino, nos métodos de trabalhar, na forma, até, de ser útil e proveitoso!

Só êsse Decreto vale bem um Ministério de Instrução Pública. A pequena lista de pensionistas que o nosso *Diário do Govêrno* publicasse anualmente por deliberação das Faculdades equivalia seguramente à mais lantejoulada reforma de programas vistosos e eloquêntes.

Mas isto é, por agora, um sonho e quão longe da realidade nem eu quero pensá-lo. Que eu não hei de ser sempre um pessimista e por isso quero crer que os governos nos não tirarão com uma das mãos o que parecem dar com a outra, que os Municípios da circunscrição universitária que, com mágua (sei-o pelas respostas de poucos e calculo-o pelo silêncio do maior número) (1), não puderam subscrever com qualquer auxílio, não desampararão de todo tão benemérito propósito, que todos a quem isso compete, enfim, se esforçarão por converter o que se reputa uma utopia em triunfal realidade.

Em Espanha já há a «Liga de proteção aos estudantes estrangeiros» fundada com o fim não só de proteger os estrangeiros que proseguem os seus estudos em Espanha, mas também de documentar as famílias espanholas que desejem mandar seus filhos para o estrangeiro e ajudar com os seus conselhos os estudantes espanhoes que saiem da sua pátria.

É com a «Direcção Geral do seu ensino primário» entregue a homens como RAFAEL ALTAMIRA, é com a criação da *Junta para ampliacion de estudios* sob a direcção do eminente histologista Dr. RAMÓN Y CAJAL, é com a «Escola espanhola para estudos arqueológicos e hiŝtóricos» fundada em Roma pelo distintíssimo publicista Prof. MENÉNDEZ PIDAL e outros, que no país vezinho alguns homens eminentes, cercados duma pléiade de novos, tendo todos a mesma fé ardente nos destinos da Pátria, pensam criar uma renascença intellectual em Espanha (2).

(1) Cf. *Documento* n.º 11. — *Circular aos Municipios*.

(2) Cfr. C. IBAÑEZ DE IBERO in *L'Education*, set. 1912, pg. 415-419.

A distribuição de prémios, que em nome da Universidade tenho o prazer e a honra de fazer, consagra um escol de académicos, escol que uma democracia tem o dever de cultivar sob pena, dizia recentemente o ministro de Instrução Pública de França, o sr. GUIST'HAU, de preparar a regra do menor esforço e do menor dever (1).

(1) Cfr. o discurso do ilustre Ministro na distribuição dos prémios do Liceu «Louis-le-Grand» em 20 de julho de 1912 publicado na *Rev. internat. de l'enseignement*, de 15 de agosto de 1912.

MAPA N.º 1

Receitas das Faculdades Universitárias, nos termos dos Decretos de 19 de agosto de 1907 e de 8 de outubro de 1908. (Autonomia da Universidade)

Anos económicos	4.ª parte da receita das propinas de matrícula	Distribuição							Total
		Letras	Teologia	Direito	Medicina	Matemática	Filosofia		
1908-1909	8:970\$280	- \$-	897\$030	1:435\$245	2:960\$190	1:614\$650	2:063\$165	8:970\$280	
1909-1910	11:140\$870	- \$-	1:114\$090	1:782\$530	3:676\$490	2:005\$360	2:562\$400	11:140\$870	
1910-1911 (¹)	11:756\$975	- \$-	1:155\$695	1:849\$115	3:813\$805	2:080\$255	2:658\$105 (¹)	11:556\$975	
1911-1912 (¹)	12:285\$800	- \$-	1:208\$580	1:933\$725	3:988\$315	2:175\$445	2:779\$735 (¹)	12:085\$800	
1912-1913 (²)	16:078\$795	2:231\$820	892\$725	2:678\$185	5:058\$790	4:017\$275	(²) 14:878\$795		

Repartição de Contabilidade da Secretaria da Universidade de Coimbra, em 11 de setembro de 1912.
— O 1.º official, *José Henriques de Sousa Sêco*.

(¹) O Conselho administrativo da Universidade, em sessão de 1 de julho de 1909, deliberou, em vista do aumento do serviço ocasionado pelo regimen da autonomia, retirar 200\$000 réis desta receita, para pagamento a um ama-nuense auxiliar.

(²) A Junta administrativa da Universidade, em sessão de 30 de dezembro de 1911, mandou retirar desta receita a quantia de 1:200\$000 réis, para reforçar a verba de obras (200\$000 réis), e para impressão de documentos (1:000\$000 réis).

MAPA N.º 2

Distribuição da receita das inscrições relativas ao 1.º semestre de 1911-1912, na conformidade do art. 23.º n.º 2 e seu § do Decreto com força de lei de 19 de abril de 1911

Faculdades	Metade da receita 14:208\$345	Distribuição da outra metade deduzidos 1:200\$000 réis	
		Porcentagens	13:008\$345
Faculdade de Letras	197\$000	24 %	3:122\$000
Faculdade de Ciências	1:991\$705	27 %	3:512\$255
Faculdade de Direito	10:378\$985	—	(1) - \$ -
Faculdade de Medicina	1:564\$707,5	34 %	4:422\$835
Escola de Farmácia	75\$947,5	15 %	1:951\$255
Verbas deduzidas no mapa n.º 7	14:208\$345	—	13:008\$345
	- \$ -		1:200\$000
	14:208\$345		14:208\$345
Faculdade de Teologia (a totalidade das inscrições)		28:416\$690 79\$775	
Total		28:496\$465	

Repartição de Contabilidade da Secretaria da Universidade de Coimbra, em 13 de setembro de 1912. — O 1.º Oficial, *José Henriques de Sousa Sêco*.

(1) A importância da percentagem de 18% pertencente à Faculdade de Direito foi pelo Senado, em vista da cedência feita pela mesma Faculdade, distribuída, em partes iguais, pela Faculdade de Letras e pela Escola de Farmácia.

MAPA N.º 3

Distribuição da receita das inscrições relativas ao 2.º semestre de 1911-1912 na conformidade do art. 23.º n.º 2 e seu § do Decreto de 19 de abril de 1911 para o orçamento suplementar ao de 1912-1913

Faculdades	Metade da receita que pertence às Faculdades	Distribuição da outra metade depois de deduzidos os 6:380\$000 réis abaixo descritos		Total
		Porcentagens		
Letras . . .	- \$ - 620\$550	15 %	2:162\$380	2:782\$930
Direito . . .	- \$ - 12:000\$000	—	(1) - \$ -	12:000\$000
Medicina . . .	- \$ - 3:153\$927,5	34 %	4:901\$390	8:055\$317,5
Sciências . . .	- \$ - 4:290\$480	36 %	(2) 5:189\$710	9:480\$190
Farmácia (3) 999\$845	180\$670	15 %	2:162\$380	3:342\$895
	999\$845	20:245\$627,5	14:415\$860	35:661\$332,5
Verbas deduzidas da metade a distribuir por porcentagens:				
Para a Revista universitária	1:000\$000			
Para gratificações a pessoal	200\$000			
Para prémios a alunos	680\$000			
Para a nova Casa das obras	500\$000			
Para obras na Biblioteca da Universidade	4:000\$000			
				6:380\$000
				42:041\$332,5

Repartição de Contabilidade da Secretaria da Universidade de Coimbra, em 24 de junho de 1912. — O 1.º official, *José Henriques de Sousa Sêco*.

(1) A Faculdade de Direito cede os 18 % à Faculdade de Ciências e à Escola de Farmácia e cede mais a esta última 470\$460 réis, resto da metade que lhe pertence.

(2) Nesta quantia está incluída a de 1:327\$925 réis, — 9 % que a Faculdade de Direito cedeu exclusivamente para restauração e adaptação do chamado Colégio de S. Boaventura (Loios) aos Museus de antropologia, etnologia e arqueologia preistórica.

(3) Por deliberação do Senado, em sessão de 22 do corrente, foram cedidas à Escola de Farmácia as seguintes verbas:

Da Faculdade de Teologia	79\$775
De restos de propinas	259\$115
Da diferença da taxa	190\$495
Resto da metade da Faculdade de Direito	470\$460

999\$845

MAPA N.º 4

Missões científicas ao estrangeiro
desde a autonomia da Universidade de Coimbra

Em 1908-1909:		
Dr. Joaquim Mendes dos Remedios (Teologia).....	600\$000	
Dr. José Ferreira Marnoco e Sousa (Direito).....	500\$000	
Dr. José Alberto dos Reis (Direito)..	500\$000	
Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca (Medicina).....	741\$780	
Dr. José de Matos Sobral Cid (Me- dicina).....	741\$780	
Dr. Henrique Manuel de Figueiredo (Matemática).....	500\$000	
Dr. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais (Matemática).....	500\$000	
Dr. Egas Ferreira Pinto Basto (Fi- losofia).....	224\$000	
		4:307\$560
Em 1909-1910:		
Dr. Francisco Martins (Teologia)...	900\$000	
Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela (Direito).....	1:000\$000	
Dr. Elísio de Azevedo e Moura (Me- dicina).....	862\$730	
Dr. Henrique Manuel de Figueiredo (Matemática).....	500\$000	
Dr. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais (Matemática)..	500\$000	
		3:762\$730
Em 1910-1911:		
Dr. Álvaro de Almeida Matos (Me- dicina).....	741\$780	
Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo (Matemática).....	500\$000	
Dr. Luciano António Pereira da Silva (Matemática).....	500\$000	
Dr. Álvaro José da Silva Basto (Fi- losofia).....	757\$000	
		2:498\$780
Em 1911-1912:		
Dr. José Joaquim de Oliveira Guima- rães Júnior (Teologia).....	500\$000	
	500\$000	10:569\$070

<i>Transporte</i>	500\$000	10:569\$070
Dr. António de Pádua (Medicina)....	741\$780	
Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo (Matemática).....	500\$000	
Dr. Luciano António Pereira da Silva (Matemática).....	500\$000	
Dr. António José Gonçalves Guimaraes (Filosofia).....	450\$000	
Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho (Fi- losofia).....	450\$000	
Dr. Augusto Joaquim Alves dos San- tos (Letras).....	700\$000	
		3:841\$780
Em 1912-1913:		
Dr. António Garcia Ribeiro de Vas- concêlos (Teologia).....	400\$000	
Dr. Carlos de Mesquita (Letras)....	700\$000	
2 missões em Direito.....	1:000\$000	
1 missão em Medicina.....	741\$780	
1 missão em Ciências (1.ª secção)...	500\$000	
		3:341\$780
<i>Total geral</i>		17:752\$630

Repartição de Contabilidade da Secretaria da Universidade de Coimbra, em 11 de setembro de 1912. — O 1.º Oficial, *José Henriques de Sousa Sêco*.

FACULDADE DE LETRAS

Mapa da frequência nas respectivas aulas no ano lectivo de 1911-1912

(Cotado em médias)

Mêses	Lingua e literatura latina		Filologia portuguesa		História antiga		História geral da civilização		Filosofia		Lingua e literatura francesa		Curso práctico de francês		Lingua e literatura inglesa		Curso práctico de inglês		Geografia geral		Hebreu		História da pedagogia		Pedagogia	
	Dias úteis	3 ⁽¹⁾	Dias úteis	18 ⁽¹⁾	Dias úteis	8 ⁽¹⁾	Dias úteis	20 ⁽¹⁾	Dias úteis	15 ⁽¹⁾	Dias úteis	2 ⁽¹⁾	Dias úteis	2 ⁽¹⁾	Dias úteis	6 ⁽¹⁾	Dias úteis	6 ⁽¹⁾	Dias úteis	4 ⁽¹⁾	Dias úteis	1 ⁽¹⁾	Dias úteis	22 ⁽¹⁾	Dias úteis	22 ⁽¹⁾
1911																										
Outubro ⁽²⁾ .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Novembro..	5	3	5	15	5	6	7	13	5	14	4	*	5	*	5	*	5	*	5	*	4	1	—	*	—	*
Dezembro..	6	2	6	12	6	4	10	9	6	13	6	1	6	1	6	4	6	5	6	3	6	1	—	*	—	*
1912																										
Janeiro....	8	2	6	13	8	7	13	8	9	14	8	1	9	1	9	4	8	4	8	3	8	1	5	9	4	16
Fevereiro..	7	2	8	12	7	6	12	6	8	15	8	1	7	2	7	4	8	5	8	3	7	1	7	5	8	16
Março....	8	2	10	11	8	6	13	6	8	14	8	2	8	2	9	3	8	5	9	3	9	1	8	10	8	18
Abril.....	5	2	6	13	5	8	10	10	7	15	7	2	6	2	7	4	6	6	5	3	5	1	6	11	7	13
Maió....	8	2	6	14	8	8	12	7	9	15	9	2	7	2	7	5	9	6	7	3	8	1	7	13	9	19
Junho.....	8	2	9	13	8	4	13	3	8	12	8	2	8	2	8	4	8	5	8	3	8	1	8	11	8	14
Julho.....	10	1	8	3	10	1	13	2	9	1	9	*	9	2	9	*	9	2	10	2	10	1	—	*	—	—

Gerais da Universidade de Coimbra, em 18 de setembro de 1912. — O Bedel, *Francisco Lopes Lima de Macedo*.

⁽¹⁾ Número de alunos inscritos nas diversas cadeiras.

⁽²⁾ Não houve aulas neste mês.

OBSERVAÇÕES:

As casas marcadas com este sinal (*) indicam que não compareceram os alunos ou os professores durante o mês.

A média foi tirada tomando o número de alunos que frequentaram as aulas durante o mês, dividindo esse número pelos dias em que houve aulas.

TABLE OF CONTENTS

Year	1870		1871		1872		1873		Total
	Jan	Feb	Jan	Feb	Jan	Feb	Jan	Feb	
1870	12	15	10	12	8	10	6	8	52
1871	10	12	8	10	6	8	4	6	44
1872	8	10	6	8	4	6	2	4	38
1873	6	8	4	6	2	4	0	2	26
1874	4	6	2	4	0	2	0	0	12
1875	2	4	0	2	0	0	0	0	6
1876	0	2	0	0	0	0	0	0	2
1877	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1878	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1879	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1880	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1881	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1882	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1883	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1884	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1885	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1886	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1887	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1888	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1889	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1890	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1891	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1892	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1893	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1894	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1895	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1896	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1897	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1898	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1899	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1900	0	0	0	0	0	0	0	0	0

...

Table of Contents

Year	1870		1871		1872		1873		Total
	Jan	Feb	Jan	Feb	Jan	Feb	Jan	Feb	
1870	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1871	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1872	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1873	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1874	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1875	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1876	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1877	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1878	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1879	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1880	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Table of Contents

1870 100

1871 100

1872 100

1873 100

1874 100

1875 100

1876 100

1877 100

1878 100

1879 100

1880 100

FACULDADE DE CIÊNCIAS — 1.ª Secção

Mapa da frequência nas respectivas aulas no ano lectivo de 1911-1912

(Cotado em média)

Meses	Cadeira de Álgebra superior		Cadeira de Matemáticas gerais		Cadeira de Geometria descritiva e estereotomia		Cadeira de Cálculo diferencial, integral e das variações		Análise superior		Cadeira de Mecânica racional		Cadeira de Astronomia e geodesia		Cadeira de Cálculo das probabilidades		Cadeira de Mecânica celeste		Cadeira de Física matemática		Cadeira de Desenho rigoroso		Cadeira de Desenho de máquinas		Cadeira de Desenho topográfico		
	Dias úteis	59 ⁽¹⁾	Dias úteis	45 ⁽¹⁾	Dias úteis	88 ⁽¹⁾	Dias úteis	81 ⁽¹⁾	Dias úteis	7 ⁽¹⁾	Dias úteis	25 ⁽¹⁾	Dias úteis	13 ⁽¹⁾	Dias úteis	14 ⁽¹⁾	Dias úteis	5 ⁽¹⁾	Dias úteis	5 ⁽¹⁾	Dias úteis	46 ⁽¹⁾	Dias úteis	72 ⁽¹⁾	Dias úteis	81 ⁽¹⁾	
1911																											
Outubro ⁽²⁾	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Novembro	13	3	13	37	13	47	13	36	13	5	13	7	13	8	13	7	13	4	13	4	13	12	13	8	8	6	
Dezembro	9	15	9	6	10	19	9	22	10	6	9	9	10	7	10	8	9	4	9	4	9	9	9	14	6	10	
1912																											
Janeiro....	12	10	12	10	13	16	12	20	13	3	12	8	13	6	13	6	12	3	12	3	12	12	12	11	8	10	
Fevereiro..	11	9	11	8	12	16	11	16	12	3	11	6	12	5	12	5	11	3	11	3	11	10	11	12	7	9	
Março	13	10	13	7	13	15	13	12	13	4	13	8	13	5	13	5	13	3	13	3	13	8	13	11	9	11	
Abril	8	9	8	8	10	11	8	12	10	3	8	7	10	5	*		8	3	8	3	8	9	8	8	6	7	
Maio ⁽³⁾ ...	11	14	11	10	13	—	11	10	13	3	11	8	13	3	*		11	4	11	4	11	13	11	11	8	9	
Junho ⁽⁴⁾ ..	12	10	12	7	13	12	12	*	13	*	12	5	13	1	*		12	*	12	*	12	11	12	9	8	6	
Julho ⁽⁵⁾ ...	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	

Este curso terminou em 15 de março

Gerais da Universidade de Coimbra, em 18 de setembro de 1912. — O bedel da 1.ª secção, *Augusto Dinis de Carvalho*.⁽¹⁾ Número de alunos inscritos nas diferentes cadeiras.⁽²⁾ Neste mês não houve aulas.⁽³⁾ Na cadeira de Geometria descritiva e estereotomia só houve trabalhos práticos durante este mês.⁽⁴⁾ As casas indicadas por este sinal (*) indicam que os professores ou os alunos não compareceram às aulas.⁽⁵⁾ As aulas, tanto do período transitório como da nova reforma, foram encerradas no mês de junho.

TABLEAU N° 1

États de l'Algérie en 1911

Canton	Population		Superficie		Canton
	Indigènes	Européens	Indigènes	Européens	
Alger	100.000	10.000	100.000	10.000	Alger
Bougie	80.000	8.000	80.000	8.000	Bougie
Oran	90.000	9.000	90.000	9.000	Oran
Constantine	70.000	7.000	70.000	7.000	Constantine
Blida	60.000	6.000	60.000	6.000	Blida
Medea	50.000	5.000	50.000	5.000	Medea
Sétif	40.000	4.000	40.000	4.000	Sétif
Bordj	30.000	3.000	30.000	3.000	Bordj
Annaba	20.000	2.000	20.000	2.000	Annaba
Colone	10.000	1.000	10.000	1.000	Colone
Orléansville	15.000	1.500	15.000	1.500	Orléansville
Cherchell	12.000	1.200	12.000	1.200	Cherchell
Tipaza	18.000	1.800	18.000	1.800	Tipaza
Bejaia	25.000	2.500	25.000	2.500	Bejaia
Mostaganem	35.000	3.500	35.000	3.500	Mostaganem
Arzew	45.000	4.500	45.000	4.500	Arzew
Relizane	55.000	5.500	55.000	5.500	Relizane
El Kher	65.000	6.500	65.000	6.500	El Kher
El Kher	75.000	7.500	75.000	7.500	El Kher
El Kher	85.000	8.500	85.000	8.500	El Kher
El Kher	95.000	9.500	95.000	9.500	El Kher

Les données ci-dessus sont relatives à l'année 1911. Elles ont été obtenues par le recensement de la population et la mesure des surfaces. Les chiffres sont exprimés en unités simples.

FACULDADE DE SCIÊNCIAS — 2.ª e 3.ª Secções

Mapa da frequência nas respectivas aulas no ano lectivo de 1911-1912

(Cotado em média)

Mezes	Química inorgânica		Química orgânica		Física dos sólidos e fluidos		Electricidade		Acústica, óptica e calor		Botânica (curso geral)		Zoologia (curso geral)		Mineralogia e Petrologia		Geologia		Antropologia		Análise química qualitativa		Análise química quantitativa		Desenho de plantas e animais (1.º ano)		Desenho de plantas e animais (2.º ano)		Mineralogia e Geologia		Botânica e Zoologia (curso médico)		Morfologia e Fisiologia (vegetais)		Zoologia dos invertebrados		1.º semestre (B. S.) Geografia física		2.º semestre Cristalografia		2.º semestre Química física		2.º semestre Química biológica		2.º semestre Paleontologia		Anual Química (curso geral)		Anual Física (curso geral)	
	Dias úteis	28 (1)	Dias úteis	85 (1)	Dias úteis	61 (1)	Dias úteis	60 (1)	Dias úteis	12 (1)	Dias úteis	34 (1)	Dias úteis	20 (1)	Dias úteis	49 (1)	Dias úteis	31 (1)	Dias úteis	25 (1)	Dias úteis	59 (1)	Dias úteis	60 (1)	Dias úteis	10 (1)	Dias úteis	8 (1)	Dias úteis	5 (1)	Dias úteis	98 (1)	Dias úteis	2 (1)	Dias úteis	2 (1)	Dias úteis	10 (1)	Dias úteis	2 (1)	Dias úteis	2 (1)	Dias úteis	46 (1)	Dias úteis	2 (1)	Dias úteis	47 (1)	Dias úteis	78 (1)
1911																																																		
Outubro (2) ..	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Novembro (2)	8	8	7	48	8	8	8	25	7	7	7	22	8	14	8	24	5	20	7	16	5	29	5	18	8	2	8	2	8	1	8	59	6	1	7	1	6	8	*	*	*	*	*	*	*	8	9	8	36	
Dezembro...	10	15	9	35	10	13	10	21	9	6	9	16	10	11	10	20	6	10	9	12	6	27	7	18	10	3	10	2	10	1	10	46	10	1	10	1	6	5	*	*	*	*	*	*	*	10	15	10	37	
1912																																																		
Janeiro	13	14	12	31	13	20	13	24	12	7	12	17	13	13	13	18	8	16	9	10	8	23	8	26	13	3	13	2	13	4	13	40	13	2	12	2	9	5	*	*	*	*	*	*	*	13	24	13	33	
Fevereiro ...	12	10	11	22	12	22	12	24	11	7	11	13	12	12	12	16	8	13	11	12	8	17	7	23	12	2	12	1	12	3	13	53	13	1	12	1	8	3	*	*	*	*	*	*	*	12	21	12	27	
Março	13	7	13	22	13	22	13	20	13	7	13	16	13	9	13	19	8	11	13	11	9	15	8	30	13	4	13	3	13	2	10	36	13	1	13	1	5	4	7	1	5	1	7	15	5	1	13	23	13	29
Abril	10	11	9	28	10	29	10	18	9	8	9	19	10	10	10	18	6	16	9	13	6	22	5	*	10	2	10	2	10	2	13	49	10	1	8	1	*	*	8	1	6	1	10	19	7	2	10	29	10	40
Maió	13	12	12	29	13	26	13	26	12	7	12	14	13	10	13	12	8	11	12	15	8	18	5	16	13	3	13	3	13	3	13	49	12	1	12	1	*	*	12	1	9	2	13	18	8	2	13	29	13	38
Junho	13	6	13	*	13	*	13	23	13	1	13	2	13	2	12	1	8	*	12	*	8	31	8	25	13	2	13	2	13	2	13	34	12	2	12	1	*	*	12	1	9	1	13	14	8	1	13	18	13	43
Julho	*	*	*	*	*	*	*	*	13	1	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	13	1	13	20	12	1	12	1	*	*	12	1	8	1	13	8	6	1	13	9	13	13

Gerais da Universidade de Coimbra, em 21 de setembro de 1912. — O bedel interino das 2.ª e 3.ª secções, *Abílio Marques dos Santos*.

(1) Número de alunos inscritos nas diversas cadeiras.

(2) Neste mês não houve aulas.

(3) As casas marcadas com este sinal (*) indicam que os professores ou os alunos não compareceram às aulas.

OBSERVAÇÃO. — A média foi tirada somando o número de alunos que frequentaram as aulas durante o mês, dividindo pelos dias em que houve aulas.

Date	1911		1912	
	Jan	Feb	Jan	Feb
Jan	10	10	10	10
Feb	10	10	10	10
Mar	10	10	10	10
Apr	10	10	10	10
May	10	10	10	10
Jun	10	10	10	10
Jul	10	10	10	10
Aug	10	10	10	10
Sep	10	10	10	10
Oct	10	10	10	10
Nov	10	10	10	10
Dec	10	10	10	10

Comité de Univerſidade de Guandú, em 21 de Setembro de 1911

1) Número de alunos inscritos em diversas disciplinas
 2) Nota dos alunos inscritos
 3) As notas inscritas com este sinal (*) indicam que os alunos não compareceram às aulas.

Table 1. Summary of the data for the different groups of subjects.

Group	Number of subjects		Age (years)		Sex (M/F)		Education (years)	
	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
1	10	2.0	20.5	1.5	5	1	12	1.5
2	10	2.0	21.0	1.5	5	1	12	1.5
3	10	2.0	21.5	1.5	5	1	12	1.5
4	10	2.0	22.0	1.5	5	1	12	1.5
5	10	2.0	22.5	1.5	5	1	12	1.5
6	10	2.0	23.0	1.5	5	1	12	1.5
7	10	2.0	23.5	1.5	5	1	12	1.5
8	10	2.0	24.0	1.5	5	1	12	1.5
9	10	2.0	24.5	1.5	5	1	12	1.5
10	10	2.0	25.0	1.5	5	1	12	1.5

Group 1: University students of chemistry, age 19 to 20, n=10.

Group 2: University students of physics, age 20 to 21, n=10.

Group 3: University students of biology, age 21 to 22, n=10.

Group 4: University students of medicine, age 22 to 23, n=10.

Group 5: University students of law, age 23 to 24, n=10.

Group 6: University students of engineering, age 24 to 25, n=10.

Group 7: University students of agriculture, age 25 to 26, n=10.

Group 8: University students of forestry, age 26 to 27, n=10.

Group 9: University students of geology, age 27 to 28, n=10.

Group 10: University students of history, age 28 to 29, n=10.

MAPA N.º 10

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

Frequência e obras consultadas no período de doze anos

Anos	Frequência			Obras consultadas													
	Masculina	Feminina	Total	A	B	C	D	E				F	G	H	I	K	Total
								1	2	3	4						
1901	2:537	30	2:567	93	406	1:325	107	65	190	50	7	218	4	102	-	-	2:567
1902	2:674	29	2:703	84	384	1:420	94	57	168	58	10	259	18	151	-	-	2:703
1903	2:266	80	2:346	99	350	1:350	82	43	39	25	6	220	7	125	-	-	2:346
1904	6:960	59	7:019	286	714	4:593	189	314	179	39	84	625	37	645	2	15	7:722
1905	7:656	27	7:683	141	494	4:860	203	256	276	56	15	1:073	46	856	2	202	8:480
1906	9:791	19	9:810	166	725	5:058	100	481	221	95	45	1:440	133	1:754	-	279	10:497
1907	9:342	7	9:349	206	410	4:541	90	549	182	90	21	1:533	109	1:693	12	241	9:677
1908	12:541	15	12:596	241	570	6:192	112	622	201	182	70	2:471	84	2:343	-	155	13:243
1909	17:450	52	17:502	219	629	6:287	160	1:074	481	65	55	5:694	221	3:109	15	191	18:150
1910	17:633	60	17:693	191	359	8:346	151	931	714	48	70	3:897	148	3:219	2	318	18:394
1911	13:673	213	13:886	184	105	4:676	291	878	679	23	37	4:396	94	2:574	-	221	14:158
1912	9:781	226	10:007	148	10	2:858	197	487	492	119	56	2:773	116	2:865	-	86	10:209
	112:344	817	113:161	2:058	5:156	51:456	1:776	5:759	3:822	850	476	24:599	1:017	19:436	33	1:708	118:146

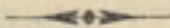
N.º 11

CIRCULAR AOS MUNICÍPIOS DA CIRCUNSCRIÇÃO
UNIVERSITÁRIA DE COÍMBRA (1)Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de

A criação das *Bolsas de Estudo*, instituídas pelo Decreto de 22 de março de 1911, representou, para o país em geral e em especial para cada circunscrição universitária, uma generosa medida e uma vantagem evidente. Com efeito, facultarão elas a indivíduos largamente dotados de inteligência e carácter, mas desprovidos de meios de fortuna, os recursos necessários para se ilustrarem e educarem a ponto de constituírem uma *élite* que há de por certo concorrer para o progresso material e moral da vida portuguesa.

Nestas circunstâncias, alentando a convicção de que instituição tão benemérita e útil merecerá a simpatia e o aplauso das administrações municipais da circunscrição universitária de Coimbra — tenho a honra de chamar a atenção de V. Ex.^a para o artigo 3.º do citado Decreto de 22 de março, cuja alínea *b*) dispõe que o fundo universitário das *Bolsas de Estudo* será em parte constituído por *subscrição voluntária dos municípios e instituições filantrópicas da região*.

Ouso esperar que o município da digna presidência de V. Ex.^a saberá corresponder generosamente ao intuito do presente officio, concorrendo para as referidas *Bolsas de Estudo*. — Saúde e Fraternidade. — Universidade de Coimbra, ... de ... de ... — O Reitor, *Joaquim Mendes dos Remédios*.



(1) Esta circular foi enviada a 96 Municípios dos quais 85 não responderam; 2 prometeram dar qualquer subsidio; 9 desculparam-se com a exiguidade das receitas e 2 fixaram logo verba que por enquanto não foi cobrada.

FACULDADES DE LETRAS

LIÇÃO INAUGURAL DO ANO LECTIVO DE 1912-1913

PRONUNCIADA EM SESSÃO SOLENE DA UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

A 15 DE OUTUBRO DE 1912 PELO PROFESSOR DA FACULDADE DE LETRAS

Dr. ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS

1911

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIÇÃO INAUGURAL DO ANO LECTIVO DE 1912-1913

EX.^{mo} MINISTRO DA REPÚBLICA PORTUGUESA (1),
SÁBIO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COÍMBRA,
MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES:

Chamado quási à última hora, por dever do cargo, a vir fazer esta lição inaugural do nôvo ano escolar, em substituição da exímia filóloga, publicista distintíssima, e professora abalada desta Universidade, a Ex.^{ma} D.^{ra} D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que não pôde comparecer por falta de saúde, vi-me obrigado a desempenhar tão honroso mandato, embora me escacéiem saber e autoridade.

Tinha de ser; obedeçamos pois.

Entre os diversos assuntos que podia escolher para esta desprerenciosa lição, nenhum viria mais a propósito do que falar-vos da minha Faculdade, das sciências que nela se professam, e da sua capital importância.

Criada recentemente, não imagineis, Senhores, que ela seja uma novidade no organismo universitário dêste estabelecimento. Surgira no século XIII com a própria Universidade, e nela se mantivera durante séculos, através das diversas transformações e mudanças, por que esta passou.

Chamava-se antigamente Faculdade das Artes, e conglobava o ensino das Letras e das Sciências. Os seus estudos constituíam uma preparação científica para as quatro Faculdades profissionais — Teologia, Canones, Leis e Medicina.

A sua importância pedagógica era a princípio considerada em muito, e a Faculdade das Artes influia poderosamente na

(1) Dr. Francisco José Fernandes Costa, ministro da Marinha.

cultura geral dos homens de ciência; a ela é que fôram receber os conhecimentos humanistas, em que muitos, nas diversas carreiras que vieram a seguir, tão distintos se mostraram. Eram efectivamente as Humanidades que ali tinham cultura mais ampla e intensa.

Houve até um período histórico, embora de pouca duração, em que a Faculdade das Artes, ao tempo instalada nos colégios de S. Miguel e de Todos os Santos na rua de S.^{ta} Sofia, revestiu o seu ensino literário e humanístico de brilho fulgurantíssimo, que, irradiando sôbre as outras Faculdades, a todas iluminou e tornou célebres. Foi o período áureo da velha Universidade de Coímbra, quando as Artes eram ensinadas pelos grandes humanistas, que o célebre Dr. André de Gouveia contratou no estrangeiro e trouxe para Coímbra, onde exerceram por algum tempo o magistério. Nesta escola se formaram muitos dos grandes génios da Renascença em Portugal; para a imortalizar basta o talento sobrehumano do nosso grande épico, que aqui estudou e colheu o vasto saber e a orientação humanista.

As restantes Faculdades receberam desde logo o ósculo vivificante da esplêndida Faculdade das Artes, e o ensino em todas elas revestiu então um brilho literário tal, que era o assombro e admiração de nacionais e estrangeiros (1).

Na língua do Lácio é que ordinariamente se falava nas aulas, sendo o seu uso familiar a mestres e alunos. Havia aqui latinistas consumados; entre êles especializarei Inácio de Moraes, perfeito conhecedor da literatura latina, e que escrevia com suma elegância belos versos no idioma clássico de Vergílio e Ovídio. Como êste, podíamos citar muitos outros professores das diversas Faculdades, que falavam e escreviam o latim com admirável naturalidade e pureza.

O erudito filólogo Nicolau Clenardo visitou Coímbra no meado do século XVI, e, embora por vezes se mostrasse disposto a amesquinhar o que era português, confessou em uma carta que ficara pasmado de ouvir aqui o professor Vicente Fabrício dialogando familiarmente em grego com os discípulos, afigurando-se-lhe que estava em Atenas, e que os interlocutores conversavam na própria língua materna. Era nesta mesma língua que os professores da Faculdade de Medicina, Ambrósio Nunes, Francisco Giraldes e António Luís, o *Grego*, comentavam Hipócrates e Galeno, textos das suas aulas.

As próprias línguas e literaturas orientais eram estudadas na Academia conimbrigense com esmêro; o hebreu, o caldeu e o árabe tinham cultores apaixonados e mestres de grande mérito. Pedro Henriques, Gonçalo Álvares, o Dr. Rosetto e D. Pedro de Figueiró, vulgarmente conhecido por D. Pedro Hebraico, eram documentos vivos desta cultura orientalista.

(1) Veja-se a nota I no fim desta lição.

Nem menos gloriosa é a fama que deixaram alguns célebres professores de Humanidades, já ao tempo bem conhecidos no estrangeiro, tais como os dois Gouveias, Diogo e André, os doutores Bordalo e Teive, o escocês Jorge Buckanan, etc. Nicolau Grouchy professava as disciplinas filosóficas, lendo na aula e comentando Aristóteles na própria língua original.

Em breve porém começa a decadência. A mão poderosa, mas inepta, dum monarca, deixando-se guiar por conselhos de sábios, produzira inconscientemente êsse imenso beneficio; a mesma régia mão, fanatizada e dirigida pouco depois por sugestões retrógradas, com igual inconsciência desmanchou o que havia feito: e a decadência, precursora da ruína, não tarda a manifestar-se.

O magistério da antiga e gloriosa Faculdade das Artes é arrancado aos sábios professores que tanto a nobilitavam, e entregue aos jesuítas, dando-se-lhes plena e completa isenção da autoridade do Reitor da Universidade. Era uma Faculdade realmente auto-céfala, embora nominalmente integrada no organismo desta academia. Não participava da vida comum das outras Faculdades, e mal podia auferir ou comunicar os beneficios dêste íntimo e quotidiano convívio científico, principal vantagem dos corpos universitários. Lá continuou vivendo, por largos anos, uma vida quási isolada, que entretanto não classificaremos de obscura ou inglória, o que só por indesculpável facciosismo poderá fazer-se. Os trabalhos dos *Conimbrigenses* são muito notáveis e largamente apreciados nos grandes meios filosóficos, especialmente na Alemanha. Fôra muito intensa e brilhante a vida literária desta Faculdade, não podia apagar-se súbitamente; mas a decadência ia-se pouco a pouco acentuando, como era natural.

Debalde a munificência régia acode com larguíssimos e extravagantes privilégios em prol do nôvo instituto, debalde se condecora êste com o título pomposo de *Escolas menores da Universidade de Coímbra*, debalde se vão cercear as rendas universitárias, tirando dali avultada pensão anual para subsidiar aquelas escolas; não há fôrças humanas que possam deter o penedo, que, arrancado por brusca sacudidura da crista da serra, começa a rolar pelo íngreme pendor. A decadência principiara; a ruína chegaria mais tarde ou mais cedo. Era uma questão de tempo.

É certo que a acção benéfica da educação humanista nos professores das quatro Faculdades, que ficaram constituindo de facto o organismo universitário, ainda se prolongou, com intensidade decrescente, durante mais de um século, revelando-se nítidamente nos trabalhos que êsses professores nos deixaram, e nos dos alunos que aqui fizeram a formatura.

Entretanto as chamadas *Escolas menores*, cortada a ligação natural com o organismo universitário, embora se continuassem a dizer nele incorporadas, escasseando-lhe cada vez mais a seiva própria, caíndo em crescente desprestígio, vieram a degenerar em simples instituto de ensino secundário, cujo papel, nas suas relações com a Universidade, se limitava, em grande número de casos, a examinar os candidatos à matrícula, e a atestar a sua suficiência para entender as lições das Faculdades a que se destinavam.

Eis a mesquinha sombra que no declinar do século XVIII representava a antiga e gloriosa Faculdade das Artes, essa escola humanista, que funcionara brilhantemente no segundo quartel do século XVI, sob a direcção competentíssima dos afamados Doutores parisienses André de Gouveia, João da Costa, e Paio Rodrigues de Vilarinho.

Tristes vicissitudes da sorte!

Sic transit gloria mundi!

Tal era a chamada Faculdade das Artes, quando o Marquês de Pombal intentou e levou a cabo a grandiosa reforma da Universidade de Coímbra.

Em todas as outras Faculdades encontrou o reformador matéria prima aproveitável, e nelas operou a reforma. A das Artes porém, no estado em que se encontrava, provocou-lhe um desses gestos bruscos, violentos, de repulsão, que não eram raros no Marquês; a definitiva sentença de morte ficava desde esse momento lavrada. Da Faculdade das Artes nem o nome subsistiria mais.

O anátema contra ela encontra-se fulminado no livro III da parte III dos Estatutos pombalinos.

*

Extinguindo a decrépita Faculdade, o Marquês de Pombal não quis, nem podia querer, que de futuro se não ensinassem na Universidade as sciências humanísticas, que desde o meado daquele século iam tendo notável desenvolvimento. Bem sentia o génio do reformador que um espírito nôvo agitava por toda a parte a velha Europa, operando uma grande renovação literária e científica, e preparando não só a revolução social que se operou na França, mas ainda os brilhantes descobrimentos das sciências, que vieram ilustrar o século XIX, e que, num *crescendo* rápido e constante, vão dia a dia erguendo a humanidade a regiões superiores.

A fim de preencher a lacuna deixada pela extinção da velha Faculdade, cria o Marquês a Faculdade nova de Filosofia, em tudo emparelhada e igualada às outras Faculdades universitárias, e modelada pelas congéneres Faculdades de Filosofia alemãs, com quatro secções, cada uma delas representada por uma só cadeira: — a 1.^a de Filosofia racional e moral, a

2.^a de História natural, a 3.^a de Física experimental, a 4.^a de Química teórica e prática.

Bem reduzido, mesquinho até para o tempo, era esse quadro, ou, melhor, esse esqueleto, esse esboço de estudos; mas, que havia de fazer o reformador, a quem faltavam quasi por completo os elementos para a organização da nova Faculdade? Cá dentro do país encontrou um professor competente e muito distinto para lhe confiar a regência da cadeira de Filosofia racional e moral, o Dr. António Soares Barbosa; para as de Filosofia natural mandou vir de Itália os naturalistas Domingos Vandelli e Della-Bella.

Adjunto à Universidade, como escola preparatória, criou o Marquês o Real Colégio das Artes, onde se ficou ministrando o ensino secundário; e por todo o país, nas mais importantes terras da província, foram colocadas numerosas escolas de primeiras letras, e de latim, grego, filosofia racional e moral, geometria, retórica e poética.

Todo este organismo pedagógico, funcionando regularmente, devia erguer, com relativa presteza, a cultura literária e científica do país. Mas infelizmente os factos não corresponderam às previsões.

A 24 de fevereiro de 1777 morre D. José, e com a vida do rei se extingue súbitamente a autoridade do seu ministro plenipotenciário e logar-tenente. O scetro passa às mãos de uma pobre mulher, sem vontade-própria, com o cérebro entenebrecido pelos pavores do fanatismo religioso; e a obra do Marquês começa a ser desde logo demolida. Do grandioso edificio do ensino superior, por elle erguido com tanto interesse, com tanto entusiasmo, não ficaria pedra sobre pedra, se o génio audaz e esclarecido do nunca assás louvado e admirado D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho lhe não supusesse os seus vigorosos ombros, conseguindo sustê-lo no momento crítico, e consequentemente salvá-lo.

Decorridos porém alguns anos, a joven Faculdade de Filosofia sofre uma amputação lamentável e fatal.

Tudo aconselhava a que se promovesse o desinvolvimento progressivo e harmónico das diversas secções esboçadas na reforma pombalina; mas succedeu cousa bem diferente. Já vem de longe neste país o costume de não se realizar um aperfeiçoamento no ensino senão mediante a condição expressa de não se aumentar um ceitel à despesa. Reconheceu-se a necessidade de destacar da cadeira única de História natural o ensino da Botânica e da Agricultura, criando uma nova cadeira consagrada exclusivamente a estas sciências. Para isto se realizar, sem aumento de despesa, foi suprimida por Carta régia de 24 de janeiro de 1791 a cadeira única que na Faculdade representava a secção humanística da Filosofia! E desde esse momento ficou banido da Universidade de Coímbra, onde devia continuar a existir, e ir evolucionando, o ensino superior das Letras e Humanidades!

A Faculdade de Filosofia, amputada e reduzida às secções física, química e histórico-natural, lá foi progredindo com vigor notável, especialmente desde 1860 para cá, chegando, à custa de muitos e desinteressados esforços e de grandes sacrifícios dos seus professores, quasi sempre desajudados, e por vezes até contrariados pelos poderes públicos, ao estado de esplendor em que actualmente se encontra; mas, quanto às Humanidades, mais de um século decorreu, sem que fossem reintegradas no quadro dos estudos universitários!

Entretanto lá fóra iam tomando um desenvolvimento notável os estudos literários e humanísticos, alcançando um lugar de honra ao lado das outras sciências.

Ainda ficou, é verdade, anexo por algum tempo à Universidade de Coímbra o Real Colégio das Artes, que ministrava, como já disse, o ensino secundário das Sciências, Letras e Humanidades; e as numerosas escolas de ensino primário e secundário criadas pelo Marquês, que de princípio estavam sob a inspecção, govêrno e direcção da *Mesa da Comissão Geral sobre o exame e censura dos livros*, também passaram por carta régia de 17 de dezembro de 1794 para a superintendência, autoridade e jurisdição da Universidade, que superiormente as dirigia e lhes escolhia os professores. Mas tudo isso veio a desaparecer com o decreto de 7 de setembro de 1835 (cujos efeitos foram sustados pelo de 2 de dezembro do mesmo ano) e com o de 15 de novembro de 1836, que deu nova forma aos estudos de instrução primária e secundária (1).

Há muitos anos que se reclamava a criação duma Faculdade de Letras na Universidade de Coímbra, como satisfação duma necessidade urgente e inadiável. Teria de ir muito longe, e fatigaria cruelmente a vossa atenção, Senhores, se aqui procurasse fazer um recenseamento minucioso e completo dêsses esforços, ora isolados, ora colectivos. Publicistas de nome, professores distintos, políticos de valor, puseram a sua pena e o seu valimento a serviço desta causa santa da Instrução; mas tudo debalde. Chegaram até a ser apresentados ao Parlamento projectos de lei neste sentido, que foram postos de parte sem se lhes concederem as honras da discussão.

A própria Universidade mais de uma vez tentou conseguir que uma Faculdade de Letras fosse integrada no seu organismo, completando-o. Uma dessas vezes fez-se a tentativa em circunstâncias de ocasião particularmente sugestivas. Celebrava-se a comemoração tricentenária do imortal cantor das glórias pátrias, essas festas grandiosas em que a Universi-

(1) Veja-se a nota II no fim desta lição.

dade, tanto o corpo docente como o discente, reúnidos num pensamento único e em um mesmo sentimento, como organismo exuberante de vida, erguendo-se num ímpeto cheio de grandeza, que só o recordá-lo me causa estremecimentos de entusiasmo e de orgulho, rememorou solenemente esse nome glorioso, que por si bastaria para justificar a autonomia dum país e a consagração duma raça!

Julgou então a Universidade assistir-lhe o direito de chamar para as Letras, que o herói festejado tam luminosamente representava, uma parcela de desenvolvimento e de progresso. Mas, que?! Havia problemas importantes que preocupavam os altos poderes do Estado, reclamações de dinheiros para obras de utilidade prática; a representação universitária provocaria um simples sorriso de desdém e compaixão, para quem desperdiçava o tempo a pensar em tais bagatelas!

Mais tarde, a 1 de outubro de 1888, e em festa idêntica à que neste momento celebramos, o ilustre Reitor que então presidia à Universidade, o Dr. Adriano de Abreu Cardoso Machado, anunciou solenemente nesta sala que ia empregar todos os esforços, para que tão justo *desideratum* fosse finalmente satisfeito; mas os óbices que encontrou, ao procurar realizar o seu louvável e generoso plano, foram tais, que nem o prestígio do seu nome, nem a tenacidade da sua vontade, nem a sua grande cotação política, puderam vencê-los.

Ainda recentemente, em 1907, uma última tentativa se fez para a organização da Faculdade de Letras, por parte de uma comissão de professores das diversas Faculdades, em nome dos respectivos conselhos académicos; o resultado colhido foi mais uma vez negativo.

Honra pois ao Govêrno provisório da República portuguesa, que pelo decreto com força de lei de 19 de abril de 1911, ao mesmo tempo que instituía as duas Universidades de Lisboa e do Pôrto, criava duas Faculdades de Letras, uma na antiga Universidade de Coímbra, outra em a nova Universidade de Lisboa.

Em nome das Letras pátrias e da Instrução pública em Portugal, são devidos agradecimentos a todos os membros do Govêrno provisório, e em especial ao seu Ex.^{mo} Ministro do Interior, Sr. António José de Almeida; e não pode também ser esquecido o nome do ilustre professor desta Universidade, Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, ao tempo director geral da Instrução superior, a cujos bons serviços e esforços é em grande parte devida a criação da nossa Faculdade, assim como outros muitos serviços, prestados a êste estabelecimento de ensino. Tenho grande satisfação em dar no presente acto soleníssimo, e em nome da minha Faculdade, êste público testemunho de reconhecimento.

¿ De que se ocupam as Faculdades de Letras? que ordens de conhecimentos se cultivam nelas?

É vulgar ouvirem-se formular semelhantes perguntas; nem admira que tal suceda entre nós, onde estas Faculdades constituem uma novidade. Além disso, a impropriedade da denominação que se lhes dá, mais serve para confundir e desnortear, do que para indicar o verdadeiro objecto dos estudos nelas professados.

A palavra *Letras*, bem como a palavra *Artes*, correspondem a objectivos muito restritos, e até bastante diversos dos que actualmente se assinam a estas Faculdades. É um facto bem vulgar: mudarem as ideias, e ficarem as palavras que as exprimiam, depois de assumirem nova significação.

Aquelas expressões vieram-nos das antigas Universidades, e permaneceram, enquanto as Faculdades respectivas, por uma evolução natural, se iam desenvolvendo e transformando, até se metamorfosearem nas Faculdades modernas. Os ingleses conservam ainda hoje a pristina denominação de *Artes*; os alemães adoptaram o nome de *Filosofia*; em França, quando Napoleão tratou de restaurar as Universidades do velho regime, criou nelas as duas Faculdades, *de Letras* e *de Sciências*, representando as duas secções da antiga Faculdade das Artes.

Nos povos latinos, remodelando-se as Universidades no decorrer do século XIX, deu-se em geral às Faculdades literário-humanísticas a denominação francesa, chamando-lhes *Faculdades de Letras*, ou, mais communmente, *de Filosofia e Letras*.

¿ Mas quão longe está o seu ensino, do que fazia objecto da correspondente Faculdade antiga! Todas as Faculdades universitárias se modificaram profundamente, nenhuma porém sofreu transformação tão radical como a das Artes, bifurcando-se na de Sciências e na de Letras, que nela se encontravam apenas em embrião.

Estas duas Faculdades gémeas teem por missão o ensino das sciências teóricas, das sciências puras, enquanto nas outras se cultivam as sciências applicadas, as sciências profissionais, avultando entre elas as económicas, jurídicas e médicas. É esta consideração que faz com que na Alemanha se conservem reunidas as cadeiras das nossas Faculdades de Letras e de Sciências, constituindo uma Faculdade única, a de Filosofia, em cujo seio encontramos agrupadas, em secções distintas, as sciências filológicas, histórico-geográficas, e filosóficas, ao lado das matemáticas, físico-químicas e histórico-naturais.

O tipo francês, adoptado pelos povos latinos e por outros, é justificável no campo scientifico, sem que, para explicar tal adopção, se torne necessário apelar para as afinidades e simpatias de raça. Mas deixemos a discussão dêste ponto, que longe nos levaria. Basta-nos frisar que as nossas duas Facul-

dades congêneres teem convencionalmente assinados, aos seus estudos e ensino objectos distintos e raias delimitadas.

As *Letras* estudam o homem considerado ser psicológico e social — o ζῷον ψυχικόν, καὶ πολιτικόν dos gregos; as *Sciências* estudam a natureza, de que também faz parte o homem, que por isso é objecto das suas investigações, mas já sob um outro aspecto, como sendo o elo extremo da cadeia zoológica, o degrau supremo da escala animal, o ἄνθρωπος considerado simplesmente animal bímano, enfileirado a par dos quadrúmanos da ordem dos primatas.

No âmbito, que convencionalmente se denomina *das Letras*, encontram-se compreendidos três grupos de sciências: as psicológicas, as históricas, e as filológicas. Nas sciências psicológicas a Faculdade de Letras estuda o homem em si mesmo, faz incidir a análise e a crítica racional sôbre o seu próprio ser, ensina-o a perscrutar o que há de mais íntimo e mais difícil de atingir no fundo da sua consciência, os seus pensamentos e sentimentos, os motivos e o mecanismo dos seus actos; nas sciências históricas estuda-o através do tempo e do espaço, em todas as manifestações da sua vida social, e da própria vida individual, na transformação das ideias, das crenças, do gôsto, dos processos artísticos; nas sciências filológicas estuda-o nas comunicações dos seus pensamentos e dos seus sentimentos, pois a linguagem é aqui tratada como o meio natural de comunicação entre os homens, o processo pelo qual exprimem os seus conceitos, o instrumento constituinte das literaturas.

Eis, em esbôço rápido e simples, o campo da actividade scientifica demarcado às Faculdades de Letras.

Não se suponha porém que os seus limites sejam tão precisos em todos os contornos, que não haja alguns tratos de território misto, onde no seu labutar se encontram as sciências do homem com as sciências da natureza.

Existem, sem dúvida, o que não é de extranhar. A psicologia experimental estabelece o contacto íntimo entre as sciências psicológicas e a fisiologia cerebral; a geografia, que não pode separar-se do grupo das sciências históricas, prende naturalmente estas sciências com a física do globo; a fonética liga de maneira indestrutível as sciências filológicas e a fisiologia.

Nas Faculdades de Letras, como nas de Sciências, o ensino não pode fazer-se sem exercícios práticos, trabalhos de investigação pessoal, sob a direcção dos professores e dos assistentes. Para êsses trabalhos já temos, além da biblioteca geral do estabelecimento, uma boa biblioteca privativa em formação, e o rico arquivo da Universidade, em vésperas de ser largamente aumentado com as preciosas colecções que se organizarão à custa do belo pecúlio documental dos arquivos eclesiásticos do distrito, que está pedido, e certamente não será recusado. Trata-se actualmente da instalação do *Instituto*

histórico e geográfico, com material pedagógico excelente; e vão-se adquirir os aparelhos e instrumentos necessários para o laboratório de psicologia experimental, que já no presente ano lectivo começará a funcionar.

É pênna que não possa ainda, nos anos mais chegados, dar-se instalação definitiva a estes dois últimos estabelecimentos de trabalhos práticos, por falta de casa própria; mas temos onde sejam instalados, em futuro mais ou menos próximo, porque o Ex.^{mo} Ministro do Fomento do actual Gabinete concedeu à Faculdade de Letras o edifício em obras do antigo colégio de S. Paulo, onde ela se alojará muito bem com todos os seus serviços, aulas e repartições.

Cumpro um dever renovando neste acto solene os agradecimentos que por parte do Conselho da minha Faculdade já foram tributados a sua Ex.^a o Sr. Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, por esta importante concessão.

Da simples indicação, que deixo feita, do objecto dos estudos das Faculdades de Letras, se deduz claramente a alta importância que tais Faculdades teem na educação do homem. Em toda a parte as *Letras* são consideradas a base de qualquer cultura superior. As *Sciências* não carecem de que lhes teça aqui o elogio, pois bem provada e evidente é a sua alta importância educativa, dando ao espírito a disciplina fria da observação e indução, o sentido da precisão, do rigor geométrico; mas ninguém há hoje que se lembre de sustentar que isso baste para a educação do espírito, para a formação do homem. É necessário dar ao espírito humano o conhecimento de si, ensiná-lo a descobrir e entrar na posse de todas as suas energias intellectuais e morais, a aperfeiçoar e depurar os sentimentos, a desenvolver e polir o bom gosto, o senso estético, a amadurecer o juízo, a formar o carácter, a adquirir a linha imperturbável de firmeza e austeridade, ao lado da suave tolerância e polidez, indispensável no trato social.

Assim vemos com quanta razão todas as nações, que se empenham em progredir, em marcar logar no convívio dos povos civilizados, teem procurado dar o máximo desenvolvimento ao estudo e cultura das Humanidades, criando novas Faculdades de Letras, reformando e ampliando as que já havia, amparando-as carinhosamente, dando-lhes todos os meios de acção e progredimento, e atraíndo a elas frequência sempre crescente pela valorização dos seus diplomas.

Para bem observardes, minhas Senhoras e meus Senhores, a alta importância que por toda a parte se liga à acção das Faculdades de Letras, qualquer que seja o nome que se lhes dê, convido-vos a acompanhar-me em uma rápida excursão, passando por povos em graus de civilização mais ou menos avançada, a ver se encontramos algum no estado em que se

achava o nosso ainda há dois anos, com a sua única Universidade desprovida de uma Faculdade, onde se professassem os estudos humanísticos. Para não vos fatigardes muito, limitar-nos hemos à Europa; nem sequer lançaremos os olhos para a deslumbrante América, que em Letras e em Ciências desenrola intemerata o estandarte do progresso, caminhando sempre àvante, sem jámais retroceder.

*

Começando pelos *países latinos*, visitemos primeiramente a nossa vizinha Espanha, à qual nos prendem laços íntimos geográficos, etnológicos e filológicos. Enquanto nós estivemos dormindo, a Espanha, honra lhe seja, trabalhou e avançou. Lá encontramos não menos de 10 Faculdades de Filosofia e Letras, ocupando sempre o primeiro lugar, o lugar de honra, em cada uma das suas 10 Universidades. A Faculdade de Madrid é muito importante, contando ao todo 27 catedráticos; e tanto nesta, como nas das outras Universidades, se distinguem como professores homens dos mais eminentes e reputados daquela nobre nação.

Passemos os Pireneus. Entrando na França, aí temos um verdadeiro deslumbramento! As antigas Faculdades napoleónicas não se desenvolveram condignamente; foi preciso que se desse o doloroso golpe de 1870, que fez estremecer o país numa convulsão gigantesca e o acordou do sono letárgico em que se achava imerso, para então cair em si, observando, que para viver e se defender dos inimigos externos, e dos internos que ainda mais perigosos são, tinha de criar e preparar cidadãos. Lançou então os olhos para as Faculdades de Letras, que reformou e multiplicou, confiando-lhes aquela patriótica missão, de que elas bem se teem sabido desempenhar. Hoje a França tem 15 Faculdades oficiais de Letras, nas suas 16 Universidades do Estado. Algumas destas são pequenas Universidades provinciais, bastante incompletas, e apenas destinadas a satisfazer as exigências peculiares da região. Pois as Faculdades de Letras é que elas não dispensam, havendo apenas uma que a não tem, a de Marselha, constituída sómente por uma Faculdade de Ciências e uma Escola de Medicina e de Farmácia; mas na Faculdade de Ciências lá estão enxertados nada menos de 12 cursos anexos de sciências filosóficas, históricas e filológicas. A principal das Faculdades de Letras, a da Sorbona, é servida por 34 professores ordinários, 9 adjuntos, 25 encarregados de cursos, 11 directores de conferências, além de um grande número de professores de cursos livres, que nela abundam. E não se imagine que em París é só a essa grande Faculdade que está confiado o ensino das Humanidades. Há mais, muito mais. Ali existem:

— A *Escola prática dos altos estudos da Sorbona*, dividida

em 5 secções, uma das quais se intitula das *Sciências históricas e filológicas*, com 23 cadeiras e um curso de trabalhos paleográficos; e outra das *Sciências religiosas*, com 14 cadeiras e alguns cursos livres;

— O *Laboratório de fonética experimental*, dirigido pelo sábio MICHEL BRÉAL, e de que é preparador o benemérito padre ROUSSELOT;

— A *Escola normal superior*, com uma opulenta secção de Letras, ao lado da de Ciências, sendo esta consideravelmente mais reduzida;

— A *Escola especial das línguas orientais vivas*, com 13 cursos ordinários e 7 complementares;

— A *École nationale des chartes*, cujo título nada indica, mas que é um instituto importante, que largos serviços tem prestado, e onde há cursos de história, filologia, diplomática e arqueologia;

— A *Escola do Louvre*, finalmente, contendo 9 cursos de ciências históricas. Todas estas escolas parisienses têm carácter oficial, e vivem sob a égide do Estado; ; mas, quantas não existem em Paris e pelas províncias, vivendo livremente, fóra da acção governamental, e que se consagram também ao ensino das Letras e Humanidades, tendo muitas delas conquistado honrosa e até gloriosa reputação! Lembrarei apenas, e a título de exemplo, que, sustentadas só pelos católicos, existem as Faculdades livres de Letras seguintes:

— A de Paris, compreendendo a *Faculdade de Filosofia* e a adjunta *Escola livre de altos estudos literários*, e sendo servida por 20 professores ordinários;

— A de Lyon, com 15 professores;

— A de Angers, com 11;

— A de Lille, com 10;

— A de Toulouse, com 7.

Isto basta. Não podemos demorar mais, por ir adiantado o tempo, a nossa visita à França, onde pulsa nobremente o coração da humanidade civilizada.

Transpondo os Alpes, entremos na Itália. Aqui se nos deparam nada menos de 11 Universidades dotadas com Faculdades de Filosofia e Letras, onde os estudos humanísticos se encontram em grande progresso. Especializarei duas: a de Bolonha, a antiquíssima e célebre Universidade, que na idade média irradiou a ciência jurídica por toda a Europa, e na qual hoje destaca no lugar de honra uma Faculdade de Filosofia e Letras, servida por 13 professores ordinários, 1 extraordinário, e um número ainda maior de professores livres; e a de Roma, cuja Faculdade conta 24 professores ordinários, 4 extraordinários, 6 encarregados, e professores livres em número muito avultado. Além da Faculdade de Filosofia e Letras, há mais, encorporadas na Universidade de Roma, a *Escola italiana de Arqueologia* e a *Escola oriental*, que com-

pletam o ensino da Faculdade; e ainda, estranhos à Universidade, prestam relevantes serviços vários outros institutos e escolas superiores e especiais de sciências filosóficas e históricas. É esta a única nação onde encontramos algumas escolas, com o nome de Universidades, privadas de cursos superiores humanísticos; mas devemos considerar que, embora se decorem com o título pomposo de Universidades, elas não passam, em verdade, de escolas regionais de ensino profissional.

Antes de sairmos da família latina, não esqueçamos os latinos orientais, os rumenos, que em ambas as suas Universidades, de Bukarest e de Iassi, sustentam com orgulho Faculdades de Letras.

Ávante, que o tempo foge.

*

Nos *povos germânicos* não há uma única Universidade, em que não se cultive com especial esmero o estudo das Letras e Humanidades.

Existem 21 Universidades disseminadas pelos diversos estados da Alemanha; pois em todas elas, sem uma excepção, há Faculdades de Filosofia, tendo nestas um largo desenvolvimento a secção de estudos literários e humanísticos.

Nas 16 Universidades da Inglaterra com a Escócia e Irlanda encontram-se sempre, ou as Faculdades de Artes, ou então os respectivos cursos, naquelas em que o organismo universitário é uno, e se não distingue em Faculdades. Em umas, as Faculdades de Artes abrangem também as sciências matemáticas, fisico-químicas e naturais, em outras são estas professadas em Faculdades distintas.

Todas as 4 Universidades da Holanda possuem também Faculdades humanísticas.

*

Passando a *outros povos* europeus, virificamos o seguinte: — na única Universidade da Dinamarca, nas 2 da Suécia, e nas 7 da Austria-Hungria, há Faculdades de Filosofia com uma secção literário-humanística, outra matemático-naturalística, segundo o tipo alemão; — as 4 Universidades da Bélgica têm Faculdades de Letras conformes ao tipo frances; — entre as 7 Universidades da Suíça há 4 em que as Faculdades de Letras ou de Filosofia são modeladas pelo tipo da França, e 3 pelo da Alemanha.

*

Não é menor a consideração em que as *nações eslávicas* têm as suas Faculdades humanísticas.

Nas 9 Universidades da Rússia com a Finlândia aparece à frente de todas as Faculdades a histórico-filológica; o mesmo sucede na única Universidade da Bulgária; na Sérvia há a Universidade de Belgrado, que possui uma Faculdade de Filosofia organizada com duas secções, a alemã.

*

Falta-nos descer mais ao Sul, e tomar conhecimento do que sucede em dois povos, entre si vizinhos, mas inteiramente diversos quanto à raça, à língua, e ao grau de civilização. Refiro-me à Turquia e à Grécia.

Os gregos têm uma só Universidade, em Atenas, na qual existe uma Faculdade de Filosofia, que é puramente humanística.

Na Turquia há também uma Universidade, em Constantinopla, organizada com tres Faculdades, onde se professam as sciências teológicas, as sciências matemáticas e naturais, e as sciências humanísticas; além de duas escolas profissionais, de direito e de medicina. A mais importante das Faculdades é a humanística, com 6 professores, que têm por missão ministrar o ensino histórico-geográfico e filológico. Das outras Faculdades uma tem 2 professores, a outra 3.

*

Resumindo: Se exceptuarmos algumas escolas profissionais da Itália, imprópriamente denominadas Universidades, não encontramos em país algum da Europa, nem sequer na própria Turquia, um único estabelecimento universitário, que não tenha uma Faculdade ou uma secção onde se professem as sciências humanísticas. Tal anomalia era exclusivo privilégio dêste

Jardim da Europa, à beira-mar plantado!

Felizmente que, graças ao Governo provisório da República, êsse mal está remediado pela criação das Faculdades de Letras na antiga Universidade de Coímbra, e na moderna de Lisboa.

Surge porêem agora quem por aí tenha a lembrança de criticar àsperamente êste louvável acto governamental, afirmando que o nosso país é muito pequeno para ter duas Faculdades de Letras, e alvitrando que seja suprimida a da Universidade de Coímbra.

! Isto ouve-se, e custa a acreditar!

Que se propusesse a criação de uma terceira Faculdade humanista na Universidade do Porto, nada teria de estranhável, e poderia sustentar-se tal proposta com razões plausíveis; mas dizer-se que, depois de conquistada pela antiga e benemérita Universidade de Coímbra a tantas vezes, tão insistentemente, e com tão justos motivos reclamada Faculdade de Letras, se lhe deve tornar a tirar, com o fundamento da exiguidade do país, eis o que parece um símples gracejo. Menor extensão territorial tem a Bélgica, entretanto mantém quatro Faculdades de Letras; e quatro existem também na Holanda, cujo território pouco ultrapassa a um terço do de Portugal. Na Suíça, que tem metade da extensão territorial, e menos de metade da população do nosso país, funcionam activamente sete destas Faculdades.

É que essas nações bem compreendem a necessidade de se facilitar, de se vulgarizar quanto possivel a cultura humanista, para criar cidadãos, para dirigir, guiar e civilizar a sociedade.

Está entre nós divulgado o prejuízo de que os diplômas conferidos pelas Faculdades de Letras são apenas aproveitáveis e úteis como habilitação para o magistério secundário; para nada mais servem. É um êrro, que a legislação, revista e modificada em face das idéas modernas, precisa de corrigir.

Os cursos ordinários das Faculdades de Letras devem tornar-se habilitação necessária, legalmente indispensável, para todas as profissões que tenham por objecto educar crianças ou adolescentes, e dirigir, governar ou julgar homens. Sem conhecer a natureza humana com todos os seus instintos, fraquezas e depravações, com todas as suas energias, estímulos e tendências, ¿ poderá alguém desempenhar-se regularmente de tais e tão melindrosas funções? ¿ Poderá um cego guiar outro cego, pelo meio de precipícios, obstáculos e perigos? Certíssimamente se realizará a sentença:— *Τυφλός δὲ τυφλὸν εἰάν ὀδηγῆι, ἀμφότεροι εἰς βόθυνον πεσοῦνται.*

Se num regime aristocrático poderia, por hypótese, admitir-se a reserva da cultura humanista como privilégio das classes dirigentes, que monopolizam o poder e as principais funções sociais, em uma sociedade, na qual se acha implantado, como na nossa, o regime democrático, é que tal monopólio não pode admitir-se. É necessário, é indispensável vulgarizar a instrução por todas as classes; é absolutamente inadiável fazer infiltrar a cultura humanista por todas as camadas, a fim de orientar e guiar os cidadãos de hoje, e preparar os do futuro.

O homem, naturalmente conservador e tradicionalista, por

índole aferrado à rotina, para se arrancar a essa inércia, que domina toda a natureza, tanto material como moral, para se erguer contra o instinto, contra a rotina, contra o prejuízo tradicional, contra o fanatismo, quer religioso quer político, precisa de tomar posse do seu ser, de lhe surpreender as energias e os defeitos, de ter consciência clara dos seus instintos e paixões, de poder pesar as suas responsabilidades, condição para bem usar da sua liberdade; só assim ficará habilitado a traçar racionalmente, scientíficamente a sua linha de conduta, e a aniquilar inflexivelmente os elementos que querem tiranizá-lo, que pretendem obstar a que ele caminhe na senda do progresso e do dever.

Ora essa educação, simultâneamente moral, política e cívica, tão necessária em uma sociedade democrática, só pode ser dispensada pela cultura humanística; é função, já directa já indirecta, das Faculdades de Letras.

NOTAS

I

Cultura e ensino humanístico na Universidade de Coimbra no meado do século XVI

Alguem, que assistiu a esta lição, classificou de *muito exaggerada* a afirmação que fiz, de que *o ensino ministrado pela Universidade de Coimbra, pouco depois da sua fixação definitiva nesta cidade, recestiu um brilho literário tal, que era o assombro e admiração de nacionais e extranjeiros*. Não resisto, por isso, à tentação de aqui fazer algumas transcrições, do que a este respeito disseram e publicaram alguns escritores, começando por um que visitou Coimbra, quando a Universidade estava ainda em princípio de organização.

— «*Omitto reliqua, quo properemus Conimbricam, ubi Rex no-uam moliebatur Academiam. Hic quid opus est multis laudibus, quando sese ipsa in dies magis ac magis commendat? Erant vacationes, & in cæteris professionibus feriæ, nec iudicium ferre possum, nisi de auditorio Græco, quod me nouo miraculo reddidit attonitum. Vincentius Fabricius enarrabat Homerum, non ut Græca verteret Latinè, sed quasi ageret in ipsis Athenis, id quod nusquam hactenus videram: & nihilo segnius discipuli præceptorem imitabantur, fermè in totum usi & ipsi sermone Græcanico. E quibus auspiciis, si fas est diuinare, florentissima erit Conimbrica linguarum studiis... Quod si honos alit artes, quid manet Conimbricam, nisi ut ipsa aliquando vincat Salmanticam?*» — (NICOL. CLENARDI *Epistolarum libri duo*, in *Ep. ad Christianos*, p. 252 na ed. de Antuerpia 1566).

—«*Conimbriga, civitas inter alias totius Hispanice in re Literaria florentissima... Hac nostra tempestate, alias quod citra adrogantiam dixerim, Athenas esse credimus*»—(FR. NICOL. COELHO DO AMARAL, in *Memor. histor. do Minist. do Pulp.*, p. 125, not. c).

—«Estabeleceo-se com effeito a Universidade em Coimbra no anno de mil quinhentos trinta e sete. Foi celebrada por domesticos, e estranhos. Dos muitos elogios, que podia repetir dos seus progressos no tempo d'ElRey D. João Terceiro, bastará transcrever as palavras do Sabio, e contemporaneo Fr. Heitor Pinto: (1) *Disto, diz, temos experiencia manifesta em Portugal, onde nunca houve tantos Letrados, nem tão excellentes, como em tempo do Serenissimo Rey D. João Terceiro deste nome, que fez a Unicersidade de Coimbra huma das principaes de toda a Europa, para onde trouxe os principaes Mestres, e Letrados, que havia no Mundo. Não se contentou sómente com os que havia em seu Reino; mas além delles mandou vir outros de Salamanca, Alcalá, Paris, Bordeos, Frandes, Italia, e Alemanha. Finalmente encheo a Unicersidade das melhores, e mais insignes Letras em todas as Faculdades, que havia em seu tempo: e enobreceo seu Reino de todo o genero de boas Artes, e Sciencias, e fello huma rica feira Unicersal de todas as excellentes Doutrinas. Escreveo tambem noutra parte: (2) *Assi andando recolto o Mundo em guerra, e tumultos, fugiram as Artes, e boas Letras de suas bracas ondas, e crueis tempestades, e vieram-se todas recolher no quieto remanso, e pacifico abrigo deste Reino, onde vindo ellas cançadas, e como mortas, cobráram alento, e recebêram sangue, e vida, e foram honradas, e favorecidas, e collocadas no cumê da sua dignidade*».—(FR. MANOEL DO CENACULO, *Memor. histor. do Minist. do Pulp.*, p. 124 e s.).*

—«... E porque só nesta scientifica prerogativa, cuidava (D. João III) lhe levavão ventagem, as Provincias de Italia, França, Flandes, Alemanha, & Hespanha: por isso de todas ellas mandou vir os mais eminentes homens, que nelas havia, em letras, & sciencias, assi em as linguas Latina, Grega & Hebraica: como nas letras de humanidade, & philosophia: & em todas as mais sciências de Theologia, Canones, & Leys, & Medicina: & na doutrina de todas ellas muito exercitados: os quaes fizeraõ esta Academia, em seu principio muito illustre, & no progresso muito florescente, & em tudo o mais felicissima. — ... O primeiro Curso de Artes leo, Mestre Diogo de Gouvea natural de Coimbra: foy depois Conego de Lisboa, Deputado da Mesa da consciencia, & depois Dom Prior de Palmella, & morreo hum santo homem. Léraõ tambem Artes, Mestre Luis Alvarez Cabral, Portuguez: & Mestre Nicolao Grouchio, Francez: & o Doutor Bordallo, Interprete da moral Philosophia. — E pera ensinarem Latim, & linguas Grega, & Hebraica, maudou el Rey Dom Joam vir de Pariz, hum Collegio inteiro. Pera Principal veyo Mestre Andre de Gouvea, Portuguez, Doutor Theologo de Pariz, que era irmão de Marcial, tambem Mestre deste tempo. Sub principal, Mestre João da Costa, Portuguez, Doutor de Paris, em Leys. O Doutor Fabricio Mestre de Grego, & o Doutor Rozetto Mestre de Hebraico. Leo a primeira Classe, & Grego, Mestre George Buccanano Escotto: A segunda, Diogo de Teivez, Portuguez natural de

(1) Na Segunda Parte dos *Dialogos*, Cap. XVIII.

(2) No Prologo ao Duque de Bragança D. Theodosio da Primeira Parte dos *Dialogos*.

Braga, Doutor em Leys: A terceira, Mestre Guilherme, Francez: A quarta, Mestre Patricio, irmão de Buccanano: A quinta, Mestre Arnoldo Fabricio, Francez: A sexta, Mestre Elias, Francez: A septima, Mestre Antonio Mendez, Portuguez, que depois foy Bispo de Elvas: A oitava, Mestre Pedro Anriquez, Portuguez, que estava já dantes em Portugal: A nona Mestre Gonçallo, Portuguez, que também já estava em Portugal: A decima, Mestre Jaquez, Francez: A undecima, Manoel Thomaz, Portuguez. E o Mestre João Fernandez, que tendo ensinado Rhetorica nas duas Universidades de Salamanca, & Alcalá, nesta também fez o mesmo cõ muita satisfação, & applauso, porq̃ foy perfeito Orador, & muito douto nas sciencias, & linguas, & taõ geral em todas, q̃ raramēte se acharia seu igual, e nenhũa Universidade do muõdo. — Além destes primeiros fundadores, houve também outros muitos neste primeiro principio, que successivamente lhe succederaõ, tâbẽ filhos da Universidadde de Pariz, q̃ illustraraõ esta notavelmēte: como foy o Doutor Lopo Galego, Ignacio de Moraes, Belchior Belleago, Mestre Andre de Resēde, o Cayado, todos Portuguezes: e Nicolau Clenardo, e outros muitos, q̃ em letras de humanidade foraõ eminētes». — (PEDRO DE MARIZ, *Dialogos de caria Historia*, dial. V, cap. III, mihi p. 476 e ss.).

— Jorge Buchanan, o celebre humanista escossês, sempre pronto a verberar os portuguezes com os mais duros epitetos e acusações, confessa: — «*Interea literæ a Rege Lusitaniæ superuenerunt, quæ Goueanum (André de Gouveia) juberent, ut homines Græcis et Latinis literis eruditos secum adduceret, qui in Scholis, quas ille tum magna cura & impensis moliebatur, literas humaniores & Philosophiæ Aristotelicæ rudimenta interpretarentur. Ea de re conuentus Buchananus facile est assensus. Nam cum totam jam Europam bellis domesticis et externis, aut jam flagrantem, aut mox conflagraturam videret, illum unum videbat angulum a tumultibus liberum futurum, & in eo cœtu qui eam profectioem susceperant, non tam peregrinari, quam inter propinquos & familiares agere existimaretur. Erant enim plerique per multos annos summa benevolentia conjuncti, ut qui ex suis monumentis orbi claruerunt, Nicolaus Gruchius, Gulielmus Garentæus, Jacobus Touius & Elias Vinetus. Itaque non solum se comitem libenter dedit, sed & Patricio fratri persuasit, ut se tam præclaro cœtui jungeret. Et principio quidem res præclare successit, donec in medio velut cursu Andreas Goueanus morte, ipsi quidem non immatura, comitibus ejus acerba, præreptus est».* — (GEORGH BUCHANANI *Vita ab ipso scripta biennio ante mortem*, à frente da collecção das suas obras).

II

Escolas do ensino primário e secundário criadas em todo o país, fiscalizadas e dirigidas pela Universidade

É bem pouco conhecido este vasto organismo escolar, que se estendia por todo o reino, tendo por centro a Universidade, que movia e dirigia toda essa máquina pedagógica. Certamente a notícia que se segue constitue uma novidade para bastantes pessoas.

Havia na Universidade a *Real Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas destes Reinos e seus Senhorios*, criada pela carta régia de 17 de dezembro de 1794, de que era presidente nato o reitor, e vogais seis professores ou doutores das diversas Faculdades, propostos pelo prelado da Universidade. Tinha um secretário privativo, que também era doutor e escolhido pela mesma forma, e era servida por quatro oficiais de secretaria, graduados em oficial maior, e em segundo, terceiro e quarto oficial, um porteiro e um contínuo; e havia três comissários, pessoas de elevada categoria, que a representavam nas províncias afastadas, e que lá fiscalizavam o ensino, nas respectivas circunscrições, que eram, para um a côrte e a província da Estremadura, para outro as províncias de Entre-Douro-e-Minho e de Tras os-Montes, para o terceiro as províncias do Alentejo e Algarve. A Junta reunia-se em conferência e dava despacho em dois dias certos de cada semana, e pertencia-lhe, além das funções de governo fiscalização e direcção, a escolha dos professores régios, tanto de primeiras letras como de ensino secundário, para todas essas escolas do país, precedendo concurso por provas públicas.

Eis a lista completa das 811 escolas e cadeiras subsistentes no princípio do século XVIII, distribuídas segundo as províncias e provedorias, onde se achavam colocadas.

Província de Entre-Douro-e-Minho

PROVEDORIA DE GUIMARÃES

Filosofia racional e moral em Braga.

Retórica e Poética em Braga e Guimarães.

Gramática e Língua Latina em Amarante, Braga, termo de Braga, Chaves, concelho de Filgueiras, Guimarães, Montalegre, Monte-Longo, Póvoa-de-Lanhoso, concelho de Vieira, e Vila-Pouca-d'Aguiar.

Primeiras letras em Alfarela-de-Jales, Amarante, couto de Apúlia, três em Braga, duas no termo de Braga, no couto de Cambezes, couto de Capareiros, Celorico-de-Basto, Chaves, termo de Chaves, concelho de Ermelo, concelho de Filgueiras, couto de Fonte-Arcada, Guimarães, termo de Guimarães, Gustei, concelho de S. João-de-Rei, concelho de Lanhoso, concelho de Santa-Marta-do-Douro, Mondim-de-Basto, Mantalegre, arrabaldes de Montalegre, couto de Moure, couto de Pedraído, couto de Pedralva, couto de Pombeiro, Póvoa-de-Lanhoso, couto de Pousadela, Prado, concelho de Ribeira-de-Pêna, arrabaldes de Ruivães, concelho de Vieira, concelho de Vila-Bôa-de-Roda, Vila-Pouca-d'Aguiar e couto de Vimieiro.

PROVEDORIA DE PENAFIEL

Gramática e Língua latina em Penafiel.

Primeiras letras na honra de Galegos, no concelho de Gouvêa-de-Riba-Tâmega, no couto de Mancelos, em Meão, couto de Paço-de-Sousa, Penafiel, termo de Penafiel, concelho de Porto-Carreiro, S. Martinho-de-Sernande, couto de Tuías, honra de Vila-Chaiz, e no concelho de Unhão.

PROVEDORIA DO PÓRTO

Filosofia racional e moral no Pôrto.

Retórica e Poética no Pôrto.

Lingua grega no Pôrto.

Gramática e Lingua latina em Aguiar, Baião, Maia, Matozinhos, duas no Porto, na Póvoa-do-Varzim, Refoios, Vila-Nova-de-Gaia.

Primeiras letras em Aguiar, no concelho de Avintes, Azurara, Baião, honra de Baltar, concelho de Bemviver, couto de Ferreira, S. João-da-Foz, duas na Maia, em Matozinhos, couto de Moure, concelho de Penaguião, couto de Pendorada, duas no Pôrto, em Refoios, Santiago-de-Lustosa, Seixezelo, Sever, Soalhães, Valongo, Vila-do-Conde, e duas em Vila-Nova-de-Gaia.

PROVEDORIA DE VIANA

Gramática e Lingua latina na Barca, em Barcelos, concelho de Coura, Espozende, Melgaço, Ponte-do-Lima, Valadares, Valença-do-Minho, Viana, Vila-Nova-de-Cerveira, e Vila-Nova-de-Famalicão.

Primeiras letras em Albergaria-de-Penela, Baldreu, Barca, Barcelos, termo de Barcelos, couto de Correlhã, duas no concelho de Coura, S. Paio-de-Fão, couto de Fiães, couto de Fragoso, couto de Fralões, concelho de Geraz-do-Lima, honra de Larim, concelho de Santa-Marta-de-Bouro, Melgaço, Monsão, termo de Monsão, couto de Palmeira, Ponte-do-Lima, Regalados, S. Pedro-de-Riba-de-Mouro, couto de Sanfins, Valadares, Valença, termo de Valença, julgado de Vermoim, Viana, termo de Viana, honra de Vila-Chã, Vila-Cova, couto de Vila-Garcia, Vila-Nova-de-Cerveira, Vila-Nova-de-Famalicão, e Vilar-de-Frades.

Província de Trás-os-Montes

PROVEDORIA DE MIRANDA

Filosofia racional e moral, e Geometria em um curso bienal na cidade de Bragança.

Gramática e Lingua latina em Algosó, Bragança, duas no termo de Bragança, em Miranda, Mogadouro, e Vinhais.

Primeiras letras em Algosó, nos arrabaldes de Algosó, no Azinhoso, Bemposta, Bragança, termo de Bragança, Frieira, termo de Miranda, arrabaldes de Mogadouro, Vila-de-Outeiro, Sendim, Val-de-Prados, e Vilar-Sêco-da-Lomba.

PROVEDORIA DE MONCORVO

Gramática e Lingua latina em Ancião, Mirandela, Moncorvo, termo de Monforte, Murça, Vila-Flor, e Vilarinho-da-Castanheira.

Primeiras letras em Alfândega-da-Fé, concelho de Ancião, Avelelas, Castro-Vicente, Freches, Freixiel, Lamas-de-Orelhão, Mirandela, termo de Monforte, Mós, Murça, Torre-de-Dona-Chama, Val-d'Asnes, Vila-Flor, e Vilarinho-da-Castanheira.

Província da Beira

PROVEDORIA DE AVEIRO

Gramática e Língua latina em Anadia, Angeja, Aveiro, Bemposta, Feira, Ovar, e Pereira-Juzã.

Primeiras letras em Albergaria-a-Velha, Anadia, Assequins, Aveiro, Avelans, Bemposta, Brunhido, duas em Cambra, Canelas, Couto-de-Esteve, Eixo, Estarreja, Feira, Ferreirós, duas em Ilhavo, S. João-de-Loure, Macinhata-de-Seixa, Santa-Maria-d'Arrifana, Mira, Ovar, Ois-da-Ribeira, Paos, Pereira-Jusã, Recardães, Salreu, Sanguede, Sever, Trofa, e Vagos.

PROVEDORIA DE CASTELO-BRANCO

Filosofia racional e moral, Retórica e Poética, e Geometria, distribuídas em curso trienal na cidade de Castelo-Branco.

Gramática e Língua latina em Belmonte, Castelo-Branco, Idanha-a-Nova, Monsanto, Sabugal, Salvaterra-do-Extremo, Sarzedas, e Vila-Velha-do-Ródão.

Primeiras letras em Alcães, Belmonte, Castelo-Branco, Castelo-Novo, Penamacór, Proença-a-Velha, Salvaterra-do-Extremo, Segura, Touro, S. Vicente-da-Beira, Vila-Velha-do-Rodam, e Zibreira.

PROVEDORIA DE COIMBRA

Filosofia racional e moral, Retórica e Poética, e Geometria em curso trienal na vila de Arganil.

Línguas grega e latina em Arganil,

Gramática e Língua latina em Ançã, Ancião, Cantanhede, Condeixa, Espinhal, Figueira-da-Foz, Louriçal, Louzã, Monte-Mór-o-Velho, Pena-Cova, Tentugal, e Vacariça.

Primeiras letras nas Alhadas, em Almalaguez, Alvorge, Ançã, Ancião, Arazede, Arganil, Botão, Buarcos, Cantanhede, Carvalho, Cernache, duas em Coimbra, Condeixa-a-Nova, Eiras, Espinhal, Figueira-da-Foz, Gois, couto de Lavos, Louriçal, Louzã, Maiorca, S. Martinho-do-Bispo, Miranda-do-Côrvo, Monte-Mór-o-Velho, Pena-Cova, Penela, Pereira, Podentes, Poiares, Pombalinho, Pombeiro, Quisios, Serpins, Taveiro, Tentugal, Vacariça, Verride, e Vila-Nova-d'Anços.

PROVEDORIA DA GUARDA

Filosofia racional e moral na Guarda.

Gramática e Língua latina em Avó, Celorico, Covilhã, Fundão, Gouveia, Linhares, Manteigas, Seia, e Tortuzendo.

Primeiras letras em Avó, Bobadela, Cabra, Candosa, Certã, Co-desseiro, Covilhã, Ervedal, Folgoso, Fundão, Gouveia, termo de Gouveia, Guarda, termo da Guarda, Jarmelo, Manteigas, Melo, Mesquitela, Midões, Moimenta da Serra, Nogueira, Oliveiras-do-Hospital, S. Romão, Seia, Seixo-do-Ervedal, Tábua, Teixoso, Tortuzendo, Valezim, e Vila-Cova-à-Coelheira.

PROVEDORIA DE LAMEGO

Retórica e Poética em Lamego.

Gramática e Língua latina em Almeida, Armamar, Castro-

d'Aire, Cedavim, Celeiros, Freixo de Numão, Lamego, Lobrigos, S. Martinho-de-Mouros, Mesão-Frio, Penajoia, Penedono, Pêso-da-Rêgua, Rêsende, Sabrosa, Sedielos, Sernancelhe, Taboaço, Tarouca, e Vilar-Maior.

Primeiras letras em Alijó, Almendra, concelho de Aregos, Armamar, Arouca, Barcos, Barqueiros, Brediande, Carregal, Castanheira, Casteição, Vila-do-Castelo, Castelo-Bom, Castelo-Melhor, Castelo-Rodrigo, Castro-d'Aire, Cedavim, Celeiros, concelho de Chavães, Dornelas, Ervedosa, Favaíes, concelho de Ferreiros-de-Tendais, Fonte-Arcada, Fontelas, Fontes, Freixo-de-Numão, Galegos, Gouvães, duas em Lamego, Leomil, Lobrigos, Lordelo, Lumiares, Marialva, S. Martinho-de-Mouros, Mêda, Mesão-Frio, Moimentada-Beira, Muxagata, S. Cristóvão-de-Nogueira, Parada-de-Pinhão, Paradela, Paredes-da-Beira, Penajoia, Penedono, S. Sebastião-de-Penso, Pêso-da-Rêgua, Pinheiros, Póvoa, Provesende, Ranhados, S. Mamede de-Riba-Tua, Sabrosa, Sande, Sedielos, Serva, Sindim, concelho de Sinfães, Souto, Taboaço, Tarouca, Távora, concelho de Teixeira, concelho de Tendais, Torre-do-Pinhão, Valdigem, Valença-do-Douro, Vila-Nova-de-Foz-Côa, Vila-Real, e Vilar-de-Maçada.

PROVEDORIA DE VISEU

Filosofia racional e moral em Viseu.

Retórica e Poética em Pinhel e Viseu.

Gramática e Língua latina em S. João-d'Areias, concelho de Azurara, Santa-Comba-Dão, Fornos-d'Algôdres, Mangualde, Mortágua, Oliveira-do-Conde, S. Miguel-d'Outeiro, Penalva-do-Castelo, Pinhel, S. Pedro-do-Sul, Tondela, Trancoso, Viseu, e Vouzela.

Primeiras letras em Aguiar-da-Beira, Alva, S. João-d'Areias, concelho de Azurara, Banho, concelho de Barreiro, Canas-de-Sabugosa, Canas-de-Senhorim, concelho de Carapito, Castelo-Mendo, Santa-Comba-Dão, concelho de Currelos, Ferreira d'Alves, Folhadal, Fornos, S. João de Lourosa, Maceira-Dão, Mangualde, S. João-do-Monte, Moreira, Mortágua, Oliveira-do-Conde, Oliveira-de Frades, S. Miguel-do-Outeiro, Penalva-do-Castelo, Pinhel, Povolide, concelho de Ranhados, Rôriz, Sabugosa, concelho de Satam, concelho de Silvares, S. Pedro-do-Sul, concelho de Tavares, Tondela, Trancoso, termo de Trancoso, Viseu, termo de Viseu, e Vouzela.

Província da Extremadura

PROVEDORIA DE LEIRIA

Filosofia racional e moral em Leiria.

Retórica e Poética em Leiria.

Gramática e Língua latina na Batalha, Caldas-da-Rainha, Leiria, Óbidos, Peniche, Pombal, Porto-de-Mós, e Soure.

Primeiras letras em Aljubarrota, Atouguia, Batalha, Caldas-da-Rainha, Leiria, Óbidos, Peniche, Pombal, Redinha, Reguengo-Grande, e Soure.

LISBOA E SEU TERMO

Filosofia racional e moral quatro cadeiras nos conventos de S. Domingos, Graça, Jesus, e S. Pedro-de-Alcantara; outras quatro nos bairros de Alfama, do Rocio, Alto, e de Belém.

Retórica e Poética quatro cadeiras nos bairros de Alfama, do Rocio, Alto e de Belém.

Lingua grega quatro cadeiras nos mesmos bairros.

Gramática e Língua latina quatorze cadeiras, sendo duas em cada um dos bairros mencionados, e seis no termo, isto é, em Bemfica, Lumiar, Marvila, Oeiras, Quêluz, e Sacavém.

Primeiras letras dezanove cadeiras, dispersas pelos diversos bairros da capital, e mais treze no termo, que eram as de Bemfica, Bucelas, Carnaxide, Carnide, Charneca, Santa-Iria, Loures, Lumiar, Olivais, Sacavém, S. João-da-Talha, Via-Longa, e Unhos.

PROVEDORIA DE SANTARÉM

Gramática e Língua latina na Chamusca, Coruche, Pernes, e duas em Santarém.

Primeiras letras em Alcanede, Almoster, Assentiz, Azambuja, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Erra, Manique-do-Intendente, Montargil, Mugem, Paialvo, Pernes, Pinheiro-Grande, Pontevel, Rio-Maior, Salvaterra-de-Magos, Santarém, Torres-Novas, e Val-de-Figueira.

PROVEDORIA DE SETUBAL

Filosofia racional e moral, Retórica e Poética, e Geometria em um curso trienal em Setubal.

Gramática e língua latina em Alcacer-do-Sal, Aldeia-Galega, Almada, Azeitão, Benevente, Cezimbra, Palmela, e duas em Setubal.

Primeiras letras em Alcacer-do-Sal, Alcochete, Aldeia-Galega, Almada, Azeitão, Camora-Corrêa, Canha, Caparica, Cezimbra, Palmela, Seixal, e duas em Setubal.

PROVEDORIA DE TOMAR

Filosofia racional e moral, Retórica e Poética, e Geometria em um curso trienal na vila de Tomar.

Gramática e Língua latina em Abrantes, Certã, Cinco-Vilas, Cortiçada, Figueiró-dos-Vinhos, Mação, Oleiros, Pampilhosa, Pedrógam-Grande, Punhete, Sardoal, e Tomar.

Primeiras letras em Abiul, Águas-Belas, Alvaiázere, Alvares, Arega, Assinceira, Atalaia, Barquinha, Belver, Cardigos, S. Miguel-de-Carregueiros, Certã, Cortiçada, Dornes, Envendos, Figueiró-dos-Vinhos, Maçãs-de-Caminho, Mação, Oleiros, termo de Ourém, Pedrógão-Grande, Perucha, Pias, Ponte-de-Sór, Punhete, Pussos, Rabaçal, Sardoal, Tancos, duas em Tomar, e Vila-de-Rei.

PROVEDORIA DE TÔRRES-VEDRAS

Gramática e língua latina em Aldeia-Galega-da-Merceana, Alenquer, Alhandra, Arruda, Cadaval, Cascais, Castanheira, Ericeira, Lourinhã, Olhalvo, Sintra, Sobral-de-Monte-Agraço, Tôrres-Vedras, Trucifal, Vila-Franca-de-Xira.

Primeiras letras em Aldeia-Galega-da-Merceana, Alenquer, Belas, Cadaval, Castanheira, Chileiros, Colares, Enxara, Ericeira, S. Lourenço-dos-Francos, Gradil, Lourinhã, Mafra, Olhalvo, Sercal, Sintra, Tôrres-Vedras, Trucifal, Vila-Franca-de-Xira, e Vila-Verde-dos-Francos.

Província do Alentejo

PROVEDORIA DE BEJA

Filosofia racional e moral em Beja.

Gramática e Língua latina em Alvito, Beja, Cuba, Ferreira, Odemira, Portel, e Vidigueira.

Primeiras letras em Alvito, Beja, Berigel, Cuba, Portel, Serpa, Vidigueira, e Vila-de-Frades.

PROVEDORIA DE ELVAS

Filosofia racional e moral em Elvas.

Gramática e Língua latina em Arraiolos, Elvas, Mourão, e Viana.

Primeiras letras no Alandroal, Aviz, Barbacena, Barrancos, Cabeço-de-Vide, Figueira, Monseraz, Montoito, Mourão, Ouguela, Paiva, Terena, Vila-das-Águias, e Vila-Boim.

PROVEDORIA DE ÉVORA

Retórica e Poética em Évora.

Língua grega em Évora.

Gramática e Língua latina em Estremoz, duas em Évora, Monte-Mór-o-Novo, Redondo, e Vila-Viçosa.

Primeiras letras em Arraiolos, Benavila, Cabeção, Cano, duas em Évora, Figueira do Alentejo, Monte-Mór-o-Novo, Seda, Viana-do-Alentejo, e Vila-Viçosa.

PROVEDORIA DE OURIQUE

Gramática e Língua latina em Messejana, e Santiago-de-Cacém.

Primeiras letras em Ajustrel, Almodovar, Coles, Garvão, Padrões, Panoias, Santiago-de-Cacém, Vila-das-Entradas, Vila-Nova-de-Mil-Fontes.

PROVEDORIA DE PORTALEGRE

Filosofia racional e moral em Portalegre.

Gramática e Língua latina em Alegrete, Alter-do-Chão, Amieira, Arronches, Castelo-de-Vide, Crato, Marvão, Monforte, Niza e Portalegre.

Primeiras letras em Alegrete, Alter-do-Chão, Amieira, Arronches, Assumar, Castelo-de-Vide, Chancelaria, Crato, S. João-de-Gafete, Gavião, Margem, Marvão, Montalvão, Niza, Portalegre e Póvoa.

Reino do Algarve

PROVEDORIA ÚNICA

Filosofia racional e moral em Faro.

Retórica e Poética em Faro.

Gramática e Língua latina em Faro, Lagos, Loulé e Silves.

Primeiras letras em Alcoutim, duas em Faro, em Loulé, Mon-

carrapacho, Sagres, Vila-do-Bispo, Vila-Nova-de-Portimão, e Vila-Rial-de-Santo-António.

*

Em resumo. A Universidade, nos princípios do século XIX, superintendia no Real Colégio das Artes, e nas seguintes escolas, que funcionavam por todo o país:

De Filosofia racional e moral	18
De Filosofia e Geometria, em curso bienal.....	1
De Filosofia, Rêtorica e Poética, e Geometria em curso trienal	3
De Retórica e Poética	11
De Língua grega	6
De Línguas grega e latina	1
De Gramática e Língua latina	213
De Primeiras letras	558
Total.....	811



First paragraph of faint text, appearing to be the beginning of a section.

Second paragraph of faint text, continuing the narrative or list.

Third paragraph of faint text, possibly containing a list or table.

Fourth paragraph of faint text, appearing to be a summary or conclusion.

Fifth paragraph of faint text, continuing the content.

Sixth paragraph of faint text, possibly a separate section.

Seventh paragraph of faint text, continuing the text.

Eighth paragraph of faint text, appearing to be a final paragraph.

Ninth paragraph of faint text, possibly a footer or closing.

PESSOAL UNIVERSITÁRIO

PERROD UNIVERSITARIO

SENADO UNIVERSITÁRIO

Dr. Joaquim Mendes dos Remédios — *Reitor*.
Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho — *Vice-Reitor*.
Manuel da Silva Gaio — *Secretário*.

*

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos — *Director da Faculdade de Letras*.
Dr. Francisco Martins — *Delegado da mesma Faculdade*.
Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães — *Secretário*.

*

Dr. António Lópes Guimarães Pedrosa — *Director da Faculdade de Direito*.
Dr. Guilherme Alves Moreira — *Delegado da mesma Faculdade*.
Dr. José Caetano Lobo de Ávila da Silva Lima — *Secretário*.

*

Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral — *Director da Faculdade de Medicina*.
Dr. Daniel Ferreira de Matos — *Delegado da mesma Faculdade*.
Dr. Álvaro de Almeida Matos — *Secretário*.

*

Dr. Luís da Costa e Almeida — *Director da Faculdade de Ciências*.
Dr. Álvaro José da Silva Basto — *Delegado da mesma Faculdade*.
Dr. Egas Ferreira Pinto Basto — *Secretário*.

*

Prof. Manuel Fernandes Costa — *Director da Escola de Farmácia*.
Prof. Vicente José de Seiça — *Delegado da mesma Escola*.
Prof. Vítor Henrique Aires Móra — *Secretário*.

*

Carlos Duque — *Delegado da Academia*.
Governador Civil do Distrito de Coimbra.
Presidente do Município de Coimbra.

CONSELHO ACADÉMICO

(Especialmente incumbido das questões disciplinares e académicas)

É constituído pelo mesmo pessoal do Senado, com exclusão dos elementos não docentes, isto é, dos três últimos vogais.

JUNTA ADMINISTRATIVA DA UNIVERSIDADE

Presidente

O Reitor da Universidade.

Vogais efectivos

Docentes :

Dr. Luís da Costa e Almeida.

Dr. António Lopes Guimarães Pedrosa.

Não docentes :

Presidente do Município de Coímbra.

Governador Civil de Coímbra.

Vogais substitutos

Dos docentes :

Dr. Daniel Ferreira de Matos.

Dr. Álvaro José da Silva Basto.

Dos não docentes :

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos.

Manuel José Fernandes Costa.

ASSEMBLEIA GERAL DA UNIVERSIDADE

Presidente

O Reitor da Universidade.

Vogais

FACULDADE DE LETRAS.

Professores ordinários:

- Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, *director da Fac.*
- Dr. Francisco Martins.
- Dr. Porfírio António da Silva.
- Dr. Joaquim Mendes dos Remédios.
- Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos.
- Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, *secretário da Fac.*
- Dr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Professor extraordinário. — Dr. Carlos de Mesquita.

Professores ordinários da extinta Fac. de Teologia adidos à de Letras:

- Dr. Luís Maria da Silva Ramos.
- Dr. Bernardo Augusto de Madureira.
- Dr. Joaquim Alves da Hora.
- Dr. Manuel de Azevedo Araújo e Gama.

FACULDADE DE DIREITO.

Professores ordinários:

- Dr. António Lopes Guimarães Pedrosa, *director da Fac.*
- Dr. José Joaquim Fernandes Vaz.
- Dr. António de Assis Teixeira de Magalhães (conde de Felgueiras).
- Dr. Guilherme Alves Moreira.
- Dr. Artur Pinto de Miranda Montenegro.
- Dr. José Ferreira Marnôco e Sousa.
- Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela.
- Dr. José Alberto dos Reis.
- Dr. Joaquim Pedro Martins.
- Dr. José Caeiro da Mata.
- Dr. José Gabriel Pinto Coelho.
- Dr. José Caetano Lobo de Ávila da Silva Lima, *secretário da Fac.*

FACULDADE DE MEDICINA.

Professores ordinários:

- Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, *director da Fac.*
- Dr. Daniel Ferreira de Matos.
- Dr. Luís Pereira da Costa.
- Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire.
- Dr. Lúcio Martins da Rocha.
- Dr. Francisco José da Silva Basto.
- Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.
- Dr. João Serras e Silva.

Dr. António de Pádua.
 Dr. Ângelo Rodrigues da Fonseca.
 Dr. Luís dos Santos Viegas.
 Dr. Elísio de Azevedo e Moura.
 Dr. Álvaro de Almeida Matos, *secretário da Fac.*

Professores extraordinários:

Dr. João Emílio Raposo de Magalhães.
 Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.
 Dr. Sérgio Ferreira da Rocha Calisto.

FACULDADE DE SCIÊNCIAS.

Professores ordinários:

Dr. Luís da Costa e Almeida, *director da Fac.*
 Dr. António dos Santos Viegas.
 Dr. Júlio Augusto Henriques.
 Dr. João José Dantas Souto Rodrigues.
 Dr. Gonçalo Xavier de Almeida Garrett.
 Dr. António José Gonçalves Guimarães.
 Dr. José Bruno de Cabêdo de Almeida de Azevedo e Lencastre.
 Dr. Henrique Teixeira Bastos.
 Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo.
 Dr. Henrique Manuel de Figueiredo.
 Dr. Luciano António Pereira da Silva.
 Dr. Bernardo Aires.
 Dr. Álvaro José da Silva Basto.
 Dr. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais.
 Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.
 Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.
 Dr. Egas Ferreira Pinto Basto, *secretário da Fac.*

ESCOLA DE FARMÁCIA.

Professores ordinários:

Manuel José Fernandes Costa, *director da Escola.*
 Vicente José de Seíça.
 Bacharel José Cipriano Rodrigues Dinís.
 Bacharel Vítor Henriques Aires Móra.

REPRESENTANTES DOS ESTUDANTES:

José Simões Neves, *da Fac. de Letras.*
 Deodoro de Castro Carreira, *da Fac. de Direito.*
 Maria da Conceição do Sãmeiro Ferro e Silva, *da Fac. de Medicina*
 Manuel Lacerda de Almeida, *da Fac. de Ciências.*
 Eugénio das Neves Eliseu, *da Esc. de Farmácia.*

PROFESSORES APOSENTADOS

Faculdade de Direito

- Dr. António Aires de Gouveia, arcebispo de Calcedónia, lente catedrático (*Comissário Geral da Bula da Santa Cruzada*).
Dr. Bernardo de Albuquerque e Amaral, lente de prima.
Dr. Manuel de Oliveira Chaves e Castro, lente catedrático.
Dr. José Joaquim Lopes Praça, lente catedrático.
Dr. José Pereira de Paiva Pita, lente catedrático.

Faculdade de Medicina

- Dr. Manuel Pereira Dias, lente de prima.
Dr. João Jacinto da Silva Correia, lente catedrático.
Dr. Manuel da Costa Alemão, lente de prima.

Faculdade de Ciências

- Dr. João José Dantas Souto Rodrigues, antigo lente catedrático da extinta faculdade de Matemática. (Por decreto de 16 de novembro de 1905, *Diário do Governo*, n.º 269, de 27 do mesmo mês, foi determinada a sua restituição à actividade do serviço na primeira vacatura de catedrático da dita faculdade, nos termos do artigo 4.º § 2.º do decreto n.º 1 de 17 de julho de 1886. Não foi ainda colocado no quadro mas rege cadeira por deliberação da faculdade).

REITORIA

(Telefóno 64)

- Reitor* — Dr. Joaquim Mendes dos Remédios.
Continuo — António Gomes Tinoco.
Archeiro de serviço — por turno.

SECRETARIA GERAL

(Telefóno 133)

- Secretário geral* — Manuel da Silva Gaio, bacharel formado em Direito.
Oficial maior — José Maria de Oliveira e Sá.

1.º Oficial — José Henriques de Sousa Sêco.

2.º Oficial — José Maria Antunes.

3.º Oficial — Alfredo Marques Manso.

Porteiro — Henrique Augusto de Oliveira.

Contínuo — Carlos Maria Mesquita.

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE

Director — Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, professor ordinário da Faculdade de Letras.

Amanuense — Henrique Augusto de Oliveira.

COFRE ACADEMICO

Tesoureiro — Lino Alberto Ferreira Santa Clara.

GERAIS

Guarda-mór e Porteiro — António Augusto Marques Donato.

Contínuos :

Vago.

Vago.

Augusto Costa.

António Gomes Tinoco.

Antero Teixeira de Sousa Leite.

José Augusto Lopes de Almeida.

Guarda dos Archeiros :

Francisco Gonçalves.

António Marques.

António Maria Rasteiro.

António dos Reis.

Joaquim Ferreira Gázio,

Joaquim Lourenço Paixão.
 Adelino Pinto.
 Manuel Sarmento.
 António da Costa Madeira.
 Martinho do Vale.
 Manuel da Silva Feitor.

BIBLIOTECA

(Telefóno 115)

Bibliotecário (interino) — Dr. Francisco Martins, professor ordinário da Faculdade de Letras.

Oficiais:

José Marques Perdigão Donato.
 José Ernesto Marques Donato.

Amanuense — António Mercês.

Porteiro — João dos Santos Ningre.

Contínuo — Abel Pais de Figueiredo.

Auxiliar — João de Assunção.

Empregado na catalogação — Augusto Mendes Simões de Castro, bacharel formado em Direito.

Serventes — António Berardo.

» — Ana da Conceição.

IMPRENSA

(Telefóno 137)

Administração

Administrador — Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

Contador — Vago.

Amanuense (interino) — Adriano do Nascimento.

Tesoureiro e fiel (interino) — Paulo de Carvalho Moura.

Revisão

Primeiro revisor — Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela, lente
catedrático da Faculdade de Direito.

Segundo revisor (interino) — Octaviano do Carmo e Sá.

Serviço geral

Alçador — Joaquim dos Santos Jácome.

Porteiro e continuo — Manuel António Augusto de Carvalho.

Oficina de composição

Director das oficinas — João Correia dos Santos.

Compositores :

Albertino Gonçalves.

António da Silva Rocha.

Cândido Augusto Nazaré.

António Augusto Larcher.

Joaquim Maria Mesquita.

Adelino Viriato da Costa e Almeida.

José Maria Rodrigues.

Joaquim Rasteiro Fontes.

Joaquim Correia dos Santos.

Carlos Costa.

Caetano Ramos.

António de Oliveira Cabelo.

António José Adriano.

Júlio de Andrade Correia.

Teolindo Ventura Trindade.

Augusto Teixeira de Sá.

Manuel de Almeida.

Francisco Mendes Alcântara.

José Alves dos Santos.

Guilherme de Moura Vieira.

Escola de composição

Mestre — António Ferraz.

Aprendizes :

Alfredo dos Santos Fonseca.

José Augusto de Figueiredo.

Amadeu Caetano da Piedade.

Joaquim Lemos.

Oficina de impressão

Chefe — Joaquim Teixeira de Sá.

Impressores:

Manuel Martins.
António Borges de Melo.
Francisco Tavares de Oliveirã.
João de Assunção Gouveia.
Carlos Ribeiro.

Escola de impressão

Mestre — O chefe da oficina.

Aprendizes:

Paulo Dias Raimundo.
Ismael Teixeira de Sá.

ESTABELECEMENTOS DA FACULDADE DE MEDICINA

Hospitais da Universidade

(Enfermarias do antigo quadro. Clínicas da Faculdade de Medicina.
Quartos particulares. Laboratório de Análises clínicas
Laboratório de radioescopia, radiografia e electroterápia)

Administração e Tesouraria

(Telefóno 71)

Administrador — Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Administrador substituto — Dr. Luís dos Santos Viégas, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Tesoureiro — João Machado Feliciano.

Conselho fiscal

Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, director da Faculdade de Medicina.

Dr. Daniel Ferreira de Matos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Dr. Elísio de Azevedo e Moura, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Bacharel Adriano José de Carvalho, provedor da Misericórdia de Coimbra.

Pessoal clínico

Clínicos ordinários do antigo quadro:

- Dr. João Jacinto da Silva Correia, lente aposentado da Faculdade de Medicina.
Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Luís Pereira da Costa, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Clínico extraordinário do antigo quadro:

- Dr. Luís dos Santos Viégas, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Clínico interno do antigo quadro—Artur de Azevedo Leitão, bacharel formado em Medicina.*Professores das Clínicas da Faculdade:*

- Dr. Daniel Ferreira de Matos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Lúcio Martins da Rocha, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. António de Pádua, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Ângelo Rodrigues da Fonseca, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Elísio de Azevedo e Moura, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Álvaro de Almeida Matos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. João Emílio Raposo de Magalhães, professor extraordinário da Faculdade de Medicina.

Assistentes das Clínicas da Faculdade:

- Artur de Azevedo Leitão, bacharel formado em Medicina.
Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa, bacharel formado em Medicina.
Alberto Moreira da Rocha Brito, bacharel formado em Medicina.
Álvaro Fernando de Novais e Sousa, bacharel formado em Medicina.
António Luís de Moraes Sarmiento, aluno do 5.º ano médico.
Eduardo Nogueira de Lemos, aluno do 5.º ano médico.
Nicolau da Silva Gonçalves, aluno do 5.º ano médico.

Pessoal auxiliar

Enfermagem

Chefe de enfermeiros — José Ferreira dos Santos.

Farmácia

Chefe da Farmácia — Francisco Maria Rego.

Secretaria

Chefe da Secretaria — Eugénio Augusto das Neves Eliseu,
bacharel em Teologia.

Oficial — Joaquim Simões Barrico.

Guarda e serviços subalternos

Chefe da rouparia — Francisco do Carmo e Sá.

Chefe da despensa — Adriano Ferreira da Costa Brandão.

Enfermarias do antigo quadro

Enfermaria de Medicina geral e doenças venéreas (Homens)

(Antiga 1.^a enfermaria)

Director — Dr. João Jacinto da Silva Correia.

Dirige esta enfermaria o Clínico extraordinário, Dr. Luís dos Santos Viégas.

Enfermaria de Medicina geral (Homens)

(Antiga 2.^a enfermaria)

Director — Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral.

Enfermaria de Medicina geral (Mulheres)

(Antiga 4.^a enfermaria)

Director — Dr. Luís Pereira da Costa.

Enfermaria de doenças venéreas (Mulheres)

(Antiga 6.^a enfermaria)

Director — Dr. Luís Pereira da Costa.

Enfermarias de doenças infecto-contagiosas

(Antigas 7.^a e 8.^a enfermarias)

Director — Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire.

Clínicas da Faculdade de Medicina

(Telefónos 182 e 321)

Clinica de Terapêutica médica(corresponde à 8.^a cadeira do 3.^o ano do período transitório)*Director* — Dr. Lúcio Martins da Rocha.**1.^a Clínica médica**(corresponde à 10.^a cadeira do 4.^o ano)*Director* — Dr. Elísio de Azevedo e Moura.**2.^a Clínica médica**(corresponde à 13.^a cadeira do 5.^o ano)*Director* — Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.**Clinica neurológica***Director* — Dr. Elísio de Azevedo e Moura.**Clinica psiquiátrica***Director* — Dr. António de Pádua.**1.^{os} assistentes (interinos) das Clínicas médicas:**

Alberto Moreira da Rocha Brito.

António Luís de Moraes Sarmiento.

2.^o assistente (interino) das Clínicas médicas:

Nicolau da Silva Gonçalves.

Clinica de Terapêutica e Técnica cirúrgica(corresponde à 5.^a cadeira do 2.^o ano)*Director* — Dr. João Emílio Raposo de Magalhães.Dirige actualmente esta Clínica o professor extraordinário
Dr. Sérgio Ferreira da Rocha Calisto.**1.^a Clínica cirúrgica**(corresponde à 9.^a cadeira do 3.^o ano)*Director* — Dr. Ângelo Rodrigues da Fonseca.

2.^a Clínica cirúrgica

(corresponde à 11.^a cadeira do 4.^o ano)

Director — Dr. Daniel Ferreira de Matos.

Clínica oftalmológica

Director — Dr. Álvaro de Almeida Matos.

Clínica urológica

Director — Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca.

1.^o *assistente (interino) das Clínicas cirúrgicas:*
Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

2.^o *assistente das Clínicas cirúrgicas:*
Artur de Azevedo Leitão.

2.^o *assistente (interino) das Clínicas cirúrgicas:*
Eduardo Nogueira de Lemos.

Clínica obstétrica

(Avenida do Jardim Botânico — Teléfono 321)

(corresponde à 12.^a cadeira do 4.^o ano)

Director — Dr. Álvaro de Almeida Matos.

1.^o *assistente (interino)* — Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

Quartos particulares

O serviço clínico dos quartos particulares dos Hospitais da Universidade é dirigido pelos Clínicos ordinários e extraordinário do antigo quadro e pelos professores das Clínicas da Faculdade de Medicina (pag. 90).

Laboratório de Análises clínicas

(Hospitais da Universidade)

Director — Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.

Preparador contratado (interino) — João Marques dos Santos, bacharel formado em Medicina.

Laboratório de Radioscopia, Radiografia e Electroterapia

(Hospitais da Universidade)

Director — Dr. Elísio de Azevedo e Moura.*Assistente* — José Rodrigues de Oliveira, bacharel formado em Medicina.**Laboratório de Técnica cirúrgica**

(Largo Marquês de Pombal)

Director — Dr. João Emílio Raposo de Magalhães.*Dirige actualmente* — Dr. Sérgio Ferreira da Rocha Calisto.**Maternidade de Coímbra**

(Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes)

Secção hospitalar. Secção de grávidas. Lactário

Comissão administrativa*Presidente* — Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, Administrador dos Hospitais da Universidade.*Presidente substituto* — Dr. Luís dos Santos Viégas, Administrador substituto dos Hospitais da Universidade.*Vogais efectivos da Comissão:*

Dr. Álvaro de Almeida Matos.

Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.

Vogais substitutos da Comissão:

Dr. Elísio de Azevedo e Moura.

Dr. Sérgio Ferreira da Rocha Calisto.

Director da Maternidade — Dr. Álvaro de Almeida Matos.*Adjunto ao Director* — Bacharel José António de Sousa Nazaré.*Oficial de registo* — Francisco José da Costa Ramos.*Amanuense* — Augusto Leonardo de Carvalho.*Regente* — Maria da Conceição Bastos.*Tesoureiro* — João Machado Feliciano.

Laboratório de Anatomia descritiva e topográfica

(Largo Marquês de Pombal)

Director — Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º *Assistente* — Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, doutor em Medicina.

2.º *Assistente (interino)* — João Duarte de Oliveira, bacharel formado em Medicina.

Laboratório de Histologia e embriologia

(Avenida do Jardim Botânico — Telefone 223)

Director — Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º *Assistente (interino)* — Geraldino da Silva Baltasar Brites, bacharel formado em Medicina.

2.º *Assistente* — José António de Sousa Nazaré, bacharel formado em Medicina.

Laboratório de Fisiologia

(Avenida do Jardim Botânico — Telefone 223)

Director — Dr. António de Pádua, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Assistente (interino) — Carlos Augusto da Costa Mota, aluno do 5.º ano médico.

Laboratório de Farmacologia

(Rua de S. Jerónimo)

Director — Dr. Francisco José da Silva Basto, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Dirige actualmente — Dr. Lúcio Martins da Rocha, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Assistente (interino) — Feliciano Augusto da Cunha Guimarães, bacharel formado em Medicina.

Laboratório de Anatomia patológica

(Largo Marquês de Pombal)

Director — Dr. Luís dos Santos Viégas, professor ordinário da faculdade de Medicina.

1.ºs Assistentes (interinos):

João Marques dos Santos, bacharel formado em Medicina.
Alberto Cupertino Pessoa, bacharel formado em Medicina.

2.º assistente — Francisco de Freitas Cardoso e Costa, bacharel formado em Medicina.

Instituto de Medicina legal

(Largo Marquês de Pombal)

Director — Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro, professor extraordinário da Faculdade de Medicina e director da Morgue de Coímbra.

Assistentes:

Os 1.ºs assistentes do Laboratório de Anatomia patológica.

Laboratório de Bactereologia

(Largo Marquês de Pombal—Telefone 116)

Director — Dr. Luís Pereira da Costa, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º Assistente (interino) — Afonso Augusto Pinto, bacharel formado em Medicina.

1.º Assistente — Alberto dos Santos Nogueira Lobo, licenciado em Medicina.

2.º Assistente (interino) — Francisco Augusto de Lacerda Forjaz, aluno do 5.º ano médico.

Instituto de Higiene

(Rua Ferrer—Telefone 95)

Director — Dr. João Serras e Silva, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Assistentes:

Os 1.ºs assistentes do Laboratório de Bactereologia.

ESTABELECEMENTOS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS

1.^a SECÇÃO

Observatório astronómico

Director — Dr. João José Dantas Souto Rodrigues, professor catedrático, aposentado, da Faculdade de Matemática.

1.^o *astrónomo* — Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, professor de Astronomia.

2.^o *astrónomo* — Dr. Luciano António Pereira da Silva, professor de Mecânica celeste.

3.^o *astrónomo* — Vago.

(*Vagos quatro lugares de ajudantes*).

Guarda e maquinista — José dos Santos Donato.

Praticante e maquinista (interino) — Alfredo Maria Rêgo.

Porteiro (interino) — Jorge Alves.

2.^a SECÇÃO

Observatório meteorológico e magnético

Director — Dr. António dos Santos Viégas, professor de Física dos sólidos e fluidos.

Ajudantes (interinos):

António Pedro Leite.

Adriano de Jesus Lopes.

António Alberto dos Santos Mota.

Praticante (interino) — Joaquim Gomes Paredes.

Guarda (interino) — Adriano José.

Laboratório químico

Director — Dr. Álvaro José da Silva Basto.

Chefe dos trabalhos práticos (interino) — Vago.

Gabinete e laboratório de física

Director — Dr. António dos Santos Viégas, professor de Física dos sólidos e fluidos.

Guarda do gabinete (interino) — Fernando Estêves Viseu.

3.^a SECÇÃO

Jardim Botânico

Director — Dr. Júlio Augusto Henriques, professor de Botânica.

Naturalista adjunto — Joaquim de Mariz Júnior, bacharel formado em Medicina e Filosofia.

Jardineiro chefe (interino) — Adolfo Frederico Móler.

Jardineiro ajudante (interino) — Joaquim dos Santos Pires.

Museu de história natural

Secção de zoologia

Director — Dr. Bernardo Aires, professor de Zoologia.

Naturalista adjunto (interino) — Geraldino da Silva Baltasar Brites, bacharel formado em Medicina.

Conservador (interino) — António Duarte.

Secção de mineralogia e geologia

Director — Dr. António José Gonçalves Guimarães, professor de Mineralogia e Petrologia.

Conservador (interino) — José Vitorino Baptista dos Santos.

Secção de antropologia e arqueologia pré-histórica

Director — Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação, professor de Antropologia.

Conservador (interino) — José António Domingos dos Santos.

Maquinista dos gabinetes da Faculdade — José dos Santos Donato.

MOVIMENTO DO PESSOAL UNIVERSITÁRIO

DESDE 1 DE ABRIL ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 1912

PESSOAL DOCENTE

Faculdade de Teologia

Dr. Manuel de Jesus Lino. — Professor ordinário. Faleceu em Coímbra, em 3 de maio de 1912.

Faculdade de Letras

D.^{ra} D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. — Colocada no lugar de professora ordinária do 3.º grupo da Faculdade de Letras por decreto de 31 de agosto de 1912 (*Diário do Governo* de 21 de outubro). Posse em 18 de novembro de 1912.

Dr. António José Gonçalves Guimarães. — Nomeado, nos termos do artigo 128.º do decreto regulamentar de 19 de agosto de 1911 para reger língua e literatura latina do 1.º grupo da Faculdade de Letras — Filologia clássica (*Diário do Governo* de 21 de outubro de 1912).

Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação. — Nomeado, nos termos do artigo 128.º do decreto regulamentar de 19 de agosto de 1911, para reger o curso semestral de Etnologia do 5.º grupo da Faculdade de Letras (*Diário do Governo* de 21 de outubro de 1912).

Faculdade de Direito

B.^{el} Alberto da Cunha Rocha Saraivã. — Nomeado assistente do 3.º grupo, por decreto de 13 de abril de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 108, de 9 de maio). Posse em 13 de maio de 1912.

Faculdade de Medicina

Álvaro Fernando de Novais e Sousa. — Nomeado 1.º assistente provisório da 6.ª classe por portaria de 5 de junho de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 141, de 18 de junho). Posse em 19 de junho de 1912.

Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho. — Nomeado 1.º assistente da 1.ª classe por decreto de 6 de dezembro de 1911 (*Diário do Governo*, n.º 2, de 3 de janeiro de 1912). Posse em 15 de julho de 1912.

António Luís de Morais Sarmiento. — Nomeado 1.º assistente provisório da 8.ª classe por portaria de 31 de agosto de

- 1912 (*Diário do Governo*, n.º 220, de 18 de setembro). Posse em 20 de setembro de 1912.
- B.^{el} Mário Martins Ribeiro. — Nomeado 2.º assistente provisório da 4.ª classe por portaria de 31 de agosto de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 220, de 18 de setembro). Posse em 20 de setembro de 1912.
- B.^{el} Feliciano Augusto da Cunha Guimarães. — Nomeado 1.º assistente provisório da 3.ª classe, por portaria de 31 de agosto de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 220, de 18 de setembro). Posse em 16 de outubro de 1912.

Faculdade de Ciências

- Diogo Pacheco de Amorim. — Nomeado 2.º assistente provisório do 1.º grupo da 1.ª secção, por portaria de 25 de junho de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 161, de 11 de julho). Posse em 13 de julho de 1912.

REPARTIÇÕES E ESTABELECIMENTOS

Secretaria

- Alfredo Marques Manso. — Nomeado 3.º oficial por decreto de 4 de maio de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 121, de 24 de maio). Posse em 27 de maio de 1912.
- Augusto Dinís de Carvalho. — Nomeado bedel da 1.ª secção da Faculdade de Ciências por decreto de 12 de outubro de 1912 (*Diário do Governo* de 21 de outubro). Posse em 1 de novembro de 1912.
- Abílio Marques dos Santos. — Nomeado bedel das 2.ª e 3.ª secções da Faculdade de Ciências por decreto de 12 de outubro de 1912 (*Diário do Governo* de 21 de outubro). Posse em 1 de novembro de 1912.

Laboratório de higiene

- Eugénio Augusto das Neves Eliseu. — Nomeado analista do Laboratório de higiene por despacho ministerial de 7 de fevereiro de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 107, de 8 de maio). Posse em 10 de maio de 1912.

Observatório meteorológico

- António Barata Dias da Silva. — Guarda interino. Faleceu em Coimbra, em 19 de junho de 1912.
- Adriano José. — Nomeado guarda interino do Observatório por despacho ministerial de 12 de setembro de 1912 (*Diário do Governo*, n.º 227, de 26 de setembro).

Jardim Botânico

Joaquim dos Santos Pires. — Nomeado jardineiro ajudante, interino, por alvará da reitoria de 31 de agosto de 1912 (*Diário do Governo* de 23 de outubro).

Repartição de Contabilidade da Secretaria da Universidade de Coimbra, em 30 de novembro de 1912.

O 1.º oficial,

José Henriques de Sousa Sêco.

MOVIMENTO ACADÉMICO

NO ANO LECTIVO DE 1911-1912



En el año 1812, el gobierno de la República de Colombia, por medio del Congreso de Cundinamarca, decretó la creación de la Universidad de Colombia, con sede en Bogotá, para el 30 de noviembre de 1812. Este decreto fue firmado por el entonces presidente de la República, Simón Bolívar, el 23 de agosto de 1812.

O. F. Solís

Este documento es una copia de un original que se encuentra en el archivo de la Universidad de Colombia. El original fue escrito por O. F. Solís en el año 1812.

UNIVERSIDAD DE COLOMBIA

Este documento es una copia de un original que se encuentra en el archivo de la Universidad de Colombia. El original fue escrito por O. F. Solís en el año 1812.

UNIVERSIDAD DE COLOMBIA

Este documento es una copia de un original que se encuentra en el archivo de la Universidad de Colombia. El original fue escrito por O. F. Solís en el año 1812.

UNIVERSIDAD DE COLOMBIA

Este documento es una copia de un original que se encuentra en el archivo de la Universidad de Colombia. El original fue escrito por O. F. Solís en el año 1812.

MOVIMENTO ACADÉMICO

NO ANO LECTIVO DE 1911-1912

MOVIMENTO ACADÊMICO

NO ANO LECTIVO DE 1913

INFORMAÇÕES DO MÉRITO LITERÁRIO

Dos alunos que concluíram Curso nas diferentes faculdades
no ano lectivo de 1911-1912

FACULDADE DE TEOLOGIA

BACHAREIS

- Luís de Andrade e Silva, filho de Manuel da Silva, natural de Entre Vinhas, concelho do Sardoal, distrito de Santarem — Bom, com 14 valores.
- Bernardino Justino dos Santos Andrade, filho de António Justino Afonso de Oliveira Pacheco, natural de S. Martinho do Outeiro, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- António Augusto de Castro Meireles, filho de Raimundo Augusto Duarte Meireles, natural de S. Vicente de Boím, distrito do Pôrto — Muito bom, com 19 valores.
- António Ferreira Pedras, filho de João Ferreira Pedras, natural de Arcozêlo, concelho de Barcelos, distrito de Braga — Bom, com 17 valores.
- João Pedro Ruela de Almeida Ramos, filho de Manuel José Pereira de Almeida Ramos, natural de Bunheiro, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro — Bom, com 16 valores.
- João Carlos Henriques Tavares de Sousa, filho de Francisco Venâncio Henriques, natural de Murtosa, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro — Bom, com 14 valores.
- Liberato do Nascimento Tomé, filho de Francisco José Tomé, natural de Cedovim, concelho de Fozcôa, distrito da Guarda — Bom, com 17 valores.
- José António Marques, filho de Manuel Marques de Matos, natural de S. Joaninho, distrito de Viseu — Bom, com 16 valores.
- Joaquim Manuel Ruela e Cirne, filho de António Joaquim Ruela, natural de Bunheiro, distrito de Aveiro — Bom, com 16 valores.
- Manuel Gonçalves Cerejeira, filho de Avelino Gonçalves Cerejeira, natural de Louzada, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga — Muito bom, com 18 valores.
- Manuel Rodrigues, filho de António Rodrigues, natural de Viseu — Suficiente, com 13 valores.

FACULDADE DE DIREITO

1.^a ÉPOCA

BACHAREIS

- Pedro Goes Pita, filho de António Félix Pita, natural do Funchal — Bom, com 15 valores.
- Júlio da Fonte Magalhães, filho de José da Fonte Magalhães, natural de Franzilhal, concelho de Alijó, distrito de Vila Real — Bom, com 14 valores.
- Augusto Carlos Afonso Marques, filho de Manuel Lourenço Antão Marques, natural de Veiros, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro — Bom, com 15 valores.
- Francisco da Cunha Freitas Mourão de Carvalho Soto Maior, filho de Paulo da Cunha Mourão Carvalho Soto Maior, natural de Ribas, concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga — Bom, com 14 valores.
- Francisco Freire Metelo Sacadura Bote, filho de Júlio César de Sande Sacadura Bote, natural de Coímbra — Bom, com 16 valores.
- Manuel Paulo Mereia, filho de Adriano Mereia, natural de Lisboa — Muito bom, com 19 valores.
- António Maria Martins Faria, filho de José Martins de Faria, natural da Póvoa de Varzim, distrito do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- Adriano José Ramos Pereira de Magalhães, filho de Francisco Xavier Pereira de Magalhães, natural de Valença, distrito de Viana do Castelo — Suficiente, com 13 valores.
- António Ferreira Cortez, filho de Alfredo Maria Cortez Machado, natural de Aveiro — Suficiente, com 13 valores.
- Afonso de Sousa Pinheiro, filho de Aniceto Augusto Pinheiro da Costa Ribeiro, natural do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- Bernardino Justino dos Santos Andrade, filho de António Justino Afonso de Oliveira Pacheco, natural de S. Martinho do Outeiro, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- António Vítor Gorjão Nogueira, filho de Domingos de Almeida Fernandes Nogueira, natural de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa — Bom, com 15 valores.
- Frederico Agostinho Falcão Machado, filho de Adriano Adelino Falcão Machado, natural de Ala, distrito de Bragança — Suficiente, com 11 valores.
- José Augusto Soares de Matos, filho de Emília das Neves Soares, natural de Tavira, distrito de Faro — Suficiente, com 12 valores.
- Domingos Martins Romão, filho de João Martins Romão, natural de Segura, distrito de Castelo Branco — Suficiente, com 13 valores.

- Jacinto Pinto Ferreira Guerra, filho de Manuel de Pinho, natural de Vilar de Paraíso, concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Pôrto — Suficiente, com 11 valores.
- Alberto de Almeida Dias, filho de José de Almeida Dias, natural de Valadares, distrito do Pôrto — Suficiente, com 12 valores.
- José Dias Garcia, filho de António Alves Garcia, natural de Madeirã, concelho de Oleiros, distrito de Castelo Branco — Bom, com 14 valores.
- João dos Santos Carvalho, filho de Joaquim de Carvalho, natural de Cimbres, concelho de Armamar, distrito de Viseu — Bom, com 15 valores.
- António da Costa Pereira de Azevedo, filho de Manuel Fernandes de Azevedo, natural da Figueira da Foz, distrito de Coímbra — Bom, com 15 valores.
- Alberto Ribeiro Jorge, filho de João Ribeiro Jorge, natural de Guimarães, distrito de Braga — Suficiente, com 11 valores.
- Mário Augusto de Almeida, filho de Eduardo Augusto de Almeida, natural de Miranda do Corvo, distrito de Coímbra — Bom, com 15 valores.
- António do Amaral Cabral, filho de Albino Cabral Saldanha, natural de Nogueirinha, freguesia de Meruje, concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coímbra — Bom, com 16 valores.
- Álvaro Augusto Dinís da Costa, filho de Artur Augusto da Costa, natural de Ceia, distrito da Guarda — Bom, com 14 valores.
- Joaquim Alves Martins, filho de José Martins, natural de Proença-a-Nova, distrito de Castelo Branco — Suficiente, com 12 valores.
- Armando da Cunha, filho de Alfredo Fernandes da Cunha, natural de Campelo, concelho de Baião, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- José Maria de Almeida Coutinho, filho de Leopoldo de Almeida Coutinho, natural de S. Bartolomeu de Barqueiros, concelho de Mesão Frio, distrito de Vila Real — Bom, com 14 valores.
- António Kendall Ramos de Magalhães, filho de António Ramos de Faria Magalhães, natural do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- António Artur da Piedade Rebelo, filho de Frederico Francisco Xavier Ligório Raimundo Rebelo, natural de Margão (Índia portuguesa) — Bom, com 17 valores.
- Júlio Mascarenhas Viana de Lemos, filho de João Gonçalves Viana de Lemos, natural da Louzã, distrito de Coímbra — Suficiente, com 13 valores.
- Jorge da Cruz Jorge, filho de Leonardo da Cruz Jorge, natural de Cantanhede, distrito de Coímbra — Bom, com 15 valores.
- José Ferreira Rodrigues de Figueiredo dos Santos, filho de

- Joaquim Ferreira Rodrigues de Figueiredo, natural de Vila Pouca do Ameal, distrito de Coimbra — Suficiente, com 13 valores.
- Luís Gonzaga da Fonseca Moreira, filho de Bento José Soares Alves da Cunha, natural de Felgueiras, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- Guilherme da Silva Martins, filho de Manuel da Silva Martins de Ascensão, natural de Alfêna, concelho de Valongo, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- Amândio Neves Pereira de Castro, filho de António Neves Pereira de Castro, natural de Fafe, distrito de Braga — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco Henrique Brandão Pereira, filho de Henrique José Pereira, natural de Montemor-o-Novo, distrito de Évora — Bom, com 14 valores.
- Joaquim Gomes Belo, filho de Manuel Gomes Belo, natural de Bemquerenças, distrito de Castelo Branco — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco de Oliveira Massano, filho de José de Oliveira Massano, natural de Lisboa — Bom, com 14 valores.
- Augusto César Esteves, filho de Francisco António Esteves, natural de Melgaço, distrito de Viana do Castelo — Suficiente, com 13 valores.
- Armando do Amaral Cabral, filho de Albino Cabral Saldanha, natural de Nogueirinha, freguesia de Meruje, concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra — Bom, com 16 valores.
- Alberto Henrique Gorjão Nogueira, filho de Domingos de Almeida Fernandes Nogueira, natural de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa — Suficiente, com 12 valores.
- Alfredo Cândido Pinto Alves, filho de Benigno de Jesus Alves, natural de Santa Maria da Porta, concelho de Melgaço, distrito de Viana do Castelo — Suficiente, com 12 valores.
- António Bandeira, filho de José Bandeira, natural de Eiras, distrito de Coimbra — Bom, com 15 valores.
- António Ferreira Pedras, filho de João Ferreira Pedras, natural de Arcozêlo, concelho de Barcelos, distrito de Braga — Bom, com 16 valores.
- Roberto Eduardo da Costa Macedo, filho de Eduardo da Costa Macedo, natural de Santo Tirso, distrito do Pôrto — Suficiente, com 11 valores.
- Américo Pinto da Gama Leão, filho de Joaquim Lopes Monteiro Amadôr, natural de Castelo de Penalva, concelho de Penalva do Castelo, distrito de Viseu — Bom, com 14 valores.
- Francisco Lourenço Valadão Júnior, filho de Francisco Lourenço Valadão, natural de Vila Nova, distrito de Angra do Heroísmo — Bom, com 14 valores.
- Manuel Serras Pereira, filho de João dos Santos Pereira, natural de Alcaravela, concelho do Sardoal, distrito de Santarém — Bom, com 15 valores.

- Francisco Cordeiro Pereira Machado, filho de Manuel Pereira Machado, natural de Penacova, distrito de Coímbra — Suficiente, com 13 valores.
- Jaime dos Santos Lopes Dias, filho de José Lopes Dias, natural de Vale de Lobo, concelho de Penamacôr, distrito de Castelo Branco — Suficiente, com 13 valores.
- José Marques da Cruz, filho de Francisco Marques da Cruz, natural de Córtes, distrito de Leiria — Bom, com 15 valores.
- António Ferreira da Fonseca, filho de Augusto Ferreira da Fonseca, natural de Leomil, concelho de Moimenta da Beira, distrito de Viseu — Suficiente, com 12 valores.
- Henrique Pereira Ribeiro, filho de António Ribeiro da Conceição, natural de Leiria — Suficiente, com 13 valores.
- João Cândido Teixeira, filho de Francisco Xavier Teixeira, natural da Horta — Bom, com 14 valores.
- António Augusto Crispiniano Vieira, filho de António Cardoso Vieira, natural de Barrô, concelho de Resende, distrito de Viseu — Suficiente, com 13 valores.
- Eurico de Barros Nogueira, filho de Casimiro Augusto Soares Nogueira, natural de Arganil, distrito de Coímbra — Suficiente, com 13 valores.
- José Alves Ferreira Neves, filho de Salvador Coelho da Silva Neves, natural de Mozelos, concelho da Feira, distrito de Aveiro — Suficiente, com 12 valores.
- Óscar da Fonseca Moreira, filho de José da Fonseca Moreira, natural do Rio de Janeiro (Brasil) — Suficiente, com 13 valores.
- Gustavo Ferreira Borges, filho de Joaquim Ferreira Borges, natural da Marinha Grande, distrito de Leiria — Suficiente, com 13 valores.
- Manuel Joaquim Tavares da Costa, filho de Pedro António de Almeida e Costa, natural da Carregosa, concelho de Oliveira de Azemeis, distrito de Aveiro — Bom, com 15 valores.
- José Baptista Dias Gomes, filho de João Baptista Dias Gomes, natural de S. Brás de Alportel, distrito de Faro — Bom, com 14 valores.
- António Francisco de Sousa Araújo, filho de António Cândido de Sousa Araújo, natural de Melgaço, freguesia de Paderne, distrito de Viana do Castelo — Bom, com 15 valores.
- Jorge Manuel Horta do Vale, filho de Carlos Elisiário Maldonado Horta e Vale, natural de Tondela, distrito de Viseu — Bom, com 14 valores.
- Eduardo dos Santos Maia Mendes, filho de Eduardo Artur Maia Mendes, natural do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- António Ribeiro Henriques da Silva, filho de José Maria Henriques da Silva, natural de Amoreira Alta, concelho de Coruche, distrito de Santarem — Suficiente, com 12 valores.

- António Baltasar Pereira, filho de José Cláudio Pereira Baltasar, natural de Pêso da Régua, distrito de Vila Real — Bom, com 14 valores.
- António Pinto da Costa, filho de António Augusto Pinto da Costa, natural de Montelavar, distrito de Lisboa — Bom, com 14 valores.
- Ângelo José Afonso, filho de João Baptista Ferreira Afonso, natural de Perêdo, concelho de Moncôrvo, distrito de Bragança — Suficiente, com 13 valores.
- João Xavier Camarate de Campos, filho de Cipriano Justino da Costa Campos, natural de Montemór-o-Novo, distrito de Évora — Bom, com 14 valores.
- Jerónimo António Ferreira, filho de Manuel António Ferreira, natural de Vermoim, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga — Suficiente, com 13 valores.
- José Henriques Martins, filho de António Martins da Silva, natural de Pecegueiro, distrito de Aveiro — Bom, com 16 valores.
- João Pedro Ruela de Almeida Ramos, filho de Manuel José Pereira de Almeida Ramos, natural de Bunheiro, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro — Bom, com 16 valores.
- António Figueiredo da Costa Barbosa, filho de José Maria Correia Barbosa, natural de Odemira, distrito de Beja — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco de Paula Duriez Esteves Pereira, filho de António Esteves Pereira, natural de Petrópolis (Estados Unidos do Brasil) — Suficiente, com 12 valores.
- Mário de Pina Cabral, filho de José Augusto Cardoso de Pina Cabral, natural de Santa Comba Dão, distrito de Viseu — Bom, com 14 valores.
- Fernando de Albuquerque Dias, filho de Paulino Possidónio de Albuquerque Dias, natural de S. Pedro de Azureis, concelho de Guimarães, distrito de Braga — Bom, com 14 valores.
- Manuel Pedro de Moraes Cardoso, filho de Manuel Pedro Cardoso Júnior, natural de Sobral de Monte Agraço, distrito de Lisboa — Bom, com 15 valores.
- João Carlos Henriques Tavares de Sousa, filho de Francisco Venâncio Henriques, natural de Murtosa, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro — Bom, com 14 valores.
- Augusto Ribeiro Vaz, filho de António Augusto Ribeiro Vaz, natural de Lisboa — Suficiente, com 13 valores.
- Luís Loureiro de Andrade, filho de Bernardo Casimiro de Andrade, natural do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- João dos Santos Megre, filho de Agostinho Gândara Megre Restier, natural do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- José Adriano Pequito Rebelo, filho de José Caetano Rebelo, natural de Gavião, distrito de Portalegre — Bom, com 17 valores.
- António Cordeiro Gomes de Abreu, filho de António Gomes de Abreu, natural de Santarém — Bom, com 16 valores.

- José Alves Morgado, filho de Manuel dos Santos Morgado, natural de Freixeda, distrito da Guarda — Bom, com 16 valores.
- José António Marques, filho de Manuel Marques de Matos, natural de S. Joaninho, distrito de Viseu — Bom, com 16 valores.
- Pedro de Sande Mexia Aires de Campos, filho do Conde do Ameal, natural de Coímbra — Suficiente, com 12 valores.
- Alberto Eduardo Valado Navarro, filho de Alberto de Castro Pereira de Almeida Navarro, natural do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- João Pereira Ramos, filho de João Pereira Ramos, natural de Cercosa, concelho de Vouzela, distrito de Viseu — Bom, com 15 valores.
- Frederico Augusto Igrejas, filho de João Igrejas, natural de Chaves, distrito de Vila Real — Bom, com 17 valores.
- Pedro José Bressane Leite Perry de Sousa Gomes, filho de Francisco José de Sousa Gomes, natural de Coímbra — Bom, com 14 valores.
- José Gonçalves Ferrão de Araújo, filho de João Pereira de Sousa Araújo, natural de Mortágua, distrito de Viseu — Bom, com 15 valores.
- Ernesto da Fonseca, filho de Eduardo da Fonseca, natural da freguesia de Santa Leocádia de Baião, distrito do Pôrto — Bom, com 15 valores.
- David Bruno Soares Moreira, filho de Ludgero Augusto Moreira, natural de Abrantes, distrito de Santarém — Suficiente, com 13 valores.
- Eduardo Fialho da Silva Sarmento, filho de Eduardo Augusto de Sousa Sarmento, natural de Abrantes, distrito de Santarém — Bom, com 14 valores.
- Eduardo Vilaça, filho de António Eduardo Vilaça, natural de Lisboa — Suficiente, com 13 valores.
- António Bernardo da Fonseca e Cunha Júnior, filho de Honorato Augusto da Fonseca e Cunha, natural de Teixoso, distrito de Castelo Branco — Bom, com 15 valores.
- Francisco Luís Portilho de Carvalho Cerqueira, filho de José Luís Álvares de Carvalho Cerqueira, natural de Telões, concelho de Amarante, distrito do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- António Bebiano Correia, filho de Manuel Correia de Carvalho, natural de Castanheira de Pêra, distrito de Leiria — Suficiente, com 12 valores.
- António Emídio da Silva e Sá Nogueira, filho de José Nunes Rodrigues Nogueira, natural de Rio Maior, distrito de Santarém — Bom, com 16 valores.
- José de Sousa Reto, filho de Miguel de Sousa Reto, natural de Vila de Igreja, concelho de Satam, distrito de Viseu — Bom, com 14 valores.
- Mariano Caetano de Santana Godinho, filho de José Pedro de

- Santana Godinho, natural de Margão (Índia Portuguesa) — Suficiente, com 12 valores.
- Porfírio António da Silva, filho de António Joaquim da Silva, natural de Palme, concelho de Barcelos, distrito de Braga — Suficiente, com 12 valores.
- Aníbal Augusto dos Santos Azevedo, filho de António Joaquim Azevedo, natural de Vale de Afonsinho, distrito da Guarda — Suficiente, com 13 valores.
- António Gonçalves Santiago, filho de António Maria Gonçalves Santiago, natural de Ovar, distrito de Aveiro — Bom, com 14 valores.
- Carlos Augusto de Arbuez Moreira Júnior, filho de Carlos Augusto de Arbuez Moreira, natural de Lisboa — Bom, com 14 valores.
- João José de Brito e Silva, filho de Ludovico José da Silva, natural de Souzel, distrito do Pôrto — Suficiente, com 13 valores.
- João Serrão Cintra do Vale, filho de João Serrão do Vale, natural de Odemira, distrito de Beja — Bom, com 14 valores.
- José Álvaro de Meneses, filho de Maria de Carvalho, natural do Pôrto — Suficiente, com 12 valores.
- Duarte Manuel de Andrade Albuquerque Betencourt, filho do Conde de Albuquerque, natural de Ponta Delgada — Bom, com 15 valores.
- José Pinto Loureiro, filho de António Dias de Loureiro, natural de Nelas, distrito de Viseu — Bom, com 16 valores.
- José Rodrigues de Almeida Ribeiro, filho de António Rodrigues de Almeida Ribeiro, natural de Ourique, distrito de Beja — Bom, com 14 valores.
- Luís de Andrade e Silva, filho de Manuel da Silva, natural de Entre Vinhas, concelho do Sardoal, distrito de Santarém — Bom, com 14 valores.
- António Malheiro Correia Pereira Peixoto, filho de Gaspar Malheiro Pereira Peixoto, natural de Viseu — Suficiente, com 13 valores.
- José Vitorino Policarpo de Oliveira, filho de José Vitorino de Oliveira, natural de Olhão, distrito de Faro — Suficiente, com 13 valores.
- Mariano da Maia e Vasconcelos de Castro Mendes, filho de Tibério Augusto Maia Mendes, natural de Lisboa — Bom, com 14 valores.
- Pedro Augusto dos Santos Gomes Júnior, filho de Pedro Augusto dos Santos Gomes, natural de Viseu — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco de Barros Teixeira Homem de Sande e Castro, filho de Manuel de Barros Ferreira Cabral Homem, natural de Samaiões, concelho de Chaves, distrito de Vila Real — Suficiente, com 11 valores.
- António Augusto da Silva, filho de Francisco Teodoro da

- Silva, natural de Câmara de Lobos, distrito do Funchal — Suficiente, com 13 valores.
- António de Abreu Mesquita, filho de José de Abreu Mesquita, natural de Vila Cova de Sub-Avô, distrito de Coímbra — Suficiente, com 13 valores.
- António da Silva Figueiredo, filho de António Rodrigues da Silva, natural de Corujeiro, freguesia de Lageosa, concelho de Tondela, distrito de Viseu — Bom, com 14 valores.
- Próspero Eugénio Correia, filho de Ezequiel Maria Correia, natural da Figueira da Foz, distrito de Coímbra — Suficiente, com 12 valores.
- Mariano José de Arruda, filho de Mariano José de Arruda, natural de Vila Franca do Campo, distrito de Ponta Delgada — Bom, com 14 valores.
- Miguel de Mendonça Barbosa Montenegro, filho de João de Mendonça Barbosa Montenegro, natural de S. João de Fontoura, concelho de Resende, distrito de Viseu — Suficiente com 12 valores.
- Alfredo Marques Teixeira de Azevedo, filho de Mateus Teixeira de Azevedo, natural de Tavira, distrito de Faro — Bom, com 17 valores.
- António Afonso, filho de António Apolinário Afonso, natural de Tortozendo, distrito de Castelo Branco — Bom, com 15 valores.
- Joaquim Martins Gonçalves, filho de Casimiro Gonçalves, natural de Rio Torto, concelho de Gouveia, distrito da Guarda — Bom, com 16 valores.
- Mário Elísio de Paiva Jácome, filho de Carlos da Costa Freitas Jácome, natural de Lisboa — Bom, com 14 valores.
- José Gomes Paredes, filho de Joaquim Gomes Paredes, natural de Coímbra — Bom, com 15 valores.
- Miguel da Costa Braga, filho de Miguel José da Costa Braga, natural de Coímbra — Bom, com 14 valores.
- Adelino Ferreira de Mesquita, filho de José de Mesquita, natural do Paião, concelho da Figueira da Foz, distrito de Coímbra — Suficiente, com 13 valores.
- Manuel Luís Ferreira Tavares Pereira e Silva, filho de Manuel Luís Ferreira Júnior, natural de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco Paulo Menano, filho de António da Costa Menano, natural de Fornos de Algôdres, distrito da Guarda — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco António Varela Pimentel, filho de António Varela de Jesus, natural de Penaverde, distrito da Guarda — Suficiente, com 12 valores.
- José Pinto Rodrigues da Costa de Barros, filho de José Pinto Rodrigues da Costa, natural de Caldas das Taipas, distrito de Braga — Bom, com 14 valores.
- Alfredo Eduardo Lencastre da Veiga, filho de Basílio Alberto

- Lencastre da Veiga, natural de S. João Baptista — Ilha Brava (Cabo Verde) — Bom, com 16 valores.
- António José do Lumiar Ramos, filho de Manuel António da Silva Ramos, natural de Braga — Suficiente, com 13 valores.
- Mário Tavares de Carvalho, filho de António Tavares de Carvalho, natural de Lisboa — Bom, com 14 valores.
- António dos Santos Correia Marques, filho de José Correia Marques, natural de S. Miguel de Souto, concelho da Feira, distrito de Aveiro — Bom, com 15 valores.
- Adriano de Vilhena Pereira da Cruz, filho de Manuel Pereira da Cruz, natural de Aveiro — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco José de Menezes Fernandes Costa, filho de Francisco José Fernandes Costa, natural de Coímbra — Bom, com 16 valores.
- Alexandre Cunha Teles, filho de Norberto Jaime Teles, natural do Funchal — Bom, com 17 valores.
- Manuel Pereira Brandão, filho de Cândido Mendes Brandão, natural de S. Salvador de Sabadim, concelho de Arcos de Val-de-Vez, distrito de Viana do Castelo — Bom, com 14 valores.
- Luís António de Sousa e Costa, filho de Joaquim Gonçalves da Costa, natural de Barcelos, distrito de Braga — Suficiente, com 13 valores.
- Abílio Augusto do Nascimento, filho de José Emídio do Nascimento, natural do Espinhal, concelho de Penela, distrito de Coímbra — Bom, com 14 valores.
- José Alves Monteiro Júnior, filho de José Alves Monteiro, natural do Fundão, distrito de Castelo Branco — Bom, com 14 valores.
- Eduardo de Oliveira Baptista, filho de José Baptista, natural de Cardigos, concelho de Mação, distrito de Santarem — Bom, com 16 valores.
- Sérgio da Cunha Tarouca, filho de José Marques Tarouca, natural de Alpedrinha, distrito de Castelo Branco — Suficiente, com 13 valores.
- António Nunes de Carvalho, filho de Joaquim Pereira de Carvalho, natural de Beja — Suficiente com 13 valores.
- António Augusto Durães, filho de António Joaquim Durães, natural de Melgaço, distrito de Viana do Castelo — Bom, com 15 valores.
- Feliz de Morais Barreira, filho de Abel Barreira, natural de Chaves, distrito de Vila Real — Bom, com 14 valores.
- Fernando Cortez Pizarro de Sampaio e Melo, filho de Paulo Pizarro de Carvalho e Melo, natural de Lisboa — Bom, com 16 valores.
- Fernando de Macedo Lopes, filho de Carlos Lopes, natural de Miragaia, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- D. José de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, filho de D. Diogo de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, natural de Viseu — Bom, com 17 valores.

- Jaime Herculano da Costa Sarmento, filho de José Lourenço da Costa, natural de Coímbra — Bom, com 14 valores.
- Francisco José da Silveira Campos, filho de João Pedro de Sousa Campos, natural de Póvoa de Varzim, distrito de Pôrto — Suficiente, com 12 valores.
- José Maria Cardoso, filho de Augusto César de Oliveira Cardoso, natural de Fajão, concelho da Pampilhosa da Serra, distrito de Coímbra — Bom, com 15 valores.
- João Garraio Correia da Silva, filho de António Correia da Silva Júnior, natural de Lisboa — Suficiente, com 12 valores.
- Florêncio Leite Pereira de Sousa Lobo, filho de Bernardo Teixeira de Sousa Lobo, natural de Fornos, concelho de Fafe, distrito de Braga — Suficiente, com 13 valores.
- Aníbal Simões de Almeida Campos, filho de Francisco Simões de Almeida Campos, natural de Cavernães, distrito de Viseu — Bom, com 16 valores.
- Celestino Tavares Monteiro, filho de José Alves Monteiro, natural do Fundão, distrito de Castelo Branco — Suficiente, com 13 valores.
- Mário Alfama Ferro, filho de Manuel da Silva Pinto Ferro, natural da Ilha de S. Vicente (Cabo Verde) — Suficiente, com 13 valores.

2.^a ÉPOCA

(Outubro e Novembro de 1912)

- Gaspar Augusto Pinto da Silva, filho de Manuel Pinto da Silva, natural da Várzea do Douro, concelho de Marco de Canavezes, distrito do Pôrto — Bom, com 15 valores.
- Vicente Ribeiro Leite de Sousa e Vasconcelos, filho de António Ribeiro Leite de Sousa e Vasconcelos, natural de Margarede, concelho de Felgueiras, distrito do Pôrto — Bom, com 17 valores.
- António Augusto da Silva Carneiro Júnior, filho de António Augusto da Silva Carneiro, natural de S. Paio, concelho de Guimarães, distrito de Braga — Suficiente, com 11 valores.
- António dos Santos, filho de João dos Santos, natural de Miheirós, concelho da Maia, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- Eduardo de Vasconcelos Cardoso Brochado, filho de Adriano Augusto de Vasconcelos Cardoso Brochado, natural de S. Martinho da Aliviada, concelho de Marco de Canavezes, distrito do Pôrto — Bom, com 14 valores.
- Vítor Monteiro Simões, filho de Manuel Bernardo Simões, natural de Malhada Sorda, distrito da Guarda — Bom, com 14 valores.